

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS
LITERÁRIOS

MARIANNA DE MOURA COTTA

**AMIZADE, HOMOSSOCIABILIDADE E DOENÇA NA
CORRESPONDÊNCIA ENTRE MACHADO DE ASSIS,
MAGALHÃES DE AZEREDO E MÁRIO DE ALENCAR**

MONTES CLAROS
FEVEREIRO – 2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS
LITERÁRIOS

MARIANNA DE MOURA COTTA

**AMIZADE, HOMOSSOCIABILIDADE E DOENÇA NA
CORRESPONDÊNCIA ENTRE MACHADO DE ASSIS,
MAGALHÃES DE AZEREDO E MÁRIO DE ALENCAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras / Estudos Literários, do Departamento de Comunicação e Letras, do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras – Estudos Literários.

Área de Concentração: Estudos Literários
Linha de Pesquisa: Tradição e Modernidade
Orientador: Profa. Dra. Maria Aparecida Oliveira de Carvalho

**Montes Claros
Fevereiro – 2026**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS



Dissertação de Mestrado, intitulada “Amizade, homossociabilidade e doença na correspondência entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar”, de autoria da mestranda em Letras - Estudos Literários, Marianna de Moura Cotta, avaliada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª. Dra. Maria Aparecida Oliveira de Carvalho
Orientadora (Unimontes)

—

—

Montes Claros, de fevereiro de 2026.

*A Antônio Máximo de Moura, Antônio Augusto
Barbosa Moura, Yara Barbosa Moura e Zélia
Xavier da Cruz Silva:*

*“Naquela mesa está faltando eles, e a saudade
deles está doendo em mim...”*

(Sérgio Bittencourt)

*Ao meu pai, Helmon Ângelo Cotta, por sempre
valorizar minhas palavras.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Tida Carvalho, a quem caberiam agradecimentos pela generosidade intelectual e pelo incentivo constante ao longo da pesquisa. Prefiro, contudo, expressar minha gratidão por meio da epígrafe que ela mesma me sugeriu: *“Si on me presse de dire pour qu'on l'aimais, j'en sens que cela ne se peut primer qu'en répondant: parce que c'était lui, parce que c'était moi.”* (Michel de Montaigne)

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unimontes e aos seus professores, pela formação intelectual e pelo ambiente acadêmico que tornou possível esta pesquisa.

Aos amigos Giorgia, Luciana, Thiago, Barbara, Bruna, Milena, Luciene e Toninho, meu agradecimento pelas conversas e pela escuta atenta, bem como pelo incentivo e pelo apoio que me ofereceram, cada um à sua maneira, ao longo do período de escrita.

Aos primos Marlene, Byron, Alex, Amma, Thiago, Viviane e meu compadre Byrão: dizem que família a gente não escolhe, mas eu escolheria vocês, sempre.

Izabella e Pedro, meus filhos queridos! Obrigada pelas risadas e pelas conversas noturnas, que me ajudaram a espairecer. Machado e Mário eram muito melancólicos...

“Porque era ele; porque era eu.”
Montaigne

RESUMO

Esta dissertação analisa a correspondência trocada entre Machado de Assis, Carlos Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, com o objetivo de compreender de que modo a escrita epistolar participa da construção de relações de amizade e de formas de homossociabilidade masculina no contexto da cultura letrada brasileira do final do século XIX e início do século XX. Ao partir da compreensão da carta como prática discursiva regulada por convenções formais, expectativas sociais e estratégias retóricas, o trabalho afasta-se de leituras meramente documentais ou biografistas e propõe a análise da correspondência como espaço de elaboração simbólica e relacional. O estudo situa o gênero epistolar no interior da tradição retórica ocidental, com atenção à *ars dictaminis*, e examina a permanência de seus elementos estruturais na correspondência machadiana, como a *salutatio*, a *captatio benevolentiae*, a *narratio*, a *petitio* e a *conclusio*. A análise das cartas evidencia que os vínculos de amizade entre os correspondentes se manifestam por meio de práticas discursivas recorrentes, como a troca de conselhos, pedidos, manifestações de cuidado e demonstrações de confiança, sem a imposição de hierarquias rígidas entre os interlocutores. A dissertação dedica atenção especial ao modo como o tema da doença é elaborado nas cartas. Embora recorrente, a epilepsia nunca é nomeada diretamente, sendo construída por meio de alusões, silêncios e referências indiretas. A doença aparece como experiência compartilhada, que estrutura formas específicas de solidariedade e aproximação entre os missivistas, sem ser mobilizada como explicação causal da criação literária. Ao articular epistolografia, amizade, homossociabilidade e doença, o trabalho contribui para a ampliação dos estudos literários brasileiros, reconhecendo a correspondência como objeto legítimo de análise e como espaço relevante de construção de relações intelectuais e afetivas no período estudado.

Palavras-chave: Machado de Assis. Correspondência. Amizade. Homossociabilidade. Doença.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the correspondence exchanged between Machado de Assis, Carlos Magalhães de Azeredo, and Mário de Alencar, with the aim of understanding how epistolary writing participates in the construction of relationships of friendship and forms of male homosociability within the context of Brazilian literate culture in the late nineteenth and early twentieth centuries. Starting from an understanding of the letter as a discursive practice regulated by formal conventions, social expectations, and rhetorical strategies, the study moves away from purely documentary or biographical readings and proposes an analysis of correspondence as a space of symbolic and relational elaboration. The research situates the epistolary genre within the Western rhetorical tradition, with particular attention to the *ars dictaminis*, and examines the persistence of its structural elements in Machado de Assis's correspondence, such as the *salutatio*, *captatio benevolentiae*, *narratio*, *petitio* and *conclusio*. The analysis of the letters shows that bonds of friendship among the correspondents are manifested through recurring discursive practices, such as the exchange of advice, requests, expressions of care, and demonstrations of trust, without their position of rigid hierarchies between interlocutors. The dissertation devotes special attention to the ways in which the theme of illness is articulated in the letters. Although recurrent, epilepsy is never directly named, being constructed through allusions, silences, and indirect references. Illness appears as a shared experience that structures specific forms of solidarity and proximity among the correspondents, without being mobilized as a causal explanation for literary creation. By bringing together epistolography, friendship, homosociability, and illness, the study contributes to the expansion of Brazilian literary studies by recognizing correspondence as a legitimate object of analysis and as a relevant space for the construction of intellectual and affective relationships during the period under study.

Keywords: Machado de Assis. Correspondence. Friendship. Homosociability. Illness.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
CAPÍTULO 1 – O GÊNERO EPISTOLAR.....	18
1.1O gênero epistolar e a literatura.....	22
1.2 O gênero epistolar e a retórica: Antiguidade e Idade Média.....	23
1.3 A <i>ars dictaminis</i> na correspondência de Machado de Assis.....	25
1.3.1 A <i>salutatio</i>	26
1.3.2 A <i>captatio benevolentiae</i>	29
1.3.3 A <i>narrativo</i>	32
1.3.4 A <i>petitio</i>	34
1.3.5 A <i>conclusio</i>	36
1.4 A recepção crítica das cartas de Machado de Assis no cenário da literatura brasileira.....	37
1.5 Um missivista performático: outra abordagem possível.....	44
CAPÍTULO 2 – AMIZADE E HOMOSSOCIABILIDADE	51
2.1 Platão: <i>eros</i> e <i>philia</i>	51
2.2 Aristóteles: amizade e virtude.....	52
2.3 Cícero: o Estado acima da amizade.....	53
2.4 Machado de Assis e Magalhães de Azeredo.....	53
2.4 Machado de Assis e Mário de Alencar.....	67
2.5 A homosociabilidade na correspondência de Machado de Assis.....	72
CAPÍTULO 3 – DOENÇA: O PECADO ORIGINAL	86
3.1 Mal sagrado, mal secreto.....	87
3.2 A doença nas cartas dos três amigos.....	91
3.3 A doença e a literatura machadiana.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	111

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante muito tempo, a correspondência ocupou um lugar incômodo no interior dos estudos literários. Embora a carta tenha sido um meio de comunicação amplamente utilizado por escritores, intelectuais e homens públicos, ela foi pouco reconhecida como objeto legítimo de análise literária. Associada ao cotidiano, ao circunstancial e ao privado, a escrita epistolar foi frequentemente tratada como um documento auxiliar, útil, sobretudo para a reconstituição biográfica ou histórica, mas destituída de valor estético próprio. A consolidação do romance e da poesia como gêneros centrais do campo literário contribuiu para esse processo ao estabelecer parâmetros de literariedade que tendiam a excluir formas textuais marcadas pela funcionalidade comunicativa.

Esse deslocamento da carta para as margens da literatura não ocorreu de modo fortuito. A partir do século XVIII, com a progressiva valorização da ficção e da autonomia da obra literária, a crítica passou a privilegiar textos concebidos como criações imaginativas, desvinculadas de finalidades práticas imediatas. Nesse contexto, a carta passou a ser vista como gênero híbrido e instável, situada entre o documento e a literatura, entre o público e o privado. A dependência de um destinatário concreto, a inserção em situações específicas de comunicação e a aparente espontaneidade contribuíram para que fosse considerada incompatível com as exigências de complexidade formal e profundidade reflexiva atribuídas à arte literária.

No campo da crítica literária, essa percepção resultou em leituras marcadamente biografistas da correspondência. As cartas foram valorizadas, principalmente, por permitirem acessar a vida íntima do autor, revelar traços de personalidade ou esclarecer episódios de trajetória intelectual. Essa abordagem, defendida por críticos como Sainte-Beuve, acabou por reforçar a ideia de que a carta teria interesse apenas como complemento da obra literária, e não como objeto de análise em si mesma. A reação a esse modelo, sobretudo a partir do século XX, contribuiu para um novo apagamento da epistolografia, uma vez que o receio do biografismo levou muitos estudiosos a evitarem a análise de cartas, consideradas um terreno arriscado.

No Brasil, esse movimento foi particularmente intenso. A crítica literária brasileira, ao longo do século XX, consolidou-se em torno da análise de obras ficcionais e ensaísticas, relegando a correspondência a um papel secundário. Mesmo no caso de autores cuja produção epistolar é vasta e significativa, como Machado de Assis, Mário de Andrade ou Lima Barreto, as

cartas foram tratadas como material periférico, quando não desinteressantes. Em muitos casos, limitaram-se a edições anotadas ou a transcrições, sem que se avançasse para uma reflexão mais ampla sobre o funcionamento discursivo do gênero epistolar.

Entretanto, nas últimas décadas, observa-se uma reavaliação desse quadro. O crescimento do interesse pelas chamadas “escritas de si”, categoria que engloba autobiografias, diários, memórias e correspondências, contribuiu para a ampliação do *corpus* considerado relevante pelos estudos literários. Esse deslocamento teórico permitiu compreender a carta não apenas como registro factual, mas como prática discursiva, permeada por convenções, expectativas e estratégias retóricas. A epístola passou a ser entendida como espaço de elaboração simbólica, no qual se constroem identidades, relações afetivas e posições sociais.

Ainda assim, a incorporação da carta ao campo dos estudos literários permanece marcada por tensões. Muitos estudiosos continuam a considerá-la um gênero menor em razão da leveza aparente, do caráter fragmentário e da função comunicativa explícita. Questiona-se, com frequência, se a carta seria capaz de sustentar uma análise literária consistente ou se estaria condenada a um estatuto intermediário, entre o documento histórico e o texto estético. Essas dúvidas revelam, em última instância, concepções restritivas de literatura, que tendem a excluir formas textuais não ficcionais ou fortemente vinculadas à experiência concreta do sujeito.

A tradição epistolar ocidental, indiferente a essas concepções, oferece amplo testemunho da importância da carta como forma discursiva. Desde a Antiguidade, a escrita de cartas esteve associada à retórica e à reflexão moral, como se observa nas epístolas de Cícero, Sêneca e Plínio, o Jovem. Na Idade Média, com o desenvolvimento da *arsdictaminis*, a carta foi sistematizada como discurso estruturado, dotado de partes definidas e submetido a regras de composição. Mesmo com o declínio dessas normas na modernidade, a correspondência manteve-se como prática central de comunicação entre escritores e intelectuais, funcionando como espaço de debate, aconselhamento e construção de redes de sociabilidade.

Desse modo, considerar a carta como objeto de análise literária implica reconhecer sua complexidade formal e histórica. A epístola não é um texto espontâneo no sentido ingênuo do termo, mas uma escrita orientada por expectativas sociais, códigos de decoro e estratégias de apresentação de si. O fato de se dirigir a um destinatário específico não reduz sua densidade discursiva; ao contrário, condiciona sua forma e seu conteúdo, exigindo do remetente escolhas cuidadosas quanto ao que dizer, como dizer e, especialmente, o que silenciar.

É a partir dessa compreensão que se insere a presente dissertação. Ao eleger a correspondência como objeto central, o trabalho busca afastar-se tanto da leitura meramente documental quanto da recusa crítica fundada no temor do biografismo. A carta é aqui entendida como espaço de relação, no qual se articulam amizade, homossociabilidade e experiências compartilhadas, como as doenças. Essa perspectiva permite examinar a correspondência não como reflexo transparente da vida privada, mas como forma discursiva que constrói sentidos, regula afetos e organiza vínculos no interior da cultura letrada brasileira do final do século XIX e início do século XX.

Machado de Assis ocupa posição singular na literatura brasileira e constitui-se como o autor mais extensamente estudado do país. Sua produção literária, que atravessa praticamente toda a segunda metade do século XIX e o início do século XX, abrange romances, contos, crônicas, poesia, teatro e crítica literária. Obras como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* consolidaram um projeto literário marcado pela ironia, pela ambiguidade moral e pela reflexão sobre a condição humana, tornando-se referências incontornáveis da tradição literária brasileira. A recepção crítica de Machado é vasta e heterogênea, tendo sido abordada sob perspectivas históricas, sociológicas, filosóficas e ideológicas.

Desde os primeiros estudos críticos, ainda no início do século XX, até as leituras mais recentes, Machado de Assis foi interpretado como escritor realista, cético, irônico, moralista, pessimista ou moderno. Antonio Candido, Roberto Schwarz, Alfredo Bossi, John Gledson, Hélio de Seixas Guimarães e muitos outros contribuíram para ampliar o entendimento dos romances e contos desse autor. Essa vasta fortuna crítica evidencia não apenas a centralidade de Machado de Assis, mas também a multiplicidade de leituras que sua obra suscita.

Apesar da vasta fortuna crítica, certos aspectos da produção de Machado de Assis permaneceram em segundo plano. A correspondência machadiana, embora numerosa e permeada por temas recorrentes, foi frequentemente considerada um conjunto menor, incapaz de oferecer elementos relevantes para a compreensão da obra literária. Muitos críticos expressaram frustração diante da discrição das cartas, nas quais Machado raramente se permite confidências diretas ou comentários incisivos sobre política, estética ou vida pessoal. Essa avaliação levou à consolidação da ideia de uma epistolografia marcada pela contenção, pelo pudor e pela recusa à exposição, frequentemente descrita como “esquiva”.

Entretanto, essa contenção não deve ser confundida com pobreza expressiva. As cartas de Machado de Assis revelam uma escrita consciente de seus destinatários e de suas possíveis formas de circulação. O autor escreve de modo calculado, atento ao decoro e às convenções sociais, evitando afirmações que pudessem ser mal interpretadas ou expostas fora do círculo de confiança. Nesse sentido, a correspondência machadiana não se define pela ausência de conteúdo, mas por uma economia discursiva que privilegia o indireto, o implícito e o silêncio. É justamente essa forma de dizer pouco, porém de maneira significativa, que torna suas cartas particularmente interessantes para uma análise atenta às estratégias discursivas.

Carlos Magalhães de Azeredo surge nesse conjunto como um interlocutor privilegiado e, ao mesmo tempo, como uma figura marginalizada pela historiografia literária brasileira. Escritor, crítico e diplomata, Azeredo manteve intensa atividade intelectual no final do século XIX e início do século XX, produzindo ensaios, estudos históricos e textos de crítica literária. Apesar disso, sua obra permanece pouco conhecida no Brasil, sendo raramente estudada de forma autônoma. Quando mencionado pela crítica, geralmente aparece como personagem secundário na vida de Machado de Assis ou como correspondente ocasional, e não como autor com trajetória própria.

A carreira diplomática de Azeredo contribuiu para esse apagamento. Ao longo da vida, ele passou grande parte do tempo fora do Brasil, sobretudo na Europa, atuando em diferentes postos e estabelecendo residência definitiva no exterior. Ao contrário de outros escritores de sua geração, Azeredo não voltou a residir no Brasil, mantendo vínculos intelectuais e afetivos à distância. Essa condição de expatriado permanente refletiu-se em sua correspondência, marcada por relatos de viagens, observações sobre costumes estrangeiros e reflexões melancólicas sobre a escrita e a saúde. Azeredo morreu em 1963, na Itália, aos 91 anos de idade, após uma vida dedicada às letras e à diplomacia, permanecendo, ainda hoje, como figura pouco explorada pela crítica literária nacional (Azeredo, 2003).

Alguns estudiosos mencionam Azeredo em função da proximidade com Machado de Assis, destacando seu papel como defensor da obra machadiana em momentos de crítica desfavorável. Como anteriormente mencionado, não se observa, na historiografia literária brasileira, um corpo consistente de estudos dedicados exclusivamente à sua produção intelectual. Esse relativo silêncio crítico torna sua correspondência ainda mais relevante, na medida em que permite acessar não apenas sua relação com Machado, mas também as inquietações, expectativas e modos de inserção no campo literário.

Mário de Alencar ocupa posição intermediária entre a centralidade de Machado e o apagamento de Azeredo. Filho de José de Alencar, integrou o meio intelectual carioca do final do século XIX e início do século XX, atuando como escritor, crítico e membro da Academia Brasileira de Letras. Sua produção inclui ensaios e textos de reflexão literária, embora não tenha alcançado grande projeção junto ao público ou à crítica. Ainda assim, Mário desempenhou papel importante como interlocutor de Machado de Assis, especialmente nos últimos anos de vida do escritor, quando a correspondência entre ambos se intensificou.

A relação entre Machado e Mário de Alencar foi marcada por grande afinidade afetiva e intelectual. Mário via em Machado uma figura de mestre e conselheiro, a quem recorria com frequência para discutir questões literárias, institucionais e pessoais. Essa proximidade é reconhecida pela crítica, embora raramente analisada de forma aprofundada. Assim como ocorre com Azeredo, Mário de Alencar aparece mais como personagem da vida de Machado do que como objeto de estudo em si mesmo.

A biografia de Mário de Alencar é marcada pela doença. Epilético, viveu sob o impacto constante das limitações impostas por essa condição, que afetou sua produção intelectual e sua vida social. Apesar de a epilepsia não ser nomeada diretamente em sua correspondência, ela se faz presente de forma insistente, por meio de referências a crises, tratamentos, cansaço e melancolia. Mário de Alencar morreu em 1925, aos 53 anos, encerrando precocemente uma trajetória intelectual marcada pela fragilidade física e pela intensidade das relações afetivas.

Portanto, a correspondência entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar permite observar um conjunto de trajetórias distintas, mas profundamente entrelaçadas. De um lado, um autor consagrado, amplamente estudado e situado no centro do campo literário brasileiro. De outro, dois escritores menos conhecidos, cujas obras e vidas permanecem à margem da historiografia literária, mas que desempenharam papel significativo na rede de sociabilidade intelectual do período. As cartas trocadas entre eles constituem um espaço privilegiado para compreender como essas diferenças de posição se articulam com vínculos de amizade, confiança e cuidado.

É nessa esfera das relações que emerge, com força particular, o tema da doença. Longe de ser apenas um dado biográfico, as enfermidades aparecem como experiências compartilhadas, capazes de aproximar os correspondentes e de estruturar formas específicas de solidariedade masculina. Assim, a correspondência revela não apenas trajetórias individuais, mas um modo de

convívio intelectual no qual fragilidade física, melancolia e criação literária se entrelaçam de maneira complexa e sutil.

A partir do conjunto de cartas trocadas entre Machado de Assis, Carlos Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, esta dissertação se organiza em torno de um problema central que orienta a leitura da correspondência como prática discursiva: de que modo essas cartas constroem relações de amizade e formas específicas de homossociabilidade masculina, ao mesmo tempo em que elaboram, de maneira indireta e controlada, o tema da doença no contexto da cultura letrada brasileira do final do século XIX e início do século XX? Trata-se de compreender não apenas o que é dito nas cartas, mas também como se diz, a quem se diz e em que circunstâncias determinadas experiências, especialmente aquelas relacionadas ao corpo enfermo, são compartilhadas ou evitadas. Parte-se da hipótese de que a correspondência não apenas reflete vínculos de amizade já constituídos, mas contribui ativamente para sua construção discursiva.

Esse problema se justifica, em primeiro lugar, pelo lugar ambíguo ocupado pela correspondência na fortuna crítica machadiana. Apesar do volume expressivo de estudos dedicados à obra de Machado de Assis, suas cartas foram, em grande medida, lidas como textos menores, marcados pela contenção e pela ausência de revelações. Essa percepção contribuiu para uma desvalorização crítica da epistolografia machadiana, considerada incapaz de oferecer elementos relevantes para a análise literária. Ao deslocar o foco da expectativa de confiança para a observação das estratégias discursivas, esta pesquisa propõe uma leitura que reconhece, na reserva e no silêncio, não um empobrecimento da escrita, mas uma forma específica de construção do vínculo epistolar.

Em segundo lugar, o problema de pesquisa se fundamenta na necessidade de reconsiderar a correspondência como espaço privilegiado de sociabilidade intelectual. As cartas analisadas revelam uma rede de relações masculinas sustentada pela troca constante de escritos, conselhos, pedidos e manifestações de cuidado. Essa rede não se limita à afinidade literária, mas envolve também questões institucionais, profissionais e afetivas. A amizade que se constrói nessas cartas não é abstrata nem idealizada, materializa-se em práticas discursivas concretas, reguladas por convenções de decoro, hierarquia e confiança. Examinar essas práticas permite compreender melhor as formas de convívio intelectual no período e os modos pelos quais os escritores negociavam proximidade e distância.

O tema da doença ocupa lugar central nessa dinâmica relacional. A epilepsia aparece como experiência recorrente, mas nunca nomeada de forma direta. Machado de Assis menciona seus males com parcimônia, justificando essas referências pelo grau de confiança no interlocutor. Azeredo e Mário de Alencar, por sua vez, fazem da fragilidade física e nervosa um assunto constante, associando-a à dificuldade de escrever, à melancolia e à sensação de esgotamento. A doença, nesse contexto, não funciona como explicação causal da criação literária, mas como elemento discursivo que participa da construção dos vínculos de amizade e da partilha de uma condição comum de vulnerabilidade.

Diante dessas questões, esta dissertação tem como objetivo geral analisar a correspondência entre Machado de Assis, Carlos Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, investigando de que modo a escrita epistolar constrói relações de amizade e homossociabilidade masculina e elabora, de forma indireta e controlada, o discurso da doença. Como objetivos específicos, busca-se: situar a correspondência machadiana no âmbito dos estudos literários e epistolares; examinar as formas discursivas por meio das quais a amizade se manifesta nas cartas; analisar os modos de circulação do discurso da doença, considerando tanto as menções quanto os silêncios que a cercam; e compreender o papel dessas trocas epistolares na configuração de redes intelectuais masculinas no período.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que adota uma abordagem qualitativa e interpretativa da correspondência. O *corpus* é constituído por cartas ativas e passivas trocadas entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, reunidas em edições críticas. A análise considera não apenas o conteúdo temático das cartas, mas também aspectos formais e retóricos, como fórmulas de saudação e despedida, pedidos, conselhos, justificativas e modos de autoapresentação. Esses elementos são entendidos como componentes fundamentais da escrita epistolar e como indícios das relações que se constroem entre os correspondentes.

A leitura das cartas é orientada por uma perspectiva histórica e discursiva, que leva em conta as convenções do gênero epistolar, as normas sociais de decoro e reserva e as posições ocupadas pelos missivistas no campo literário e intelectual de seu tempo. A pesquisa dialoga com estudos sobre epistolografia, sociabilidade intelectual e escritas de si, sem a intenção de aplicar modelos teóricos de forma rígida. Esses referenciais são mobilizados como instrumentos de

leitura, capazes de iluminar os modos pelos quais a correspondência articula experiências pessoais e relações sociais.

Importa destacar que esta dissertação evita deliberadamente abordagens de cunho psicológico ou deterministas, que tendem a reduzir a obra literária à expressão direta de estados patológicos. Em lugar disso, a doença é tratada como matéria discursiva, como algo que se diz, se regula e se compartilha de acordo com o interlocutor e o contexto. Essa perspectiva permite compreender a enfermidade como elemento que participa da construção dos vínculos epistolares e da ética relacional que sustenta essas trocas, e não como causa da escrita.

A dissertação está organizada em três capítulos, além das Considerações Iniciais e Finais. As Considerações Iniciais estabelecem a contextualização do tema, a relevância do estudo, o problema de pesquisa, os objetivos (geral e específicos), a hipótese e a estrutura do trabalho. O primeiro capítulo apresenta uma discussão sobre o gênero epistolar, abordando a tradição histórica e teórica, com atenção às convenções que estruturam a escrita de cartas. O segundo capítulo analisa a amizade e a homossociabilidade na correspondência entre Machado, Azeredo e Mário de Alencar, considerando as posições ocupadas por cada um no campo intelectual. O terceiro capítulo examina a doença nas cartas e na obra de Machado de Assis, atentando tanto para as menções explícitas quanto para os silêncios e as formas indiretas de se referir ao assunto. Por fim, as Considerações Finais sintetizam os achados, respondendo à pergunta de pesquisa e confirmando os objetivos e destacando as contribuições do estudo.

Com esse percurso, a dissertação busca contribuir para uma compreensão mais ampla da correspondência machadiana e de seus interlocutores, reconhecendo a carta como espaço legítimo de elaboração literária, relacional e histórica. Ao articular amizade, homossociabilidade e doença, o trabalho propõe uma leitura que valoriza a densidade e a sutileza dessas trocas epistolares e amplia o campo dos estudos literários brasileiros, incorporando a epistolografia como objeto central de investigação.

CAPÍTULO 1 – O GÊNERO EPISTOLAR

Em 14 de janeiro de 1894, Machado de Assis escreveu: “Não creia que me possa ver aí, onde eu desejara estar, agora que o verão entrou com todos os seus fornos acesos. Há muito não temos estação tão cálida” (Assis, 2019, tomo III, p. 32). Não é difícil imaginar o autor sentado à escrivaninha cheia de papéis, talvez um pouco cansado, talvez meio mal-humorado, escrevendo essa carta ao amigo Magalhães de Azeredo. Em um de seus raros momentos de expansão, Machado escreve que “não há sequer a compensação das noites, que em muitos lugares são mais ou menos frescas” (Assis, 2019, tomo III, p. 32). E continua: “Aqui têm sido insuportáveis. A de ontem, após três noites de temporal, pode ser dormida com sossego. Sabe que padeço muito com o calor” (Assis, 2019, tomo III, p. 32).

Durante toda a vida, Machado cultivou o hábito de escrever cartas: foram centenas de mensagens trocadas entre seus vários amigos – para Carlos Magalhães de Azeredo, por exemplo, enviou, aproximadamente, 52 cartas e, para Mário de Alencar, 22. Contudo, embora Machado de Assis possua uma extensa e consolidada fortuna crítica, construída ao longo de mais de um século, sua produção epistolar permanece relativamente pouco estudada. A correspondência do autor, ainda que revele aspectos essenciais de sua trajetória intelectual e afetiva, tem recebido atenção secundária frente à análise de seus contos, romances e crônicas.

No decorrer da pesquisa, descobriu-se que a pouca atenção dada à produção epistolar – não só a machadiana – provavelmente decorre do fato de que os estudos sobre epistolografia, ao longo do tempo, enfrentaram resistência tanto de pesquisadores quanto de críticos literários. A partir do século XVIII, o campo das letras passou a privilegiar a dimensão estética em detrimento da retórica. Nesse processo, a noção de literatura passou a ser vinculada ao ficcional, o que contribuiu para o apagamento de certos gêneros, como o epistolar, do campo da crítica e da historiografia literária. Um exemplo ilustrativo desse viés ficcional é o romance epistolar *As ligações perigosas*, de Choderlos de Laclos, publicado em 1782, e amplamente reconhecido como obra-prima do gênero, além de reiteradamente adaptado para o cinema.

Segundo Marie-Claire Grassi (1998, p. 3), “no plano literário, o gênero epistolar foi por muito tempo considerado como menor, em relação à poesia, gênero nobre por excelência, depois em relação ao romance”. Já Tin (2005), que compreendem as cartas como gênero literário e documento histórico, argumentam:

Carta é literatura, então. Mas há quem diga que não seja “Literatura”, assim, com letra maiúscula. Carta seria “literatura”, gênero menor, marginal, secundário. Poderia, aqui, a título de provocação, dizer como Afonso Romano de Sant’Anna que “não há gênero menor, há pessoas menores diante de certos gêneros”, e encerrar minha argumentação (Tin, 2005, p. 5).

Brigitte Diaz (2016), por sua vez, afirma que as cartas são textos híbridos, resistentes a qualquer classificação genérica rígida. Trata-se de um gênero literário indefinível, que oscila entre categorias incertas, como arquivos, documentos e testemunhos, o que dificulta a definição de seu lugar no organograma da literatura. A crítica do século XIX recepcionou essas cartas somente às margens do literário, uma vez que sua aprovação dependia de que não fossem consideradas como arte. Tornaram-se, assim, objetos literários marcados por uma profunda ambiguidade, pois, mesmo tendo sido intensamente colecionadas, divulgadas e discutidas, as cartas foram, ao mesmo tempo, rebaixadas ao papel de meros documentos biográficos ou psicológicos, úteis apenas para reconstruir a trajetória de um indivíduo ou de sua obra. De Sainte-Beuve¹ a Lanson², prevaleceu o entendimento de que seu valor maior residia em revelar os homens por trás das teorias e o cotidiano por trás das ideias. Fortemente vinculadas à figura de um sujeito e à experiência pessoal, as correspondências eram valorizadas, sobretudo, quando deixavam transparecer a voz do homem íntimo. Essa redução ao âmbito do privado talvez explique por que vieram a se tornar pouco palatáveis aos olhos dos críticos do século XX.

Ainda de acordo com Diaz (2016), interessar-se por correspondências, no século XX ou XXI, implica correr o risco de se identificar com Sainte-Beuve e depreciar Proust³. Sainte-Beuve, devido a seu biografismo, sempre as apreciou, enquanto Proust tinha aversão a elas, pelo mesmo motivo. Todavia, em tempos pós-modernos, esse comportamento tornou-se quase inocente, visto

¹ Charles-Augustin Sainte-Beuve (1804–1869) foi um crítico literário francês, famoso por defender uma crítica baseada na biografia do autor. Para ele, o entendimento da vida e o meio social de um escritor eram essenciais para interpretar sua obra. Essa posição foi muito criticada por Marcel Proust. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/viewFile/753/709>. Acesso em: 10 maio 2025.

² Gustave Lanson (1857–1934), crítico literário e historiador francês, desenvolveu uma abordagem objetiva e histórica na análise literária. Ele enfatiza o estudo do contexto social e cultural das obras, buscando compreender a literatura como um fenômeno social.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/VTvHZVpNDGcbctFH7TTXsxf/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2025.

³ Marcel Proust (1871–1922), em seu ensaio *Contre Sainte-Beuve*, critica a abordagem biográfica da crítica literária proposta por Sainte-Beuve, que busca compreender a obra a partir da vida do autor. Proust argumenta que a essência da criação literária reside em um “eu profundo”, distinto do “eu social”, e que a obra deve ser analisada por sua estrutura interna e estilo. Essa perspectiva influenciou as correntes formalistas e estruturalistas da crítica literária. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/ySqGXXKfBSkM68J8jSHC9snH/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2025.

que o antigo rigor teórico deu lugar a um liberalismo crítico, no qual tudo passou a ter vez. Com isso, o gênero epistolar retornou do limbo onde estava confinado, agora investido de um interesse renovado.

Diaz (2016) explica também que, apesar da relativa reabilitação literária das correspondências, permanece a desconfiança em torno desses textos. Alguns estudiosos os consideram como banais porque, dada a leveza e caráter informal, revelam-se pouco compatíveis com a complexidade e a profundidade associadas à prática literária. Seriam as cartas realmente textos literários, ou de viés estético? Estariam aptas a reivindicar o *status* de objeto literário? A desconfiança em relação ao gênero epistolar, frequentemente classificado como um gênero menor, é antiga e reaparece periodicamente, adquirindo diferentes configurações conforme as correntes teóricas predominantes. Desde os debates humanistas sobre a natureza das cartas até as abordagens contemporâneas que questionam sua legitimidade – com base em sua função comunicativa –, a correspondência escrita tem sido alvo de debates. A incorporação da carta ao domínio biográfico, defendida por Sainte-Beuve, sua posterior desvalorização no século XIX e a dúvida de Lanson quanto à existência de um gênero epistolar propriamente dito ilustram as tensões históricas que envolvem essa forma textual. Desde o século XVI, o valor literário atribuído à carta tem variado conforme os paradigmas estéticos dominantes. Ao longo de sua trajetória, a crítica ora celebrou, ora desqualificou os atributos da escrita epistolar. Nesse percurso, a carta, marcada pela ambiguidade e resistência à classificação, continua sendo catalogada entre fronteiras conceituais e categorias literárias.

Ao saltar do século XVI para o Brasil do século XXI, encontramos as reflexões de Leandro Garcia Rodrigues (2023), para quem as chamadas “escritas do eu” ainda são, em muitos círculos, tratadas como manifestações marginais. Com frequência, essas produções são classificadas como “primas pobres” da literatura ou reduzidas à condição de paraliteratura, termo que carrega, no prefixo “*para*”, uma carga pejorativa que reforça a suposta inferioridade frente ao cânone.

Os estudos literários brasileiros passaram a reconhecer, ainda que tardiamente, a relevância de textos historicamente relegados a um segundo plano, muitas vezes tratados como simples “resíduos de vida”, e não como parte integrante de uma obra canônica. Custou à crítica perceber que essas fontes estão permeadas por vida literária, por biografismos, por ficção, por certas verdades e, enfim, por criação. Entre os pesquisadores da epistolografia, há relativo

consenso em considerar o ano de 2000 como um marco para a consolidação desse campo no Brasil. Nesse contexto, destaca-se a publicação pioneira de *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas*, organizada por Walnice Nogueira Galvão e Nádía Battella Gottlieb, e lançada pela Companhia das Letras naquele ano.

O recrudescimento das publicações sobre a escrita de si foi destacado por Ângela de Castro Gomes (2004):

Um breve passar de olhos em catálogos de editoras, estantes de livrarias ou suplementos literários de jornais leva qualquer observador, ainda que descuidado, a constatar que, nos últimos 10 anos, o país vive uma espécie de *boom* de publicações de caráter biográfico e autobiográfico. É cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos – uma escrita de si – que abarca diários, correspondência, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo (Gomes, 2004, p. 7).

Entre os lançamentos citados pela autora, aparecem *Carlos e Mário*, uma reunião comentada da correspondência dos dois Andrades durante 20 anos; a republicação de *A vida de Lima Barreto*, por Francisco de Assis Barbosa e o surgimento de *Cartas*, uma coletânea de missivas de Caio Fernando Abreu.

É preciso destacar que esses exemplos de Gomes remetem ao ano de 2004. Em 2025, em rápida pesquisa no site da editora Companhia das Letras, descobriu-se que “Biografias e histórias reais” já viraram uma categoria específica para facilitar a busca por esse tipo de tema. Quando se digita “cartas” e se solicita os títulos disponíveis a partir do ano de 2001, o site mostra 110 resultados, entre eles, *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*, organizado por Sérgio Rodrigues e publicado em 2017; *Carta a D.: história de um amor*, de André Gorz, publicado em 2018; *Cartas da prisão*, de Frei Betto, de 2017; *Cartas de amor aos mortos*, de Ava Dellaira, lançado em 2014; *Correspondência intelectual: 1949 – 2004*, de Celso Furtado, de 2021 e *Cartas para minha avó*, de Djamila Ribeiro, também de 2021. Já o site do grupo editorial Record apresenta 190 resultados para a busca por “cartas”. Encontramos, por exemplo, *Cartas a Cristina*, de Paulo Freire, e *Cartas aos filhos*, de Sigmund Freud, ambos de 2021; *Corações de papel*, de Nelson Mota, publicado em 2024, e *Cartas perto do coração*, de Fernando Sabino, relançado em 2024. Diante dos muitos títulos exibidos em apenas dois sites, podemos inferir que a escrita de si constitui um campo editorial e acadêmico relevante.

Entretanto, apesar da relevância do tema e do interesse que a correspondência desperta entre os leitores, os estudos dedicados às cartas ainda são escassos no Brasil. As publicações existentes limitam-se, na maioria, à simples transcrição das cartas, sem se aprofundar na temática ou na retórica, no que seu conteúdo pode revelar ou silenciar. Assim, essa pesquisa revela-se pertinente ao buscar delinear uma das facetas de Machado de Assis – a do epistológrafo – e, talvez, colaborar para a compreensão do ambiente intelectual do Rio de Janeiro e do Brasil nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX.

1.1 O gênero epistolar e a literatura

O que é arte? O que define uma obra de arte? As noções de arte e de artista foram profundamente abaladas em 1917, quando o francês Marcel Duchamp (2018) submeteu à Associação dos Artistas Independentes de Nova York um objeto industrial – um mictório assinado com o pseudônimo R. Mutt – sob o título *Fonte*. Embora a única exigência para a participação na exposição fosse o pagamento de uma taxa de seis dólares, a submissão de *Fonte* provocou estranhamento ao transformar um objeto utilitário em obra de arte. A associação, da qual Duchamp fazia parte, rejeitou a peça, sob o argumento de que, por ser de natureza funcional, não se enquadrava nos critérios de uma mostra artística. Cristianini (2018) revela que “Segundo Duchamp, a arte é uma miragem. Uma miragem, exatamente como um oásis aparece no deserto. É muito bonito, até que, claro, você está morrendo de sede. Mas você não morre no campo da arte. A miragem é sólida”.

Se é difícil encontrar um conceito para a arte, o mesmo ocorre com a literatura, reconhecida como forma artística desde a *Poética* de Aristóteles:

A arte que se utiliza apenas de palavras, sem ritmo ou metrificadas, seja com variedades de metros combinados, seja usado uma só espécie de metro, até hoje não recebeu nome. Não dispomos de nome que dar aos mimos de Sófron e Xenarcoao mesmo tempo em que aos diálogos socráticos e às obras de quem realiza a imitação por meio de trímetros, dícticos elegíacos ou versos semelhantes. Nada impede que pessoas, ligando à metrifcação a poesia, deem a uns poetas o nome de elegíacos, a outros o de épicos, denominando-os não segundo a imitação que fazem, mas indiscriminadamente conforme o metro que usam. [...]. (Aristóteles, 1995, p. 19-20). (Grifo nosso).

Diante desse contexto, não é surpresa que muitos manuais de teoria literária iniciem com a pergunta: o que é literatura? Como observa Terry Eagleton (1994), inúmeras foram as tentativas

de definir o termo. Uma abordagem frequente caracteriza a literatura como escrita “imaginativa”, ligada à ficção e desvinculada de um compromisso literal com a verdade. Contudo, mesmo uma análise preliminar mostra que essa definição é limitada. A produção inglesa do século XVII, por exemplo, inclui Shakespeare e Milton, mas também os sermões de John Donne. Do mesmo modo, a literatura francesa do período reúne as tragédias de Racine, a correspondência de Madame de Sévigné⁴ e as obras filosóficas de Descartes. Esses casos evidenciam que a literatura excede o campo da ficção e abrange uma variedade de gêneros e vozes. Eagleton (1994) também aponta que a distinção entre “fato” e “ficção” é insuficiente como critério, visto que tal oposição pode ser questionada.

Todas essas considerações evidenciam o conceito incerto de literatura que, ao longo da história, é moldado por distintas correntes teóricas. Por esse motivo, a carta, muitas vezes, foi deixada à margem da literatura, sendo considerada apenas como fonte histórica, mas não um gênero em si. Embora o século XXI registre o resgate do gênero epistolar como instância literária, a maior parte das publicações, como as da editora Companhia das Letras e as do grupo Record, trazem apenas as transcrições dessas cartas, sem uma análise da retórica⁵, da temática ou do estilo do autor.

1.2 O gênero epistolar e a retórica: Antiguidade e Idade Média

A tradição epistolar ocidental tem origem na Antiguidade, sendo cultivada por filósofos como Platão, Isócrates e Epicuro. Como explica Tin (2005), apesar de o período clássico não ter produzido tratados específicos sobre epistolografia, é possível identificar algumas orientações sobre a escrita de cartas tanto em correspondências preservadas quanto em tratados de retórica. A sistematização teórica do gênero, de acordo com Manoel Ramos (2018), ocorre apenas na Idade Média, especialmente com o desenvolvimento da *ars dictaminis*⁶ e da *ars notaria*⁷, que inserem a

⁴ A Marquesa de Sévigné (1626-1696) foi uma escritora francesa cuja correspondência é de importância histórica e literária. Antes dela, os críticos defendiam que a literatura epistolar deveria obedecer a certas regras de composição e observar uma unidade de tom. As cartas de Sévigné, em contraste, demonstram uma espontaneidade que confere um tom coloquial altamente interessante. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Marie-de-Rabutin-Chantal-marquise-de-Sevigne>. Acesso em: 20 jun. 2025.

⁵ A retórica se ocupa com a embalagem verbal do raciocínio, apresentando-se como a arte de falar em público de modo a persuadir os ouvintes (Souza, 1992, p. 371).

⁶ Nas palavras de Les Perelman (1991, p. 98), em tradução livre: a partir do século XI, surgiu todo um gênero de obras teóricas dedicadas à forma e à composição da carta oficial, a *ars dictaminis*, ou ‘arte de escrever cartas’.

carta no domínio da retórica, concebendo-a como discurso oratório. Nesse contexto, enquanto a Antiguidade oferece vasto *corpus* epistolar com escassa teorização, a Idade Média alia prática e teoria.

Ramos (2018) destaca também que, nos séculos VII a IX, os *dictatores*⁸, percebendo que a redação de cartas oficiais seguia uma fórmula fixa, criaram uma técnica mais prática de composição epistolar, com poucas variações entre destinatários. Assim, passaram a utilizar modelos prontos, aplicáveis tanto a cartas privadas, quanto a documentos oficiais. A partir do final do século XI, no centro da Itália, surgiu a *ars dictaminis*, que pode ser traduzida como a arte de bem escrever cartas, influenciada pelo desenvolvimento da retórica e pela necessidade prática de redigir cartas e documentos legais.

A teoria epistolar desenvolvida na Idade Média estabelece as bases para a compreensão da carta como forma de discurso estruturado, normatizado e versátil. Os autores medievais, especialmente os *dictatores*, estruturaram a carta como um discurso retórico, adaptado à impossibilidade da comunicação oral direta. A *Summa Dictaminis Aurelianensis*⁹ define a epístola como um discurso composto por cinco partes: *salutatio* (saudação formal, adequada ao estatuto social do destinatário), *captatio benevolentiae* (exórdio destinado a conquistar a benevolência do leitor), *narratio* (exposição dos fatos), *petitio* (pedido ou imposição) e *conclusio* (encerramento).

Essa mesma teoria epistolar priorizou, também, duas das cinco operações retóricas clássicas: *dispositio* (ordenação) e *elocutio* (estilo). A preocupação com a disposição coerente do conteúdo e com o refinamento estilístico tornou-se central nos manuais epistolares. Como consequência, esperava-se clareza, brevidade, verossimilhança, linguagem elegante e uso moderado de figuras retóricas ou referências cultas. A teoria epistolar medieval, portanto,

(tradução livre). Disponível em: http://wac.colostate.edu/books/textual_dynamics/chapter4.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

⁷ Nos termos de Sabrina Kuersteiner (2021, p. 73), em tradução livre: Manuscritos da *ars notaria* contêm instruções para o registro de atos notariais, incluindo contratos, testamentos, registros judiciais [...]. *Ars notaria* tem sido traduzido como a arte do notariado. Disponível em: <https://rime.cnr.it/index.php/rime/article/download/517/875>. Acesso em 20 jun. 2025.

⁸ Os *dictatores* eram os professores e praticantes da *ars dictaminis*, criando manuais com instruções claras para cada parte da carta: saudação, exórdio (*captatio benevolentiae*), narração, petição e conclusão (Les Perelman). Disponível em: http://wac.colostate.edu/books/textual_dynamics/chapter4.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

⁹ A *Summa Dictaminis Aurelianensis* é um tratado anônimo do final do século XII, possivelmente escrito em Orléans por volta de 1180, que compõe um manual abrangente sobre a *ars dictaminis* – a arte medieval de redigir cartas formais. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4658/4346>. Acesso em: 30 jun. 2025.

configura-se como um esforço sistemático de normatizar um gênero que, em suas origens, distinguia-se pela espontaneidade e pela intimidade.

Diante dessas considerações, percebe-se que existe um universo teórico que fundamenta a escrita de cartas. Os aspectos relativos à retórica não são considerados, em geral, na abordagem da epistolografia de autores brasileiros. Por esse motivo, abordamos, ainda que brevemente, a teoria epistolar: embora o objeto dessa pesquisa esteja circunscrito a determinados temas abordados na correspondência entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, é possível encontrar, mesmo sem a rigidez da *ars dictaminis*, alguns elementos da tradição medieval.

1.3 A *ars dictaminis* na correspondência de Machado de Assis

Para evidenciar a presença da *ars dictaminis* nas cartas de Machado de Assis, tomaremos como exemplo a missiva enviada a Quintino Bocaiúva¹⁰. Essa carta permite observar, de modo concreto, como certas convenções formais e retóricas do gênero epistolar se manifestam na correspondência machadiana:

Dezembro de 1862 - março de 1863.

Meu amigo,

Vou publicar as minhas duas comédias de estreia; e **não quero fazê-lo sem o conselho de tua competência.**

Já uma crítica benévola e carinhosa, em que tomaste parte, consagrou a estas duas composições palavras de louvor e animação. **Sou imensamente reconhecido**, por tal, aos meus colegas da imprensa. Mas o que recebeu na cena o batismo do aplauso pode, sem inconveniente, ser trasladado para o papel? A diferença entre os dois meios de publicação não modifica o juízo, não altera o valor da obra?

É para a solução destas dúvidas que **recurso à tua autoridade literária.**

O juízo da imprensa viu nestas duas comédias — simples tentativas de autor tímido e receoso. **Se a minha afirmação não envolve suspeitas de vaidade disfarçada e mal cabida, declaro que nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos. Tenho o teatro por coisa mais séria, e as minhas forças por coisa muito insuficiente;** penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho; cuido que é melhor tatear para achar; é o achar; é o que procurei e procuro fazer.

Até onde vai a ilusão dos meus desejos? Confio demasiado na minha perseverança? Eis o que quero saber de ti.

¹⁰ Quintino Bocaiúva foi um jornalista, político, dramaturgo e crítico literário. Atuou como censor do Conservatório Dramático, instituição voltada para o controle da produção teatral na corte, que teve ainda Machado de Assis como parecerista. (Hoffbauer, 2022). Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/1138-quintino-bocaiuva-quintino-antonio-ferreira-de-sousa>. Acesso em: 3 dez. 2025.

E dirijo-me a ti, entre outras razões, por mais duas, que me parecem excelentes: razão de estima literária e razão de estima pessoal. Em respeito à tua modéstia, calo o que te devo de admiração e reconhecimento.

O que nos honra, a mim e a ti, é que a tua imparcialidade e a minha submissão ficam salvas da mínima suspeita. Serás justo e eu dócil. Terás ainda por isso meu reconhecimento; e eu escapo a esta terrível sentença de um escritor: *Les amitiés, qui ne résistent pas à la franchise, valent-elles un regret?*¹¹

Teu amigo e colega,

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo I, p.19-20). (Grifo nosso).

A *salutatio* aparece de imediato na expressão “Meu amigo”, que abre a carta. Ao longo do texto, evidencia-se também a *captatio benevolentiae*, recurso destinado a predispor o destinatário a favor do remetente. Machado apresenta-se como alguém que busca a opinião de um interlocutor mais experiente em questões teatrais e, ao afirmar que não deseja publicar suas peças sem o “conselho da competência do amigo”, ao qualificar a crítica de Quintino Bocaiúva como “benévola e carinhosa” e ao dizer “recorro à tua autoridade literária”, utiliza estratégias discursivas voltadas à lisonja do destinatário. Esse movimento retórico é reforçado por meio da humildade declarada pelo autor, visível em expressões como “nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos” e “as minhas forças por coisa muito insuficiente”, o que confirma a presença da *captatio benevolentiae* na carta. A *captatio benevolentiae* também se manifesta quando Machado declara sua estima ao destinatário e sua admiração: “E dirijo-me a ti, entre outras razões, por mais duas, que me parecem excelentes: razão de estima literária e razão de estima pessoal. Em respeito à tua modéstia, calo o que te devo de admiração e reconhecimento.”

A *narratio* refere-se ao tema central da missiva, dos questionamentos de Machado sobre a possível publicação de um livro com duas peças suas. Já a *petitio* corresponde aos conselhos que ele pede ao amigo crítico.

1.3.1 A *salutatio*

As cartas de Machado de Assis podem ser situadas tanto na tradição medieval da *ars dictaminis*, marcada por certa formalidade no tratamento dirigido a autoridades, quanto na tradição humanística, mais simples e direta. As variações na *salutatio* são poucas, predominando

¹¹ As amizades que não resistem à franqueza valem um lamento? ROUANET, Sergio Paulo. Notas. In: Assis, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo I – 1860-1869. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

a fórmula “Meu caro”, seguida do nome do destinatário. A *salutatio* machadiana também reflete um percurso afetivo e profissional, evidenciando, em certos momentos, a mudança de status do escritor na cena literária brasileira, deslocando-se da condição de iniciante para a de autor consagrado. O Machado de Assis mais velho assume certo tom paternal, sobretudo nas cartas dirigidas aos jovens Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo.

Otoniel Machado da Silva (2015) ressalta que, se se considerar como amigos íntimos de Machado apenas aqueles a quem ele se dirige com as expressões “Meu querido” ou “Meu querido amigo”, o grupo será constituído por Salvador e Lúcio de Mendonça, Joaquim Nabuco e, principalmente, Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo. Essa pesquisa revelou, inclusive, uma carta de Machado de Assis a Salvador de Mendonça¹² em que a *salutatio* aparece em inglês, com a expressão *My dear* – equivalente a “meu querido”:

Rio de Janeiro, 30 de maio de 1891.

My dear.

Aí lhe mando tudo. Vão informações e quadros relativos aos serviços incumbidos a esta Diretoria, a saber:

[...]

Não recebi nada sobre o número de marcas de fábrica e de comércio registradas; mas o artigo Propriedade industrial supre, pelo interesse, qualquer outra informação.

[...]

E adeus. Não é preciso dizer que as informações são para acrescentar-lhes o que lhe parecer melhor. Também não é preciso dizer que a minha gente deu conta de si. Se quiser alguma coisa mais é pedir.

Teu

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 5-6). (Grifo nosso).

Por outro lado, em outra carta, também dirigida a Salvador de Mendonça, a *salutatio* não está presente:

Rio de Janeiro, 15 de abril de 1876.

Não, meu querido Salvador, ainda que eu te mandasse agora uma carta de trinta ou quarenta folhas, não te daria ideia da surpresa que me causou a tua carta de 7 do mês passado: a maior e mais agradável das surpresas. [...]

Adeus, meu Salvador. Meus respeitos à Senhora consulesa e mais um abraço para ti.

[...]

Teu do coração

¹²Salvador de Mendonça foi jornalista, advogado, diplomata, romancista, ensaísta, poeta, teatrólogo e tradutor. Nasceu em Itaboraí, RJ, em 1841, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1913. Em 1889, foi nomeado como Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial nos Estados Unidos. A República deve a ele o seu pronto reconhecimento pelos Estados Unidos. Em 1890, foi nomeado como Enviado extraordinário e Ministro plenipotenciário de 1ª. classe em Washington. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/salvador-de-mendonca/biografia>. Acesso em: 19 dez. 2025.

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo II, p. 119-120).

Esses dois exemplos evidenciam a relativa flexibilidade machadiana no uso das fórmulas de saudação, ainda que essas variações não comprometam a coerência geral de seu estilo epistolar.

Em relação a Magalhães de Azeredo, de “Caro e bom amigo”, na carta recebida de Machado, em janeiro de 1894, passa a “Meu querido amigo”, na segunda missiva que recebeu do Mestre:

Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1895.

Meu querido amigo,

Confesso, não há dúvida, que não esperava carta sua tão depressa; mas é preciso dizer-lhe que os mensageiros atrasam muita vez as mensagens. A sua carta, datada da Ilha das Flores, 20 de janeiro, traz o carimbo de Montevideu com data de 22, mas só chegou aqui a 31, que é o carimbo de cá. Assim que, toda sua solicitude encontrou os obstáculos naturais dos correios e vapores. Não obstante, a surpresa deu-se, porque eu esperava que só escrevesse de Montevideu. Não é preciso dizer quanto me foi agradável. [...].

Adeus. Ainda lhe não agradei o haver-me escrito logo depois de entrar na ilha das Flores, pagando assim, e com largo juro, uma dívida de coração. Espero que me dê oportunamente as suas impressões desse país, e da vida nova em que entrou. Sobre isto não lhe darei conselhos. [...]. Eu cá fico, meu amigo. Disponha de mim, e não deixe de crer que lhe quero muito e muito.

Seu do coração

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 59). (Grifo nosso).

Com Mário de Alencar, o “querido” também só aparece na segunda missiva. Na primeira carta recebida do Mestre, em janeiro de 1895, é saudado como “Meu caro Mário de Alencar”:

Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1895.

Meu caro Mário de Alencar.

Agradeço muito cordialmente a comunicação que me fez de estar noivo de sua gentil prima, Dona Helena de Afonseca, e peço-lhe que receba os votos que faço pela felicidade que ambos merecem. [...]

Velho amigo e confrade

Machado de Assis. (Assis, 2019, tomo III, p. 55) (Grifo nosso).

É só na segunda carta, de janeiro de 1898, que o termo “querido” aparece:

Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1898.

Meu querido Mário.

Obrigado pela sua carta amiga e boa. Já há dias tinha notícia do que ora me sucede; a última vez que nos vimos, de passagem, já eu sabia que ia ser adido. Assim, vinha-me acostumando à ideia e ao fato, e agora que este foi consumado não me resta mais que conformar-me com a fortuna, e encarar os acontecimentos com o preciso rosto. A sua

carta é ainda uma voz de seu pai e foi bom citar-me o exemplo dele; é modelo que serve e fortifica. Obrigado pelo seu abraço, meu querido Mario. É a primeira carta que dato deste ano; folgo que lhe seja escrita e em troca de expressões tão amigas. Creia-me.
Velho amigo e obrigado,
Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 285).

Maria Cristina Cardoso Ribas (2008) observa que um traço recorrente tanto na correspondência ativa quanto na passiva de Machado de Assis é a presença de “marcas de afetividade” recíproca entre os missivistas, perceptíveis nas formas de referência a si e ao destinatário nas cartas. Essa afetividade, recorrente em toda a correspondência, ultrapassa o mero cumprimento das convenções formais, constituindo-se como um princípio de abertura indispensável à comunicação entre as partes envolvidas. Ao instaurar um espaço de acolhimento do destinatário, o afeto presente na *salutatio* permite que a carta se organize como lugar de troca, no qual o discurso do remetente se constrói desde o início em relação ao outro, assegurando, assim, a dimensão propriamente dialógica da escrita epistolar.

1.3.2 A *captatio benevolentiae*

A *captatio benevolentiae*, como esclarece Silva (2015), configura-se como um recurso retórico destinado a obter a benevolência do destinatário, seja por meio de sua caracterização elogiosa, seja pela apresentação humilde do remetente.

O recurso retórico de angariar a simpatia do destinatário revela-se de forma particularmente nítido na carta enviada a Magalhães de Azeredo, em dezembro de 1897, embora a plena compreensão desse recurso exija a consideração do contexto em que se inscreve. Esse contexto remete ao artigo “A nova geração”, publicado em 1879, no qual Machado de Assis assumiu posição severa diante da obra poética de Sílvio Romero, apresentada no volume *Cantos do fim do século*. Machado apontou a ausência de um estilo próprio e o insuficiente domínio da forma poética:

Os artigos de crítica parlamentar, dados há meses no Repórter, e atribuídos a este escritor não eram todos justos, nem todos sempre variavam no mérito, mas continham algumas observações engenhosas e exatas. Faltava-lhes estilo, que é uma grande lacuna nos escritos do Sr. Sílvio Romero; não me refiro às flores de ornamentação, à ginástica de palavras; refiro-me ao estilo, condição indispensável do escritor, indispensável à própria ciência — o estilo que ilumina as páginas de Renan e de Spencer, e que Wallace

admira como uma das qualidades de Darwin. [...] **Os Cantos do fim do século podem ser também documento de aplicação, mas não dão a conhecer um poeta; e para tudo dizer numa só palavra, o Sr. Romero não possui a forma poética.** Creio que o leitor não será tão inadvertido que suponha referir-me a uma certa terminologia convencional; também não aludo especialmente à metrificação. Falo da forma poética, em seu genuíno sentido. **Um homem pode ter as mais elevadas ideias, as comoções mais fortes, e realçá-las todas por uma imaginação viva; dará com isso uma excelente página de prosa, se souber escrevê-la; um trecho de grande ou maviosa poesia, se for poeta. O que é indispensável é que possua a forma em que se exprimir. Que o Sr. Romero tenha algumas ideias de poeta não lho negará a crítica; mas logo que a expressão não traduz as ideias, tanto importa não as ter absolutamente.** Estou que muitas decepções literárias originam-se nesse contraste da concepção, e da forma; o espírito, que formulou a ideia, a seu modo, supõe havê-la transmitido nitidamente ao papel, e daí um equívoco. **No livro do Sr. Romero achamos essa luta entre o pensamento que busca romper do cérebro, e a forma que não lhe acode ou só lhe acode reversa e obscura: o que dá a impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a língua nacional** (Assis, 1979, v. III, p. 828). (Grifo nosso).

Raimundo Magalhães Júnior (2008) registra que, desde então, Romero buscava uma desforra das críticas de Machado, o que resultou na publicação, em 1897, do livro *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura*, inteiramente dedicado à crítica da produção machadiana:

O estilo de Machado de Assis, sem ter grande originalidade, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata do seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. Correto e maneiroso, não é vivaz, nem rútilo, nem grandioso, nem eloquente. É plácido e igual, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulário e da frase. Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra. Sente-se o esforço, a luta. ‘Ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como fazem outros na palavra falada’, disse-me uma vez não sei que desabusado num momento de expansão, sem reparar talvez, que me dava, destarte, uma verdadeira e admirável notação crítica (Romero, 1936, p. 55).

Algum tempo após esse lançamento, em carta datada de dezembro de 1897, Machado de Assis aborda o assunto com Magalhães de Azeredo:

Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1897.

Meu querido amigo,

[...]

Ao mesmo tempo que a *Revista Moderna*, aparece aqui um livro do Sílvio Romero, com o meu nome por título. **É um estudo ou ataque, como dizem pessoas que ouço. De notícias publicadas vejo que o autor foi injusto comigo.** A afirmação do livro é que nada valho. Dizendo que foi injusto comigo não exprimo a conclusão minha, mas a própria afirmação dos outros; eu sou suspeito. **O que parece é que me espanca.** Enfim, **é preciso que quando os amigos fazem um triunfo a gente (leia esta palavra em sentido modesto) haja alguém que nos ensine a virtude da humildade.**

[...]

Velho e saudoso amigo

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 273-275). (Grifo nosso).

Ao assumir a posição de alvo dos ataques mordazes de Romero, Machado elabora um discurso de natureza retórica, característico da *captatio*, no qual se coloca em atitude de humilde acolhimento das críticas, ao mesmo tempo em que favorece a benevolência do destinatário. Tanto é que, apenas vinte dias depois, Azeredo responde:

Paris, 27 de dezembro de 1897.

Meu querido Mestre e Amigo,

[...]

Espanta-me o que me conta sobre o livro de Sílvio Romero. Estando em Montevideu, li num jornal de São Paulo uma série de artigos que ele estava publicando com o título Machado de Assis; não os pude ler todos, porque recebia irregularmente o jornal; mas a impressão geral que tive foi que, no meio de muitas restrições injustas e de muitas observações paradoxalmente expostas, ele reconhecia o grande valor da sua obra. Naturalmente, irrequieto e incoerente como é, já no espaço de dois anos modificou as suas ideias! Sem negar os serviços de investigação, e reconstrução tradicional que Sílvio Romero tem prestado, eu estou convencido de que as conclusões desse crítico serão recusadas pelos vindouros. Sempre lhe faltou a principal virtude do crítico — a serenidade, sem a qual não há verdadeira lucidez de espírito. O seu temperamento agressivo lhe desvaloriza as apreciações. Isso é o que se pode dizer de modo geral; e quanto ao seu caso particular, que vale a opinião de um homem apaixonado e parcial quanto ao trabalho fecundo e honesto de 30 anos, as criações de uma originalidade reconhecida, o vigor de um espírito que não envelhece, e que conquistou o apoio das novas gerações como tivera o das antigas?

[...]

Abraço-o de coração o sempre seu

Magalhães de Azeredo (Assis, tomo III, p. 279-280).

Em cartas posteriores, Machado volta a comentar sobre o livro com Azeredo. Na missiva de janeiro de 1988, podemos reconhecer, mais uma vez, a *captatio benevolentiae* de Machado de Assis:

Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1898.

Meu querido amigo,

[...]

Creio que já lhe falei no livro que o Sílvio Romero publicou a meu respeito. Não ousou dizer que é um *éreintement*, para não parecer imodesto; a modéstia, segundo ele, é um dos meus defeitos, e eu amo os meus defeitos, são talvez as minhas virtudes. **Apareceram algumas refutações breves, mas o livro aí está, e o editor, para agravá-lo, pôs-lhe um retrato que me vexa, a mim que não sou bonito. Mas é preciso tudo, meu querido amigo, o mal e o bem, e pode ser que só o mal seja verdade.**

[...]

Velho amigo e admirador e obrigado

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 287). (Grifo nosso).

Nesse fragmento, é perceptível que Machado de Assis volta a adotar uma postura marcada pela modéstia. Ao atenuar o impacto das críticas recebidas e lançar mão da autodepreciação, o

autor projeta uma imagem de si pautada pela humildade e por certo distanciamento em relação aos fatos. Esse gesto retórico insere-se no campo da *captatio benevolentiae*, na medida em que busca angariar a simpatia do destinatário por meio da relativização do seu orgulho de autor e da apresentação de um “eu” que se mostra resignado diante do juízo alheio. É necessário observar, contudo, que, embora o emprego da *captatio benevolentiae* possa ser espontâneo, parece pouco plausível supor, no caso de Machado de Assis, que esse recurso fosse utilizado sem plena consciência de seus efeitos, considerando o domínio que o autor demonstrava das convenções retóricas e discursivas de seu tempo, aspecto que será retomado adiante.

As cartas de Machado de Assis refletem, ao longo do tempo, a gradativa ascensão do autor no cenário literário nacional. As epístolas produzidas entre 1900 e 1908, por exemplo, evidenciam uma redução significativa dos elementos da *captatio benevolentiae*. Em seus últimos anos, já plenamente consagrado, Machado pode escrever de modo mais direto e menos retórico. Naquele momento, ganhavam importância, especialmente, as questões internas da Academia Brasileira de Letras, bem como os assuntos relativos à saúde e ao trabalho. Já não havia destinatários a persuadir ou a elogiar nos moldes de outrora: agora era ele quem passava a receber a benevolência de seus pares, como atesta em carta a Joaquim Nabuco, de 29 de agosto de 1905: “Todos me têm acostumado à benevolência” (Assis, 2019, tomo V, p. 50).

A impressão dominante nas cartas dos últimos anos, de 1904 a 1908, é a de que as epístolas já não desempenhavam o papel de veicular críticas literárias ou apresentações de livros, restringindo-se, antes, aos bastidores da Academia e a manifestações de caráter mais pessoal, sobretudo na correspondência com Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, nas quais Machado se permite falar de velhice, enfermidades e solidão.

1.3.3 A *narratio*

A *narratio* constitui a parte da carta correspondente ao que usualmente se compreende como assunto ou temática. A *ars dictaminis* não a descreve de modo minucioso, em razão do caráter eclético dos temas epistolares. A correspondência machadiana, por exemplo, aborda diversos assuntos, e a correspondência com Magalhães de Azeredo, possivelmente por ser mais vultosa, traz uma diversidade temática ainda mais significativa.

Azeredo aborda sua produção literária, suas viagens e os lugares que conhece: o clima, os costumes, a arquitetura e os monumentos históricos. Rouanet (Assis, 2019, tomo III) relata que as cartas de Magalhães de Azeredo formam um conjunto extremamente diversificado, cujos escritos abordam temas variados, que vão da história e da política do Brasil, do Uruguai, da França e da Itália ao universo do mundanismo, da intriga e da bisbilhotice. Todo o processo de consolidação do regime republicano encontra ressonância nessas correspondências, seja quando retratam o exilado em Minas, fugindo da rigidez do florianismo, seja o diplomata atuando no Uruguai, seja ainda o integrante da legação em Roma. Tudo se inscreve em seu campo de observação e, por vezes, com notável perspicácia. Azeredo também escreve bastante acerca de suas enfermidades, especialmente a neurastenia – que dificulta sua escrita – e formula diversos pedidos a Machado de Assis, principalmente relacionados à publicação de seus livros no Rio de Janeiro.

Em relação a Mário de Alencar, a correspondência é numericamente menor, possivelmente por ter se intensificado nos últimos anos de vida de Machado de Assis. Nessas cartas, Mário escreve sobre seus projetos literários, sobre a Academia Brasileira de Letras e, mais frequentemente, sobre moléstias, remédios, a epilepsia e seus efeitos, mas sem mencionar o nome da doença. Ao mesmo tempo, mostra constante preocupação com o Mestre, e não é difícil encontrarmos sugestões de remédios homeopáticos e conselhos sobre saúde:

14 de março de 1907.

Meu querido amigo,

[...]

Pela carta de hoje vi que ainda vai melhorando da gripe de que eu o julgava curado. Contra a coriza, que é o mais aborrecido dos sintomas, por que não pede ao Miguel Couto um remédio, ao menos um paliativo para quando seja mais intensa? **O melhor remédio, porém, será não se expor ao sereno, como fez e confessou que imprudentemente. Fazendo exercício a pé, com as noites que tem havido, creio que não lhe será nocivo o sereno; mas, sentado, por força que havia de se resfriar. Se eu estivesse aí, ter-lhe-ia dado um bom remédio com que podia cortar a gripe: é *arsenicum album* 3ª em tabletes; tenho a experiência da sua eficácia em casos desses.** Espero, entretanto, que a moléstia esteja acabada, que já durou muito e demais, e peço-lhe que me dê notícias, sem demora, com o que mostrará que me perdoou a desta minha carta.

[...]

Seu muito grato,

Mário de Alencar (Assis, 2019, tomo V, p. 174). (Grifo nosso).

Quanto às missivas de Machado de Assis, nelas sobressaem as referências à literatura, à Associação Brasileira de Letras, à velhice e às enfermidades. Especialmente na correspondência dos anos 1900, o autor menciona, de modo recorrente, os incômodos da idade e as doenças que

enfrenta. Associadas a essas questões, surgem também alusões à própria morte, por vezes em tom melancólico, assim como menções à solidão, sobretudo após a morte de Carolina.

Silva (2015) chama a atenção também para certo espírito associativo, particularmente no que se refere à Academia Brasileira de Letras, permeado pela homossociabilidade, tema que será tratado adiante. Esse traço, contudo, não se limita à Academia, estendendo-se a outras agremiações, bem como a reuniões e encontros, essencialmente no ambiente dos livreiros. Machado comparecia com frequência à Academia, à Revista Brasileira e à livraria Garnier. As cartas revelam um refúgio nas amizades literárias. A partir da fundação da Academia, em 1897, o tema passa a figurar de modo constante na correspondência.

Magalhães Júnior (2008) salienta as reiteradas tentativas de Machado de animar Azeredo e Mário nas crises de melancolia, sugerindo a literatura como remédio. Em fevereiro de 1908, Machado aconselha Mário:

Cosme Velho, 23 de fevereiro de 1908.

Meu querido amigo,

[...]

O mal-estar de espírito a que se refere não se corrige por vontade, nem há conselho que o remova, creio; Mas **se um enfermo pode mostrar a outro o espelho do próprio mal**, conseguirá alguma coisa. Também eu tenho desses estados de alma, e cá os venço como posso, sem animações de esposa, nem risos de filhos. Veja se exclui todo presente, passado e futuro, e fixe um só tempo que compreenda os três: *Prometeu*. **A arte é remédio e o melhor deles.**

[...]

Velho amigo

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo V, p. 298). (Grifo nosso).

Nesse trecho, não é difícil reconhecer que, nessa tentativa de consolar Mário em meio à sua profunda crise pessoal – agravada após sua candidatura a uma vaga na Academia –, Machado se expressa com notável franqueza, mencionando um dos elementos centrais da identificação entre ambos ao afirmar que “um enfermo pode mostrar a outro o espelho do seu próprio mal”. Ao mesmo tempo, evidencia as diferenças no modo como cada um enfrenta a adversidade: enquanto Mário conta com o amparo da família e com a possibilidade de dedicar-se à arte, Machado dispõe apenas da arte como refúgio.

1.3.4 A *petitio*

A *petitio*, como o próprio termo indica, é a parte da carta destinada à formulação de um pedido. Não ocupa, necessariamente, uma posição fixa na estrutura epistolar, embora com frequência se situe nas proximidades da conclusão. Pode assumir determinadas modalidades, como a suplicatória, a didática, a incitativa, a de conselho autorizado ou a direta.

Na correspondência machadiana, assim como na maioria das cartas, as circunstâncias e as intenções do remetente, bem como a posição que ocupa no momento da escrita, seja a de escritor iniciante, autor consagrado ou presidente da Academia Brasileira de Letras, determinam a forma e a natureza da *petitio*.

Quanto às missivas de Magalhães de Azeredo, as constantes solicitações a Machado estão sempre presentes. Concordamos com a suposição de Rouanet (2019) de que Azeredo provavelmente exasperava Machado com inúmeras exigências e queixas, ora cobrando que o escritor lhe escrevesse com maior frequência, ora incumbindo-o de negociar com editores do Rio de Janeiro as condições para a publicação de suas obras. Some-se a isso a autopercepção inflada de seu próprio brilho intelectual, aspecto que deve ter causado certo incômodo a Machado, cuja postura, marcada por um orgulhoso pudor, sempre privilegiou uma modéstia sábia e deliberada. Cumpre ressaltar, contudo, que Machado não se pronunciou sobre o assunto e, por isso, permanece no campo das conjecturas.

Já nas cartas de Machado dirigidas a Azeredo, observa-se um Machado que pede que o amigo responda regularmente às cartas ou que continue a escrever em verso e em prosa. Muitos desses pedidos apresentam-se sob a forma de conselho autorizado ou assumem um tom incitativo e estimulador:

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1894.

Caro e bom amigo.

Quero dar-lhe ainda outro conselho; é o jus dos velhos, — ou dos mais velhos, se me permite esta vanglória. Não duvide de si. Receio muito que este sentimento lhe ate as asas. Há de sempre haver quem duvide do seu talento; deixe essa tarefa a quem pertence, *par droit de naissance*. O seu direito e dever é crer nele e mostrá-lo. Não descreia das musas; elas fazem mal às vezes, são caprichosas, são esquivas, mas entregam-se nas horas de paixão, e nessas horas os minutos valem por dias.

[...]

Leve-lhe esta carta, com as minhas saudades, as minhas invejas, e mande-me em troca, alguns versos, se os houver, e se não, a sua boa prosa epistolar, que é a própria pessoa do autor. Adeus. Vou abrir a pasta da secretaria, apesar de domingo, e dar-me aos negócios administrativos. Aqui lhe mando um abraço apertado.

Velho amigo e confrade

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 34). (Grifo nosso).

Por sua vez, nas cartas enviadas a Mário de Alencar, os pedidos são os mais diversos: que relate como está a saúde, que tenha ânimo, que dê avisos e, um dos principais – que fique responsável pelo galho do carvalho de Tasso recebido de Joaquim Nabuco:

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1908.

Meu querido Mário,

Umas (sic) das melhores relíquias da minha vida literária é aquele galho de carvalho de Tasso que Joaquim Nabuco me mandou há três anos por intermédio do Graça Aranha, e este me entregou em sessão da nossa Academia Brasileira. O galho, a carta ao Graça e o documento que os acompanhou conservo-os na mesma caixa, em minha sala.

Perguntei-lhe há tempos se queria dar destino a essa relíquia, quando eu falecesse. Agora renovo a pergunta. Talvez a Academia consinta em recolher o galho como lembrança de três de seus membros e da sua própria bondade em se reunir para completar o obséquio de Nabuco e de Graça Aranha. **Peço-lhe que se incumba de o saber oportunamente. Caso não deva ser ali guardado, estou que haverá em sua casa algum canto correspondente ao que sei possuir em seu coração, e onde ele possa recordar-lhe a saudade de um velho amigo desaparecido.**

Receba deste um abraço apertado e até breve.

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo V, p. 330 – 331). (Grifo nosso).

Nesse sentido, depreende-se que a *petitio* não necessita estar necessariamente situada no final da carta, uma vez que a prática epistolar admite certa flexibilidade na organização de seus elementos.

1.3.5 A *conclusio*

O desfecho das cartas, assim como a *salutatio*, também reflete uma espécie de fórmula recorrente, construída de acordo com a posição ocupada pelos interlocutores. No caso de Machado de Assis, um aspecto relevante é a presença de recomendações dirigidas aos familiares de alguns destinatários, o que revela um círculo de amizade mais íntimo, que inclui também a esposa Carolina. Outra particularidade é a frequência com que se despede com um “Adeus”.

As cartas a Magalhães de Azeredo, por exemplo, costumavam ser encerradas com fórmulas como: “Adeus, meu amigo; nossos cumprimentos a Excelentíssima Família, minha mulher recomenda-se-lhe muito, e eu repito o abraço afetuoso de há pouco” (Assis, 2019, tomo III, p. 310) ou “Adeus, meu caro amigo; [...]. Receba os parabéns de minha Mulher, e apresente a toda a sua distinta família as mais cordiais felicitações” (Assis, 2019, tomo III, p. 449).

Nas cartas para Mário de Alencar, Machado mandava lembranças às mães e aos filhos: “Adeus, meu querido Mário, até a próxima. Apresente os meus respeitos às suas queridas

companheiras, lembranças aos pequenos, e um grande abraço para si [...]” (Assis, 2019, tomo III, p. 143) ou “Receba os meus desejos de o ver assim de volta, e antes do abraço com que o espero, receba este para si e para seus filhos. Às excelentes Esposa e Mamãe peço-lhe que apresente os meus respeitosos cumprimentos” (Assis, 2019, tomo V, p. 172).

Por fim, cumpre assinalar que a *conclusio* não se limita às expressões finais de cortesia, abrangendo todo o fechamento da carta, no qual se fazem presentes menções a abraços, recomendações, conselhos, expressões de saudade e, em alguns casos, o arremate da temática desenvolvida ao longo da epístola.

1.4 A recepção crítica das cartas de Machado de Assis no cenário da literatura brasileira

Embora as cartas machadianas revelem certa diversidade temática, percebemos que o Mestre não era dado a confidências e costumava escrever aquilo que o destinatário já sabia ou que gostaria de ler. Magalhães de Azeredo, por exemplo, escrevia sobre viagens, arquitetura, monumentos históricos, os costumes locais, literatura e, claro, doença e melancolia. Mas as respostas de Machado tratavam sempre de literatura, da ABL, e dos cuidados com a “doença”, uma vez que Azeredo também era afetado pela epilepsia.

Esse missivista esquivo – aliás, “epistolografia esquivada” é a expressão usada por Antonio Candido (2009) para descrever a correspondência de Machado, que passa ao largo de assuntos como política e evita conflitos – frustrou muitos críticos que esperavam encontrar, em sua correspondência, o olhar arguto e as palavras mordazes do autor de Brás Cubas. Rouanet (2019, tomo II), no entanto, põe em relevo as cartas enviadas por Miguel de Novais, irmão de Carolina, que viajara a Paris em 1878 e voltara a residir em Portugal em 1881. Pintor nas horas vagas e dotado de um sólido bom senso, o cunhado parece ter sido um dos poucos interlocutores diante dos quais Machado se permitia baixar a guarda, comunicando-lhe projetos literários que não costumava compartilhar sequer com amigos mais íntimos. Rouanet (2019, tomo II) também chama a atenção para uma carta de 1889, na qual Miguel menciona a proclamação da República e dois livros que o cunhado “trazia na forja”, quase certamente *Quincas Borba* e *Várias histórias*:

Lisboa, 27 de dezembro de 1889.

Amigo Machado de Assis.

[...] Parece impossível, mas é verdade que só hoje recebi notícias do Rio depois dos extraordinários acontecimentos do dia 15 de novembro. A impressão causada em todo

este país com a notícia da revolução foi enorme. [...]. Duvidei da veracidade desse telegrama, não porque desconhecesse o alcance da propaganda republicana nos últimos anos; porém supunha, e como eu, pensava a maior parte da gente que conhecia alguma coisa do Brasil, que nada se faria durante a vida do Imperador. [...] recebi a notícia com espanto sim, mas sem o menor alvoroço. É que eu nunca me atemorizei com a República — é de todos os sistemas de governo o que mais me agradou sempre e fiquei tão descansado com a garantia dos meus haveres, como estava no tempo do Império. A maneira excepcional como se operou a mudança completa das instituições, sem sangue, sem violências, sem desordens, parecia realmente inacreditável. [...]

Basta por hoje, continuarei amanhã.

29 de Dezembro.

[...]

Quem nos diria, a nós, há dois meses, que a Imperatriz do Brasil viria morrer ao Porto! [...]

Há tempos falou meu amigo Machado de dois livros que tinha na forja, e depois de muitos meses decorridos, nada mais me disse sobre o assunto. Ora bem, não se esqueça, quando saírem a lume, de mandar-me um exemplar.

Para que não diga que abuso demais da sua paciência, digo-lhe adeus, pedindo-lhe que seja menos preguiçoso e que me diga o que por aí se vai passando. Lembranças ainda mais uma vez a Carolina, e creia na sincera amizade do seu do coração,

Miguel de Novais (Assis, 2019, tomo II, p. 353-359). (Grifo nosso).

Surpreendentemente, Machado escrevia também sobre política, tema que evitava de modo consciencioso, mesmo em correspondência com figuras como Nabuco ou Magalhães Azeredo. Em carta de 2 de novembro de 1882, em resposta a Machado, Novais afirma: “Li com interesse a parte que se refere à política brasileira, e creio bem na semelhança que encontra na política dos dois países irmãos” (Assis, 2019, tomo II, p. 234). Pelo prosseguimento da missiva, depreende-se que as opiniões de Machado acerca da política nacional estavam longe de ser lisonjeiras: **“Penso, porém, que a patifaria por cá é maior ainda.** Agora estão as câmaras fechadas, não há questão nenhuma importante a resolver-se, e o futuro ano parlamentar será apenas um cavaco entre amigos” (Assis, 2019, tomo II, p. 234) (Grifo nosso).

Augusto Meyer (2008), talvez por conhecer apenas parte da correspondência machadiana, classificou-a como “monumento de insignificância”. De acordo com Eulálio (1989), a intenção de Meyer era questionar e desmontar a imagem consagrada de Machado de Assis, visto que o meio intelectual da época o havia transformado em um mestre elegante, cordial e inofensivo. Predominava, então, uma leitura segundo a qual a obra machadiana seria a de um cético tardio e discretamente cínico, cujo desencanto refinado produzia, simultaneamente, certa melancolia e algum interesse, em páginas peculiares, valorizadas justamente por parecerem dispensar uma reflexão mais detida. Contra essa interpretação simplificadora e acomodada, Meyer (2008) reagiu com vigor, empenhando-se em revelar, por trás desse estilo singular, a dimensão mais profunda e inquieta do escritor, aquilo que ele próprio chamou de o “homem subterrâneo”. Entretanto, ainda

nas palavras de Eulálio (1989), o próprio Meyer relatou que o livro, inicialmente concebido como um ataque à leitura superficial de Machado de Assis, acabou por se transformar em uma manifestação intensa de admiração pelo autor.

Eulálio (1989), no mesmo sentido, formulou sua crítica nos seguintes termos:

É certo que a escrita decorosa, contida, sem dúvida amaneirada das cartas, constitui uma das dependências menos atraentes do texto machadiano. Sequência de sorrisos mais ou menos amarelos e ademanos bem-educados, buscavam corresponder à imagem que o próprio acreditava os outros esperassem dele. (Eulálio, 1989, p. 190-191).

Não é difícil perceber que, apesar de Eulálio (1989) adotar um tom mais suave na apreciação da correspondência machadiana, ela não lhe suscitava o menor entusiasmo, à semelhança do que ocorreu, num primeiro momento, com Meyer (2008).

Esse não é o caso de Agrippino Grieco que, já na introdução de *Viagem em torno a Machado de Assis*, de 1969, emprega uma linguagem bastante ácida ao comentar a recepção crítica de Machado, observando que qualquer juízo desfavorável à obra do autor estaria sujeito a uma reação virulenta dos chamados “machadóltras”. A formulação, marcada pelo exagero e pela ironia, não apenas antecipa o tom mordaz do ensaísta, como também sugere a existência de um ambiente crítico pouco tolerante à discordância, no qual a veneração ao escritor funcionaria como obstáculo à livre apreciação literária:

Muitos machadóltras encontrei por essas ruas a dizerem-me coisas amargas. Os oposicionistas em política são, na maioria, governistas em literatura. Por um triz que me levaram à fogueira, descalço, com sambenito e tocha, a bater no peito, como no tempo do Santo Ofício, ou me condenaram a ter a língua traspassada por um ferro em brasa, como faziam aos blasfemadores da Idade Média. [...] **Ninguém pode subsistir ao lado dele, máquina pneumática tornando o ar irrespirável aos demais. Centenário de nascimento, cinquentenário de morte, brilhantemente comemorados, só os dele** (Grieco, 1969, p.7). (Grifo nosso).

No capítulo IV de seu livro, intitulado *Machadóltras*, Grieco (1969) prossegue com a crítica, agora dirigida a certos admiradores de Machado que, segundo ele, nem leem efetivamente os livros nem conhecem o homem por trás da obra. Refere-se a ele como “*terra incógnita*”, justamente por considerar que pouquíssimos o conheceram de fato:

São às dezenas os que louvam Machado em público e em particular não lhe tocam nos livros, supondo-os tediosos. Mas eu, que tive a coragem ou a imprudência de dizer

alto o que outros sussurram, venho sofrendo. Ardeu Troia! E vi mais de um pretenso amigo fugir de mim, esquivando-se cautelosamente a dar opinião, para não descontentar os Pais de Santo das letras. **Mas a verdade - insisto - é que, apesar de tantos descobridores, o homem Machado continua terra incógnita.** [...] Entregador de roupas lavadas pela madrastra, baleiro, coroinha, tudo isso é mais difícil de elucidar, tratando-se embora de um quase contemporâneo, que é a vida de um herói dos Niebelungos¹³. **Tanto mais falam nele e tanto menos o conhecemos.** [...] Falam do seu "cantinho", dando-o como quase segregado em vida monástica. Mas o homem saía sempre, era o bonde repleto, a repartição, a Garnier, a Casa Lombaerts, a redação da Revista Brasileira, o Clube Beethoven, a Panelinha, a Academia de Letras, o chá e o xadrez no Palacete do Barão Smith de Vasconcelos. Tebaida¹⁴, retiro de Santo Antônio? Coisa alguma! (Grieco, 1969, p. 45-46). (Grifo nosso).

Sobre a correspondência de Machado de Assis, mais especificamente, as palavras ferinas de Grieco (1969) tampouco a isentam, caracterizando-a como “insignificante” e de “estilo paupérrimo”, desqualificando-a de forma contundente:

Assinale-se ainda uma vez a insignificância da correspondência de Machado. Não era ele confidencial, não gostava de expandir-se no seio dos amigos. Talvez pensasse que cada homem de sensibilidade é uma ilhota indefesa num arquipélago de tolices e perfídias. **Indiscutivelmente paupérrimo o seu estilo epistolar.** Nenhuma asseveração que, divulgada, pudesse comprometê-lo. **As cartas de Machado de Assis não iluminam em cheio nenhum recanto ignorado da sua vida e da sua obra.** Mas é deplorável. Não compreendemos essa somiticaria de ideias, mesmo em gênero perigoso, num escritor de tamanho talento. Sem aludir aos saltos e sobressaltos das missivas de Flaubert, tivemos aquelas deliciosas reportagens mexeriqueiras que Madame de Sévigné mandava à filha. [...]. **Mas em Machado são quase sempre pormenores de Academia ou Ministério que não podem seduzir o leitor comum** (Grieco, 1969, p. 133-134). (Grifo nosso).

Em um pequeno artigo intitulado *Um Machado diferente*, que serve como introdução ao *Epistolário de Machado de Assis*, constante da *Obra Completa*, Afrânio Coutinho (1979) se mostra mais generoso que Grieco (1969):

Recatado e infenso a expor ao público a sua intimidade, o criador do Brás Cubas jamais foi inclinado a autorizar a publicação de suas cartas, às quais, ponderadamente, não concedia valor literário. Foi o que afirmou certa feita a José Veríssimo, em carta de sua morada no Cosme Velho, datada de 21 de abril de 1908. Contudo, de conformidade com o critério geral que informa a presente edição, julgou-se oportuno incluir no volume as cartas de Machado de Assis, as quais, **pelo interesse**

¹³Na mitologia germânica e escandinava, uma raça de anões ou elfos que habitavam Niflheim (ou Nibelheim), um reino de névoa ou escuridão. Segundo alguns relatos, os Niebelungos eram descendentes de Nibelungo, um lendário rei escandinavo, e herdeiros de um vasto tesouro de ouro e joias acumulado em tempos antigos. Devido à sua origem, o tesouro jamais deixou de ser corrompido pela ganância e loucura. Disponível em: <https://kids.britannica.com/students/article/Nibelungs/312711>. Acesso em: 17 dez. 2025.

¹⁴Em linguagem figurada: grande solidão; ermo; isolamento; retiro. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/lawMm/tebaida>. Acesso em: 17 dez. 2025.

humano ou pelos temas abordados, contribuem a esclarecer pontos de sua biografia, traços de sua psicologia ou aspectos de suas ideias estéticas e de suas atividades literárias (Coutinho, 1979, p. 1027). (Grifo nosso).

Nessa introdução, Coutinho (1979) destaca alguns aspectos sobre Machado, como o fato de que parecia não desejar que as cartas de sua autoria fossem publicadas, a falta de dinheiro quando dos preparativos para o casamento e seu apreço pela música. Coutinho (1979) também comenta as alusões de Machado à sua condição física e menciona que todos esses casos servem para mostrar o “traço de humanidade que a postura social não consentia ver e que o retrato pintado pela opinião lhe negou” (Coutinho, 1979, p. 1028).

Montello (1961) também se detém na atitude de Machado diante da correspondência, sublinhando a descrição de sua personalidade e atribuindo a esse recato natural a parcimônia com que o autor revela aspectos de sua vida íntima:

[...] Machado de Assis nunca ilustrou o elogio com o próprio exemplo. Daí ter sistematicamente fugido à ideia de mostrar a estranhos, através do clarão das confidências, a realidade que trazia consigo, no recato da consciência prevenida. Somente a dois amigos, no pequeno círculo íntimo de suas relações pessoais, distinguiu ele com uma que outra confissão, recolhida do seu mundo secreto em clarões fugidios: Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo. Foi mais expansivo nos seus últimos dias, talvez porque o seu espírito torturado, não encontrando mais aquela a quem chamava ‘a sua memória’ e a quem dizia tudo, buscava na convivência de amigos seguros alguma coisa do que a morte lhe roubara. (Montello, 1961, p. 99-100). (Grifo nosso).

Em contraste com a leitura de Montello (1961), que tende a associar a descrição epistolar de Machado a um temperamento mais reservado, Candido (2009) também dirige um olhar crítico à correspondência machadiana, mostrando certo ceticismo quanto à modéstia do autor. Em vez de entendê-la como expressão de humildade, o crítico propõe que essa postura seja interpretada à luz de uma escrita consciente de seus efeitos e de sua circulação. Além disso, ele sustenta que as cartas de Machado de Assis não podem ser elevadas à categoria de textos literários:

Em 1908 José Veríssimo exprimiu o desejo de publicar eventualmente as cartas de Machado de Assis que, consultado a respeito, concordou, mas dizendo o seguinte: ‘Não me parece que de tantas cartas que escrevi a amigos e estranhos se possa apurar nada de interessante, salvo as recordações pessoais que conservarem para alguns.’ **Mesmo que fosse falsa modéstia, ele tinha razão. Excetuadas duas ou três que parecem concebidas como artigos, as suas missivas, e não apenas as deste livro, não são textos do ponto de vista literário, apesar do encanto insinuante que há em todos os seus escritos. São quase todas mensagens no sentido estrito da palavra, quer dizer, simples instrumentos de comunicação, nos quais surgem raramente considerações**

de ordem mais geral. Presas ao cotidiano imediato, elas parecem, algumas vezes, sem prejuízo do torneio airoso, meros bilhetes ampliados. De modo que a correspondência escassa de Machado de Assis jamais poderia constituir uma *obra*, como são a de Flaubert ou a de Mário de Andrade. Por isso, ela importa pouco para conhecer a sua criação ficcional e as suas ideias, mas vale muito para ampliar o conhecimento de sua contida personalidade. As cartas deste livro são uma prova disso e fazem parte do que há de mais significativo na sua epistolografia esquiva, da qual são um dos conjuntos de maior peso, ao lado dos conjuntos formados pelas cartas a Salvador de Mendonça, Joaquim Nabuco e José Veríssimo. (Candido, 2009, p. 11) (Grifo nosso).

Da leitura desses apontamentos, pode-se constatar que, no âmbito da recepção crítica, há uma variedade de posicionamentos em relação à correspondência de Machado de Assis: alguns críticos a depreciam, outros revelam indiferença e há aqueles que adotam uma postura mais benevolente. Apesar dessas diferenças de tom e julgamento, essas apreciações convergem ao considerar a correspondência a partir da alegada insuficiência de conteúdo biográfico.

Silva (2015) sugere que uma das razões para tal descrição pode ser atribuída à preocupação em evitar a autoexposição. Machado de Assis tinha plena consciência de que a carta, por mais particular que fosse, constituía alvo certo, ou quase certo, de publicação. A carta dirigida a Lúcio de Mendonça, por exemplo, posteriormente incorporada como prefácio do livro *Névoas Matutinas*, apresenta teor íntimo e crítico, mas, ainda assim, acabou sendo publicada na abertura da obra do poeta:

Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1872.

Meu caro poeta.

Estou que quer fazer destas linhas o intróito de seu livro. Cumpre-me ser breve para não tomar tempo ao leitor. O louvor, a censura, fazem-se com poucas palavras. E todavia o ensejo era bom para uma longa dissertação que começasse nas origens da poesia helênica e acabasse nos destinos prováveis da humanidade. Ao poeta daria de coração um *away*, com duas ou três citações mais, que um estilista deve trazer sempre na algibeira, como o médico o seu estojo, para estes casos de força maior.

O ensejo era bom, porque um livro de versos, e versos de amores, todo cheio de confidências íntimas e pessoais, quando todos vivemos e sentimos em prosa, é caso para reflexões de largo fôlego.

Eu sou mais razoável.

Aperto-lhe primeiramente a mão. Conhecia já há tempo o seu nome ainda agora nascente, e duas ou três composições avulsas; nada mais. Este seu livro, que daqui a pouco será do público, vem mostrar-me mais amplamente o seu talento, que o tem, bem como os seus defeitos, que não podia deixar de os ter. Defeitos não fazem mal, quando há vontade e poder de os corrigir. A sua idade os explica, e não até se os pede; são por assim dizer estranhezas de menina, quase moça: a compostura de mulher virá com o tempo. [...]

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo II, p. 59-61). (Grifo nosso).

Além da possibilidade de publicação, deve-se considerar que as cartas não eram necessariamente lidas apenas pelos destinatários, uma vez que estes podiam funcionar como transmissores de informações a terceiros, sendo igualmente comum a leitura da missiva em voz alta. Essa prática é evidenciada em diferentes momentos da correspondência machadiana. Observe-se, por exemplo, o fragmento de carta endereçada a Salvador de Mendonça, de janeiro de 1876:

15 de abril de 1876.

[...]. **Quando a abri e contei as doze laudas da tua letra, cerrada e miúda, fiquei extremamente lisonjeado, e creio que causei afetuosa inveja aos que estavam ao pé de mim, o Quintino e o João de Almeida.m[...]**

Nada disse a ninguém do que me revelas em tua carta. O Blest Gana, segundo me disseram no Hotel dos Estrangeiros, está fora, na roça. Agradeço-te a confiança; mas devo dizer que ia caíndo em rasgar o capote. Foi o caso: **estava no *Globo*, lendo o que me dizias acerca de um livro sobre *coolies* e um romance, repeti estas palavras ao Quintino, João Almeida e Taunay.** Admiramo-nos todos do teu gênio laborioso, me eu continuei a ler a carta para mim. Quando vi de que romance me falavas, limitei-me a dizer que efetivamente escrevias um romance, mas que não convinha anunciá-lo por hora. Meu receio era que o Quintino noticiasse gravemente no dia seguinte que as letras pátrias iam receber um novo mimo, etc., etc. Imagina o efeito que te produziria semelhantes notícias no *Globo*. De maneira que, por hora, só eu sei do caso, e não revelarei antes de revelado por cartas ou jornais. [...]

Teu do coração,

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo II, p. 119-121). (Grifo nosso).

De modo semelhante, na epístola enviada a Joaquim Nabuco, em 7 de dezembro de 1900, Machado menciona uma carta destinada a Graça Aranha, esclarecendo que parte de seu conteúdo se dirigia também a outros interlocutores: “Na carta ao Graça Aranha, digo alguma coisa a tal respeito. Parte dela é para ambos, e para o Oliveira Lima, nosso confrade na Academia, e diria também para o Eduardo Prado, se não houvesse lido algures que ele embarcou para cá” (Assis, 2019, tomo III, p. 526). Diante dessas possibilidades de circulação ampliada, seja por publicação, seja por uma espécie de leitura compartilhada, a descrição impunha-se como requisito fundamental da epistolografia machadiana.

Essa cautela manifesta-se de forma explícita em carta dirigida a Mário de Alencar, datada de fevereiro de 1904:

Nova Friburgo, 10 de fevereiro de 1904.

Meu caro Mário,

Dato esta carta de Nova Friburgo de onde pretendo descer no dia 25 ou 26 deste mês. Escrevo-lhe especialmente para que me diga, se é possível, o que há relativamente à casa da Academia Brasileira. O *Jornal do Comércio*, referindo-se anteontem, creio eu, ao

complemento do edifício da Lapa diz que se não sabe ainda o destino que ele terá. Penso que sobre isto haja já decisão do Senhor Ministro do Interior. Houve acaso alteração, excluindo a Academia? **Confie-me o que há, se não ao Presidente da instituição, ao seu amigo particular e grato. Ponha-me a nota de reserva, se for preciso.** Machado de Assis (Assis, 2019, tomo IV, p. 249).(Grifo nosso).

O risco de extravio das cartas também figurava entre as preocupações correntes. Na missiva enviada a Salvador de Mendonça, em 8 de outubro de 1877, Machado observa: “Esta carta vai por via de Europa. No primeiro pacote escreverei outra, para remediar o extravio desta, se houver” (Assis, 2019, tomo II, p. 136). Anos mais tarde, em carta a Mário de Alencar, datada de 11 de abril de 1907, o escritor retoma a inquietação com o extravio das missivas: “Não terá havido extravio das duas cartas que lhe escreveu agora?” (Assis, 2019, tomo V, p. 192).

A descrição de Machado de Assis torna-se ainda mais evidente quando se considera o fato, destacado por seus biógrafos, de que ele determinou que as cartas dirigidas a sua mulher, Carolina, fossem destruídas. Restaram apenas duas cartas endereçadas a ela, provavelmente preservadas à margem do controle do autor. Trata-se de escritos anteriores ao casamento, de uma mesma data, preservados pela família de Carolina e tornados públicos por ocasião da exposição *Machado de Assis*, realizada em 1939, no centenário de nascimento do escritor. Como se pode observar, as cartas particulares que sobreviveram e vieram a público não comprometem a imagem do autor; subsistiram, em verdade, aquelas passíveis de publicação.

Nesse contexto, a figura de Carolina foi, sem dúvida, um dos temas mais cuidadosamente preservados. Em carta dirigida a Mário de Alencar, datada de 8 de fevereiro de 1908, último ano de vida de Machado de Assis, o escritor recomenda silêncio absoluto ao amigo, que havia identificado o modelo da personagem D. Carmo, de *Memorial de Aires*, isto é, a própria Carolina: “Aproveito a ocasião para lhe recomendar muito que, a respeito do modelo de Carmo, nada confia a ninguém; fica entre nós dois” (Assis, 2019, tomo V, p. 291).

Silva (2015) assinala que a consciência da possibilidade de publicação, da leitura compartilhada e dos extravios da correspondência contribuiu para a construção de um eu-missivista, o qual reforçou a imagem de Machado de Assis como um autor avesso à exposição.

1.5 Um missivista performático: outra abordagem possível

Ribas (2008) propõe um redirecionamento interpretativo ao inscrever a correspondência machadiana em outro campo de leitura, afastando-a das abordagens centradas unicamente na busca de dados relativos à vida literária carioca na transição do século XIX para o XX. Embora a correspondência contenha referências a práticas sociais, bastidores editoriais, disputas institucionais e especulações recorrentes sobre a vida e a personalidade do escritor, o interesse dessas cartas não se esgota na curiosidade biográfica. Esse enfoque, além de deslocar o olhar do intérprete para questões de ordem estritamente pessoal, encontra limites na própria escrita machadiana, uma vez que, no que se refere aos temas domésticos e íntimos, Machado de Assis deliberadamente pouco revela.

Ainda de acordo com Ribas (2008), apesar de Machado de Assis se apresentar nas cartas como um missivista afetuoso e diplomático, dotado de notável controle discursivo, a leitura crítica frequentemente ignora o que está claramente formulado no texto, preferindo buscar sentidos ocultos ou improváveis. Em oposição a essa prática interpretativa, a autora propõe abandonar a lógica da decifração de signos, entendida como a busca por chaves explicativas externas ao texto, e privilegiar a produção de sentidos a partir dos próprios jogos discursivos do narrador e do missivista. Essa perspectiva implica considerar os procedimentos reiterados da escrita epistolar machadiana, como a atenção dirigida ao próprio eu e ao corpo, às modulações diplomáticas do discurso, à função fática das mensagens, bem como às omissões, intertextualidades e negativas que estruturam a correspondência.

Nesse sentido, Ribas (2008) destaca a reconhecida habilidade diplomática de Machado de Assis como indício da consciência do autor das convenções e dos efeitos dessa modalidade discursiva. Ademais, o escritor conhecia o alcance, a eficácia, os limites e o caráter representacional das cartas, domínio que se manifesta de forma exemplar no *Memorial de Aires*, quando o narrador afirma: “A diplomacia me ensinou a aturar com paciência uma infinidade de sujeitos intoleráveis que este mundo nutre para seus propósitos secretos” (Assis, 1979, v. 1, p. 1168).

O valor da correspondência machadiana torna-se mais evidente quando as cartas deixam de ser lidas como simples projeção das expectativas do intérprete e passam a ser examinadas a partir de seus próprios modos de funcionamento discursivo. O interesse não se restringe ao conteúdo explícito, mas envolve também o que se repete, o que é omitido e a forma contida pela qual experiências como doença, cansaço, melancolia ou afeto são incorporadas à escrita. Mesmo

ao recorrer a ideias correntes e a lugares-comuns da época, Machado não os reproduz de maneira automática, mas os reelabora em um estilo marcado pelo controle da linguagem e pela escolha cuidadosa das formas de dizer.

Diante das diversas possibilidades de leitura desse *corpus*, Ribas (2008) opta por não tomar as cartas como testemunhos diretos e transparentes da vida pessoal do autor. Essa escolha baseia-se na compreensão de que o relato biográfico, por si só, não garante acesso à verdade. As cartas não oferecem uma verdade única e objetiva, mas produzem verdades parciais, situadas e discursivamente construídas. Por essa razão, a autora evita o que denomina “fantasma do testemunho”, que é a crença na qual a palavra do próprio autor assegura automaticamente a veracidade do que é narrado. Ao mesmo tempo, recusa o extremo oposto, que consistiria em reduzir a correspondência a um jogo puramente subjetivo, desvinculado de relações com o contexto histórico e social. O objetivo, assim, é ler e interpretar essas cartas de forma crítica e equilibrada, revisitando a memória machadiana com consciência dos riscos envolvidos nesse gesto interpretativo, que inclui examinar os sujeitos construídos pelo texto, as relações entre si e os modos de autorrepresentação.

Nesse cenário, a autoria não pode ser tomada como instância segura de validação da verdade do texto, sobretudo no caso de Machado de Assis. O escritor constrói, ao longo de sua obra, múltiplas máscaras narrativas e assume a figura de um narrador atento aos mecanismos da retórica, capaz de utilizá-los de modo reflexivo e crítico. A retórica, nesse contexto, não se reduz a ornamento, mas torna-se instrumento de questionamento, especialmente quando expõe discursos excessivamente formais e esvaziados, característicos da cultura bacharelesca, frequentemente mobilizados como meios de distinção e prestígio social.

O narrador machadiano exerce, assim, uma função crítica em relação às convenções que organizam a vida social, interrogando hierarquias, normas de conduta, valores consagrados e a pretensão da ciência de se afirmar como explicação exclusiva da experiência humana. No entanto, essa crítica não assume um tom trágico ou moralizante, uma vez que é expressa por meio de uma ironia discreta, na qual o sofrimento não se converte em zombaria explícita, mas em um sorriso contido, ora amargo, ora levemente bem-humorado, como se observa no conto “Teoria do Medalhão”¹⁵. Desse modo, ler Machado de Assis implica aprender a reconhecer os jogos

¹⁵ O conto “Teoria do medalhão” foi publicado em dezembro de 1881, na *Gazeta de Notícias*, e, mais tarde, incluído na coletânea “Papéis Avulsos”. Nele, Machado de Assis critica a retórica vazia: “a palavra como ornamento, portanto, sinalizava total falta de compromisso com o significado. Sua sonoridade, seu aspecto empolado, serviam

discursivos que estruturam sua escrita e as estratégias pelas quais o autor conduz o leitor nesse exercício crítico.

Ribas (2008) ressalta que essa revisão conceitual conduz a desdobramentos mais específicos. Ao propor uma leitura atenta aos silêncios da correspondência, a autora observa que certos temas são sistematicamente evitados por Machado e que essas ausências são igualmente significativas. Um exemplo é a carta dirigida a Magalhães de Azeredo, em abril de 1897, na qual Machado, sutilmente, tenta assinalar que não trata de política – pelo menos, não com esse amigo:

Rio de Janeiro, 2 de abril de 1895.

Meu querido amigo e poeta,

[...]

Daqui não tenho nada que lhe dizer que não saiba pelos jornais. Disse que o seu ministro pediu demissão, e citam-se nomes de substitutos, entre eles o do Henrique Cavalcante, que é um bom rapaz. Rapaz, entenda-se do meu tempo. Entretanto, por hora, não há nada. Esperam as câmaras, cuja exceção uns creem que seja violenta, outros que não, e eu vou mais para estes, não acreditando em violências anunciadas. **Daí pode ser que me engane. Não é difícil, em matéria que excede a minha competência e o meu gosto.** Mormente na minha idade, quem viveu de letras, há de morrer com elas (Assis, 2019, tomo III, p. 73.) (Grifo nosso).

Em outra carta a Azeredo, em 19 de março de 1900, Machado reitera a recusa em tratar de política. Entretanto, dessa vez, seu texto é mais explícito: “Por aqui, nada há que mereça ser contado, salvo um caso de conspiração ou tentativa. Mas as nossas cartas não tratam de política” (Assis, tomo III, p. 460).

Tradicionalmente, essa recusa tem sido interpretada como traço de uma personalidade marcada pela timidez, pela discrição e pela diplomacia. Ribas (2008) não concorda totalmente com essa leitura, pois, quando tomada isoladamente, ela tende a encerrar a investigação do pensamento do autor e seu interesse está em manter a interpretação em aberto, prolongando a cadeia de sentidos. Para isso, destaca o papel das negativas na escrita machadiana, entendidas como elementos centrais de estratégia discursiva, ao lado da ironia, como formas indiretas de dizer e de organizar o discurso. Percebe-se, assim, a repetição de recusas que aparecem de modo fragmentado: “não falar em política, não polemizar, não mencionar a improvável esterilidade, não

tão somente como recurso, eram o código de acesso a um patamar social elevado”. As palavras devem terminar em si mesmas, em sua estilística, em seu efeito imediato, não se vinculando a nenhuma ideia de fato. VITAL, Selma. O medalhão que sabia javanês: uma leitura comparativa entre Machado de Assis e Lima Barreto. *Machado de Assis em linha*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jun. 2009. Disponível em: <https://machadodeassis.fflch.usp.br/sites/machadodeassis.fflch.usp.br/files/u73/num03artigo08.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2026.

falar da vida íntima, tudo até o justo ponto socialmente permitido e subjetivamente pretendido. Então, Machado vai, estrategicamente, repetir o que seus destinatários precisam ouvir” (Ribas, 2008, p. 36). Portanto, diante da presença constante da negação e da repetição, impõe-se a questão de saber se, nesse contexto, repetir pode produzir diferença.

Surge, então, um paradoxo: como textos marcados pela repetição e pelo previsível conseguiam manter, à época, a credibilidade e o interesse de seus destinatários e, ainda hoje, suscitar o interesse do intérprete? Do ponto de vista do destinatário, o valor dessas cartas não estava na novidade do conteúdo, mas em um conjunto de fatores socialmente atribuídos. A postura ética de Machado, o valor simbólico de sua figura na sociedade carioca do século XIX e a aura associada ao seu nome conferiam peso e legitimidade à sua palavra. Mesmo quando atuava como cronista de fatos já conhecidos ou como interlocutor atento que devolvia aos correspondentes reflexões na mesma medida, Machado preservava a respeitabilidade, sustentada por uma escrita cuidadosa e formalmente controlada.

Essa respeitabilidade funcionava, por sua vez, como garantia da circulação eficaz da mensagem. A posição social do escritor e a imagem pública como mestre e conselheiro justificavam os ecos, as repetições e o caráter reiterativo de sua correspondência. Assim, ainda que poucas novidades fossem apresentadas, a consistência da palavra machadiana contribuía para a constituição do leitor destinatário, em consonância com o valor atribuído à conduta e à autoridade simbólica de Machado de Assis no universo letrado do século XIX.

Do ponto de vista do intérprete, o interesse pela correspondência de Machado de Assis está ligado às questões que ela suscita. A leitura das cartas é orientada pela obra ficcional, jornalística e ensaística do autor, pois nelas se reconhecem traços já conhecidos de seus romances, contos e crônicas, como o cuidado com a linguagem, a erudição, a ironia, a repetição de temas familiares ao leitor, as reflexões sobre a condição humana, o humor contido e o ceticismo. Esses elementos ajudam a situar a correspondência no conjunto de sua produção e recolocam, inevitavelmente, a questão da autoria.

No entanto, a escrita machadiana não se apresenta como expressão direta de uma voz autoral transparente. À luz das reflexões de Barthes (2012), quem fala no texto é um mediador, o narrador, cuja atuação pode ser reconhecida pelo domínio da linguagem e pela organização do discurso. Esse narrador seleciona o que diz, o que repete e o que silencia, funcionando como uma das formas pelas quais o autor se projeta no texto. Por essa razão, a leitura das cartas de Machado

é frequentemente desconcertante: nelas, o leitor não encontra confirmações diretas da imagem consagrada do escritor, nem revelações pessoais que expliquem sua obra. Em lugar disso, as cartas chamam a atenção para os limites da exposição de si e para o controle exercido sobre a escrita.

Machado não assume, na correspondência, uma postura de enfrentamento direto da ordem social em que vive. A performance epistolar não envolve a exposição de aspectos íntimos de sua vida, nem confidências além das referências já esperadas à própria doença. Também não inclui o relato de fatos que pudessem comprometer amigos ou conhecidos, nem o gesto de polemizar sobre o Império, Canudos, escravidão, abolicionismo, República. Diante desse modo de escrever cartas, torna-se mais produtivo lê-las a partir do que nelas é recusado ou evitado, em vez de interpretar essas escolhas como simples omissão, indiferença ou sinal de absenteísmo político. Muitas dessas interpretações resultam menos de uma leitura atenta da correspondência do que de juízos prévios já consolidados pela crítica.

Na correspondência machadiana, os segredos não se apresentam como revelações de ordem pessoal, mas como movimentos cuidadosamente calculados no interior do jogo epistolar. A escrita das cartas funciona, assim, como um meio de interação social, cujo alcance se amplia à medida que reforça vínculos e afinidades entre os destinatários, especialmente no interior de um círculo letrado marcado por sensibilidades comuns. Ainda que aquilo que o autor escolhe salientar resulte de uma decisão consciente, não se trata, por isso, de uma experiência desprovida de afeto. O que se escreve é vivido, ainda que filtrado pela forma e pelo controle discursivo. Desse modo, a avaliação da performance epistolar se encontra nos efeitos produzidos no campo da recepção, na leitura, e não na proximidade com dados biográficos.

A consciência do uso da escrita epistolar como estratégia social, bem como a eventual simulação, não implica a exclusão do sentimento, embora torne mais difícil apreender aspectos como as intenções efetivas do autor. Essa dificuldade se acentua quando se considera a dissolução da categoria do autor como origem estável da escrita. O que se observa, então, não é a presença de um sujeito plenamente identificável, mas uma forma de organização do discurso marcada pela alternância de sinais e pela oscilação entre dizer e silenciar, que se constrói no próprio processo de enunciação e de leitura.

Nesse sentido, Machado de Assis elabora, nas cartas, uma figura de remetente que se move pelas normas sociais vigentes, sem se confundir integralmente com elas. A escrita não se

define pela ruptura direta, mas pelo domínio das regras, o que lhe permite tencioná-las a partir de seu interior. A estratégia consiste em afirmar por meio das negativas, frustrar expectativas e articular posições que, à primeira vista, seriam tomadas como incompatíveis. Esse procedimento aproxima a escrita epistolar da lógica observada na ficção, na qual uma forma contida e socialmente aceita abriga um movimento crítico constante.

O sujeito que emerge da linguagem, nesse quadro, não corresponde à pessoa empírica do autor, mas ao sujeito da enunciação, cuja existência se limita ao espaço do texto. O acesso à pessoa de Machado de Assis, como figura concreta fora da escrita, não se encontra disponível nas cartas, nem mesmo para aqueles que com ele conviveram e trocaram correspondência. Machado se constitui, assim, no próprio ato da escrita e da leitura, produzindo-se continuamente na linguagem.

CAPÍTULO 2 – AMIZADE E HOMOSSOCIABILIDADE

Desde que o homem foi capaz de estender seu olhar para além da própria subsistência, começou a refletir sobre si mesmo e sobre o mundo, em busca de um sentido para a vida. Séculos de filosofia não foram suficientes para que alcançasse o destino almejado, mas a busca ainda continua. Nessa busca, o homem e sua relação com o outro sempre esteve no centro das reflexões, uma vez que a vida acontece em sociedade e, por sermos seres racionais, essa convivência deve ser consciente.

Em virtude disso, o tema da amizade sempre esteve no centro das reflexões filosóficas – analisada por diversos prismas – por ser, talvez, a forma mais completa de se relacionar com o outro. A correspondência entre Machado de Assis e Magalhães de Azeredo revela algumas nuances dessa amizade tão peculiar: Machado não fala de política, nem revela o processo criativo, mas se dispõe a atender prontamente os pedidos do amigo.

Contudo, antes de examinar as manifestações de amizade nas cartas trocadas entre Machado e Azeredo, é oportuno introduzir algumas considerações sobre o conceito de amizade na Antiguidade, visto que essas ideias atravessaram o tempo e continuam presentes no século XXI.

2.1 Platão: *eros* e *philia*

A amizade ocupa posição central no pensamento platônico e integra a investigação da verdade. Nos diálogos *Lísis*, *Banquete* e *Fedro*, o tema é articulado com o amor entre rapazes e na busca por uma forma eticamente aceitável desse vínculo no contexto da *pólis*. Como mostra Ortega (2011), na Grécia clássica, a ausência de laços conjugais baseados no amor romântico e a separação rigorosa entre os sexos concentravam nos relacionamentos masculinos tanto o afeto quanto o desejo, originando uma *ars erótica* expressa na poesia e na filosofia.

O *paidikóneros* – o amor pelos rapazes – era entendido como força formativa capaz de inspirar feitos heroicos, educar os jovens e estimular a reflexão. Entretanto, o isomorfismo social impedia que o jovem assumisse uma posição passiva na relação, pois isso iria de encontro ao ideal de participação política. Para resolver essa tensão entre prática erótica e exigências cívicas, propõe a sublimação do *eros*, convertendo-o em *philia*, amizade não sexualizada. Em *Lísis*, o

desejo aparece como falta que motiva a busca do outro, e o “primeiro amigo” é identificado à própria ideia da amizade, vinculada ao Bem e ao Belo (Platão, 2015).

A amizade, para Platão, nasce de uma afinidade orientada ao aperfeiçoamento moral. O amor entre rapazes não é bom ou mau em si: seu valor depende da forma como é praticado. Quando o desejo se fixa no corpo, perde seu potencial formativo; quando sublimado, transforma-se em impulso filosófico que conduz à virtude e à beleza.

Assim, a amizade atinge a expressão mais elevada na comunidade filosófica, cuja convivência é condição do exercício do pensamento. Diversas escolas antigas retomaram essa concepção, entendendo a amizade – como amor sublimado – como fundamento ético e afetivo da vida intelectual em comum.

2.2 Aristóteles: amizade e virtude

Aristóteles, em contraste, rompe com essa estrutura transcendental e recoloca a amizade no terreno da vida comum. Ele dissocia *eros* de *philia*, decretando uma incompatibilidade definitiva entre ambos. *Eros* é visto como um elemento perturbador da harmonia da alma, distraindo o amante com a satisfação das partes mais baixas de sua alma. Em sua ética, a amizade não é falta, nem necessidade, é uma virtude. O amigo não é instrumento de ascensão ao mundo ideal, mas parte constitutiva da felicidade terrena.

Ortega (2011) ressalta que Aristóteles seculariza a amizade, pois ela é vivida entre homens concretos que compartilham virtude e igualdade, e se torna um modo de vida tão essencial quanto a justiça e a política. Enquanto Platão mantém a amizade subordinada a uma “lógica verticalizada”, Aristóteles lhe dá uma dimensão horizontal.

Outro ponto a ser considerado é que o filósofo coloca ênfase no elemento racional na análise da amizade, sendo esta governada pela parte mais elevada da alma. Dessa forma, a *philia* fica ligada à excelência moral e à uma vida plena, *eudaimonia*, e não a um bem-estar momentâneo, com a noção de *philia* também estendida a quase todas as relações humanas.

Aristóteles aproveita o conceito platônico do “primeiro amigo”, mas retira o aspecto transcendental, trazendo esse conceito para a realidade concreta e o chamando de “amizade perfeita”. Ele distingue três tipos de amizade, que se fundamentam na virtude, no agradável e no interesse, estabelecendo uma hierarquia entre eles. Apenas o primeiro tipo equivaleria à “amizade

perfeita”, enquanto as outras formas são consideradas imperfeitas, acidentais ou instrumentais. A amizade perfeita é considerada uma “benevolência recíproca”, na qual o amigo é amado por si mesmo. Por outro lado, é, também, útil e agradável, além de perene e rara. Embora pouco frequente, quase impossível, serve como norma de avaliação dos tipos de amizade.

2.3 Cícero: o Estado acima da amizade

Na sociedade romana, a amizade aproximava-se do modelo grego, mas possuía contornos específicos. A *amicitia* era entendida como vínculo livremente escolhido, embora também designasse alianças políticas entre membros da elite para apoio mútuo na vida pública. De acordo com Ortega (2011), a estrutura social centrada na *patria potestas* fazia das relações pessoais um elemento decisivo para o êxito político, formando redes verticais de dependência e horizontais de alianças entre famílias de igual *status*.

Por não se desenvolver entre pessoas da mesma faixa etária, a *amicitia* não alcançou em Roma o valor afetivo atribuído à amizade na Grécia. Os romanos separavam amor e amizade, reservando o *eros* ao matrimônio; as leis republicanas, em uma sociedade que valorizava a família como instituição moral, condenavam a homossexualidade. Assim, o *paidikóneros* deixou de ser tema filosófico, e a amizade passou a ter, principalmente, caráter utilitário.

A distância entre teoria e prática é evidente em Cícero, que retoma a tipologia aristotélica e defende um ideal de amizade perfeita subordinada ao dever cívico. Para ele, a *amicitia* só existe entre homens considerados virtuosos e deve ceder diante das exigências do Estado, o que contrasta com a tradição grega que privilegiava os laços pessoais.

Ao longo da Antiguidade, amizade e política permaneceram estreitamente vinculadas. Em Roma, a *amicitia* funcionava como instrumento de prestígio, enquanto o modelo ideal – *teleiaphilia* ou *vera amicitia* – continuava a representar a imagem do amigo como “outro eu”, orientado pelo aperfeiçoamento moral e espiritual.

2.4 Machado de Assis e Magalhães de Azeredo

Embora a realidade vivida por Machado de Assis e seu jovem correspondente seja muito distante e muito diversa daquela de Aristóteles e Cícero, podemos identificar pontos de

convergência entre as concepções filosóficas clássicas de amizade e os vínculos estabelecidos entre os dois autores.

Aliás, muitas das reflexões de Aristóteles sobre a amizade perpassaram os séculos e chegaram até a atualidade, como na passagem: “Além disso, essa espécie de amizade requer tempo e familiaridade. Como diz o provérbio, os homens não podem conhecer-se até que tenham provado juntos do sal” (Aristóteles, 2021, p. 186). Isso significa que o desejo por uma amizade pode até surgir rapidamente, o que não ocorre com a constituição efetiva dessa amizade, ideia que ainda hoje está presente na sociedade ocidental.

Machado de Assis e Magalhães de Azeredo certamente tiveram tempo para cultivar a amizade, que começou quando o primeiro, aos 15 anos de idade, estudante do Colégio São Luís Gonzaga, em São Paulo, enviou seu primeiro livro de versos, *Inspirações da Infância*, para o célebre escritor. Machado respondeu de maneira afetuosa, encorajando-o e o chamando de poeta. Depois desse episódio, seguiram-se quase 20 anos de correspondência, interrompida somente pelas poucas vezes em que Magalhães de Azeredo, que acabou por tornar-se diplomata, visitou o Rio de Janeiro (Assis, 1969).

Entre 1889 e 1908, os dois missivistas trocaram cerca de 139 cartas: 87 delas escritas por Azeredo e 52 por Machado. Não é possível determinar com precisão o número total de cartas trocadas entre Machado de Assis e Azeredo. Como já mencionado, a primeira carta foi enviada quando Azeredo era ainda um adolescente e foi acompanhada de seu primeiro livro de versos. No entanto, na edição organizada por Virgílio (Assis, 1969), não aparecem nem essa primeira missiva, nem a resposta de Machado. O volume II da coleção coordenada por Sergio Paulo Rouanet (Assis, 2019) também não traz a primeira carta de Azeredo, somente o que parece ser a resposta de Machado de Assis, mas sem data. Em ambos os volumes, a carta inaugural da correspondência é de Azeredo, datada de junho de 1889, na qual ele se desculpa pela demora em responder a Machado:

São Paulo, 2 de junho de 1889.

Excelentíssimo Amigo e Senhor,

Os muitos afazeres a que me tenho visto obrigado, desde que vim da Corte, impediram-me até hoje o escrever-lhe, dever este que peço desculpa de não ter cumprido há mais tempo. Vossa Excelência teve a bondade de tomar sobre si o encargo de propor ao Sr. Lombaerts a impressão do meu livro de versos, e informar-me do que houver a tal respeito. **Aproveitando-me dessa fineza, à qual de todo o coração sou grato, devo dizer à Vossa Excelência – porque convém que o editor o saiba – que o volume com certeza não passará de 200 páginas quando muito [...].**

Espero que Vossa Excelência, logo que puder, me escreverá sobre este negócio e me fará o prefácio que gentilmente prometeu para o meu livro.

Peço-lhe, permita-me que lhe envie qualquer dia o meu retrato; e estimarei muitíssimo se me der em troca o seu.

Ainda uma vez, agradeço a amabilidade com que me tratou quando aí estive, assegurando-lhe que lhe voto e votarei sempre o mais vivo reconhecimento, e que Vossa Excelência pode contar-me no número de seus admiradores e discípulos dedicados e, se não é ousadia pretendê-lo, no de seus amigos. [...]

Carlos Magalhães de Azeredo

Rua do Riachuleiro, 43. (Assis, 2019, p. 15). (Grifo nosso).

Nesse fragmento, observamos que Machado de Assis provavelmente já havia recebido uma carta anterior de Carlos Magalhães de Azeredo, acompanhada de seu primeiro livro de versos, e que ambos haviam se encontrado no Rio de Janeiro. Além disso, Machado havia aceitado intermediar as negociações com o editor Lombaerts, responsável pela publicação da obra. Percebemos, ainda, que, apesar de o vínculo entre os dois ser recente, Azeredo solicita que Machado informe o editor sobre aspectos técnicos do volume e reitera o pedido para que este redija o prefácio da obra. Chama a atenção a personalidade desinibida e desembaraçada do jovem missivista, que não se acanha em mostrar sua admiração pelo Mestre, nem em lhe pedir favores.

Em 1892, na faculdade de Direito, Azeredo pede ao amigo que tente negociar com a casa Lombaerts o preço da impressão de mil exemplares do seu livro de versos:

São Paulo, 21 de outubro de 1892.

Mestre e Amigo,

[...] O caso é este: na véspera da minha vinda, fui ao Lombaerts tratar da impressão do meu livro. Pediram-me por mil exemplares, um conto e cem mil réis. Como vê, não é soma para desdenhar. E não sei se nesta ocasião me acho em condições de despendê-la.

Não seria possível entrar em um acordo com a casa Lombaerts ou outra de mesmo gênero, já não digo para que me comprem a edição, mas para me fazerem, com o papel e o tipo que eu escolhesse, gratuitamente ou por preço muito menor, ficando ela pertencendo ao editor e tendo eu apenas direito a 150 ou 200 exemplares? Como Vossa Excelência deve ter grande prática dessas coisas, e eu não tenho nenhuma, pensei logo em consultá-lo acerca dessa ideia. Rogo-lhe, me diga com franqueza se haverá a possibilidade de realizá-la. Creio que, continuando eu a colaborar por algum tempo na Gazeta, adquirindo assim o meu nome e certa publicidade, aí o livro será procurado, tanto mais que terá no prólogo de Vossa Excelência a melhor apresentação para o público. [...].

Rua do Riachuelo, 43. (Assis, 2019, tomo III, p. 17-18). (Grifo nosso)

Em raro momento de descontração, a lamúria de Azeredo ganha forma de zombaria com seu editor:

Montevideu, 27 de abril de 1895.

Meu querido Mestre e Amigo,

[...] **O meu livro de novelas parece estar sob a ação de uma *jettatura*¹⁶ – e essa não é outra, senão a imbecilidade do meu editor, ou será o nariz descomunal, fantástico, que a natureza lhe deu a ele num momento de ironia.** Pelo último vapor me mandou o homem nove pacotes de livros brasileiros e portugueses que eu precisava, em encomendas do correio (!), e uma carta em que prometia por à venda a *Alma Primitiva* em maio sem falta. Fico à espera. Receio muito, porém, que a demora tenha já prejudicado a obra, e que ela passe quase despercebida. Tratando-se do meu primeiro livro, calcule como isso me desespera. [...]. (Assis, 1969, p. 43-44). (Grifo nosso).

As queixas e os pedidos aparecem, novamente, em julho do mesmo ano: Azeredo reclama da demora na impressão de seu primeiro livro e pede ao Mestre que supervisione o trabalho. O que nos parece é que Azeredo gostaria que Machado, com todo o seu prestígio, usasse de sua influência para acelerar o processo:

Montevideu, 17 de julho de 1895.

Meu querido Mestre e Amigo,

[...] **A *Alma Primitiva* parece vítima de um sortilégio.** Maio já passou, junho também, e nem ela sai do prelo, nem eu tenho notícia alguma do seu destino. Olhe que na verdade é caiporismo. Se ainda por cima ao sair, se encontra na rua com um distúrbio político, como o primeiro livro dos Goncourt se encontrou com um golpe de Estado de 2 de dezembro, é caso para encomendar logo exéquias sumárias ao recém-nascido. **Ausente do Rio, nada podendo fazer pela *Alma Primitiva*, especialmente a recomendo aos seus cuidados amigos - seguro de que a melhores mãos não é possível confiá-la.** Estou muito queixoso da *Gazeta*; há dias escrevia ao Doutor Araújo uma carta sentidíssima; a razão é que há mais de um mês mandei para a redação várias poesias minhas, e ao passo que saem outras, essas não aparecem. [...].

Adeus, adeus. Escreva-me. Abraça-o cordialmente o seu Magalhães de Azeredo. (Assis, 2019, p. 98-99). (Grifo nosso).

Em outubro de 1895, Azeredo pede que Machado escreva o prefácio de *Procelárias*, seu próximo livro:

Montevideu, 6 de outubro de 1895.

Meu querido Mestre e Amigo,

[...] Folgo em ver que lhe agradaram os meus três sonetos das Rústicas e Marinhas. Como muito bem pensa, esse livro será feito lentamente, e eu forcejarei por bem escolher os assuntos. Assim que receber de Lisboa umas informações necessárias, começarei a mandar para lá por partes o manuscrito das *Procelárias*. **Desejo, como há muito combinamos, que seja seu o prefácio desse livro. Para isso lhe enviarei oportunamente o volume com todas as poesias já classificadas.** [...] (Assis, 1969, p. 62) (Grifo nosso)

¹⁶ *Jettatura* é o nome italiano para o poder do mau-olhado, azar, má sorte, bruxaria. CALDAS AULETE, Francisco Júlio. *Dicionário on-line Caldas Aulete*. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/jetatura>. Acesso em: 14 jan. 2026.

Já no início de 1896, o jovem escritor, novamente sem dinheiro para financiar a impressão de *Procelárias*, volta a pedir a Machado de Assis que intermedeie o negócio com a editora:

Montevideu, 31 de janeiro de 1896.

Meu querido Mestre e Amigo

[...] **Agradeço-lhe muito ter me mandado e com tanta presteza a *Litteratura Nacional* de Fernandes Pinheiro.** [...] **Mas não devo abusar assim da sua bondade. Não é sem certo remorso que dou tanto trabalho a um amigo cuja vida é tão atarefada sempre.** Falemos agora sobre as *Procelárias* e a Casa Laemmert. Penso em propor outro negócio. Francamente lhe direi que nesta ocasião não creio poder arcar com as despesas da impressão de um livro. [...] Já vê que, em tais circunstâncias, me é impossível editar o meu livro. Por outro lado, eu quero absolutamente publicá-lo agora. [...] E, além disso, creio que não há ensejo melhor de fazer sair as *Procelárias* que a minha demora de alguns dias no Rio, antes de partir para Roma.

Assim, o que desejo é que a Casa Laemmert seja editora do volume. [...] **Peço-lhe que veja o que diz isso a Casa Laemmert [...].**

Espero que a casa Laemmert aceitará este negócio, e rogo-lhe que lho proponha; se o aceitar, imediatamente farei começar o trabalho, visto que o livro já se acha preparado e é só entregá-lo. **Se na casa Laemmert não se puder arranjar nada, pode-se então falar ao Lombaerts; e, em último caso, à Gazeta de Notícias. Desculpe este incômodo que lhe causo.** Se a gratidão pode retribuir um favor de amizade, creia que a minha é cada vez maior. [...] (Assis, 2019, tomo III, p. 144-146). (Grifo nosso).

Em carta datada de março de 1901, Magalhães de Azeredo demonstra plena consciência da frequência de seus pedidos dirigidos a Machado de Assis. Longe de manifestar qualquer acanhamento, assume com notável desinibição que tais solicitações devem ser lidas como sinais de afeição e proximidade. Para Azeredo, pedir muito não é abuso, mas prova de confiança:

Roma, 20 de março de 1901.

Meu querido Mestre e Amigo,

[...]

Tenho mais dois livros, um pronto, outro quase pronto. [...] Esses dois vou propô-los à Casa Garnier, porque não me importa que a impressão se faça em Paris e que eles apareçam mais cedo ou mais tarde. Para isso, vou escrever hoje mesmo, e **como sei que tem grande prestígio e decidida influência na Casa Garnier, também lhe os recomendo para que, no momento oportuno, diga uma boa palavra a meu favor.** Na verdade, eu estou continuamente recorrendo à sua bondade, pedindo-lhe ora isto, ora aquilo, mas não lhe posso dar maior prova da minha confiança e do meu afeto do que dizer-lhe que o faço sem vergonha nenhuma, pois tal ideia tenho da sua amizade, que sei e reconheço que, longe de se aborrecer com isso, ainda me será grato pelos obséquios que eu lhe peço. Veja que mais é impossível dizer de um coração amigo (Assis, 2019, tomo IV, p. 38-39). (Grifo nosso)

A partir desses trechos, meramente exemplificativos, é possível constatar que Magalhães de Azeredo frequentemente recorria a Machado de Assis para solicitar favores. Esses pedidos, aliás, percorrem toda a correspondência mantida entre ambos ao longo dos anos. Causa

estranheza, inclusive, a prontidão com que o escritor, que também exercia as funções de servidor público, atendia às solicitações do amigo. Mesmo com Carolina doente, e às vésperas de sua mudança para o Hotel do Corcovado, Machado encontrou tempo para conversar com editores sobre a publicação do livro de Azeredo:

Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1896.

Meu querido amigo e poeta,

Esta é a carta mais breve que lhe terei escrito; di-la-ei brevíssima, como vai ver. Não ademoro, para aproveitar o pacote que sai amanhã e **por estar em preparativos de mudança para o Hotel do Corcovado, onde vou estar algumas semanas por motivo de moléstia de minha mulher**. Só agora escrevo, porque só agora posso dar completa resposta à última que me escreveu acerca das procelárias. **Na ordem em que me incumbiu**, falei primeiro ao Laemmert, que me pediu alguns dias para responder. A decisão que me deu foi negativa; teria muito prazer em tomar asi as despesas e a venda, mas achou aquelas muito elevadas. O Lombaerts, a quem falei depois, deu-me razões que me pareceram válidas, logo à primeira vista. O seu principal e quase exclusivo negócio são assinaturas de jornais. Não tem edições de livros. [...]. Finalmente, esperei poder entender-me com Araújo¹⁷, que está em Petrópolis, para onde sobe cedo. Logo que lhe pude falar expus-lhe a questão. A resposta foi ainda negativa. Não tem meios nem pessoal para a venda do livro, do mesmo modo que teriam livreiros. [...]. Desculpe e escreva-me. Adeus.

O velho amigo

Machado de Assis (Assis, 2019, p. 147). (Grifo nosso).

Vale ressaltar que essa resposta de Machado de Assis, em fevereiro de 1896, é apenas um exemplo da solicitude do escritor para com Azeredo. Ao longo de nossa leitura, verificamos que, embora o vínculo afetivo entre os dois missivistas fosse genuíno, é inegável que Magalhães de Azeredo soube mobilizar com habilidade esse laço em benefício próprio. A frequência e a natureza das solicitações revelam não apenas a admiração pelo mestre, mas também uma aptidão costumeira para persuadi-lo a atender prontamente aos seus pedidos. A relação, nesse sentido, embora marcada por respeito e apreço mútuos, assumia contornos de conveniência para o jovem poeta, que sempre que necessário, valia-se da influência e do prestígio de Machado de Assis.

Virgilio (Assis, 1969), ao organizar a correspondência entre Machado de Assis e Magalhães de Azeredo, dedica especial atenção à personalidade do jovem interlocutor. O pesquisador aponta para o fato de que as qualidades literárias de Magalhães de Azeredo revelam-se de forma mais plena no gênero epistolar. Nesse formato, destacaram-se a capacidade de

¹⁷Ferreira de Araújo foi o fundador da *Gazeta de Notícias*. LIMA, Mariana da Silva. Entre debates e picuinhas. *Miscelânea: Revista de literatura e vida social*, v. 8, 2010. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/645>. Acesso em: 18 nov. 2025.

inspirar confiança e a habilidade de expor-se com franqueza, visto que foi assim que conquistou o afeto de homens ilustres – em geral mais velhos e prestigiosos – que, embora normalmente inacessíveis, rendiam-se ao seu encanto e lhe confiavam o que ocultavam dos demais.

Grandes nomes da intelectualidade depositaram nele sua confiança: Olavo Bilac, Mário de Alencar, Coelho Neto, Joaquim Nabuco, Graça Aranha e Eça de Queiroz. Contudo, foi na correspondência trocada com Machado de Assis que se encontra a contribuição mais relevante de Magalhães de Azeredo para a literatura brasileira ao oferecer uma imagem reveladora do autor de *Dom Casmurro*.

Apesar de muitas amizades, romances e de certo êxito literário, Azeredo optou por seguir outro caminho profissional:

Através de Carlos de Carvalho, ministro do exterior, seu grande admirador e amigo, consegue ingressar no corpo diplomático. **O ministro, fascinado pela palavra fácil e pela bem apessoada figura de um jovem intelectual de 22 anos de idade que já contava com a proteção do respeitadíssimo Machado de Assis, não hesita em nomeá-lo segundo secretário da delegação do Brasil em Montevidéu.** Magalhães de Azeredo verá o mundo de perto, romanticamente, enquanto seu mestre continuará a observá-lo de longe, do seu rio que nunca abandonará, servindo-se dos livros, dos jornais e das cartas que os amigos lhe mandam do exterior (Assis, 1969, p. 10). (Grifo nosso).

Ainda nas palavras do estudioso, “Machado lamenta essa perda como a de uma alma gêmea” (Assis, 1969, p. 10). A partir desse momento, as trocas de cartas tornaram-se ainda mais frequentes, aprofundando uma relação espiritual fundamentada na admiração recíproca e no carinho mútuo.

Virgilio (Assis, 1969) aventa a possibilidade de que Machado de Assis, um homem gago, doente, sem atrativos físicos e complexado pela origem humilde, quisesse ver no jovem, bonito e aristocrático pupilo, adorado pelas mulheres e popular entre os homens, uma extensão de si mesmo, uma espécie de alma exterior à sua. Cogita, ainda, a hipótese de que, considerando-se superado como poeta e, principalmente, como orador, Machado tenha encontrado alguma forma de compensação no êxito do jovem poeta, cuja habilidade em declamar versos em público refletia uma faceta de sensibilidade que o próprio Machado possuía, mas que sempre relutou em expor.

Em uma de suas crônicas, ao comentar a partida de Azeredo, Machado derrama elogios ao amigo:

Eis aí um, Magalhães de Azeredo, que a diplomacia veio buscar no meio dos livros que fazia. **Dante, sendo embaixador, deu exemplo aos governos de que um homem pode escrever protocolos e poemas, e fazer tão bem os poemas, que ainda saíam melhores que os protocolos.** O nosso Domingos de Magalhães foi diplomata e poeta. Não conheço as suas, mas li os seus versos, e regalei-me em criança com o *Antônio José*, representado por João Caetano, para não falar no *Waterloo*, que mamávamos no berço, com a “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias. Este outro Magalhães – Magalhães de Azeredo – é dos que nasceram para as letras, governando Deodoro; pertence à geração que, mal chegou à maioridade, toda se desfaz em versos e contos. [...] **Não é só fisicamente que o Dr. Magalhães de Azeredo é simpático; moralmente atrai. A educação mental que lhe deram auxiliou uma natureza dócil.** Os seus hábitos de trabalho são, como supponho, austeros e pacientes (Assis, 1979, p. 668-670). (Grifo nosso).

A partir desse trecho, no qual Machado chega a comparar Magalhães de Azeredo a Dante Alighieri, é possível inferir que, para além do encanto físico e da personalidade cativante do jovem, Machado sentia-se confortável e seguro ao lado de um amigo cuja docilidade adequava-se a sua própria natureza insegura e temerosa.

Corroboramos as ideias de Virgillo (Assis, 1969) quando ele comenta que as cartas de Magalhães de Azeredo parecem ter representado, para Machado de Assis, uma forma de escape de sua rotina no Rio de Janeiro. Elas lhe permitiam acompanhar, por meio das vivências do jovem interlocutor, os anseios de uma juventude que tanto apreciava, visto que, tendo evitado ausentar-se da sua cidade em razão de sua condição de saúde, Machado podia entrever e viajar por um mundo que lhe era inacessível. Assim, a correspondência e a amizade de Magalhães de Azeredo se mostravam agradáveis ao mestre, dado que Azeredo era pródigo em suas descrições.

Logo após sua partida, por exemplo, escreve a Machado reclamando dos cinco dias de quarentena que deveria cumprir na Ilha das Flores, porque “o nome é irônico, antitético, porque não vi ainda aqui uma única flor; por toda vegetação, meia dúzia de fúnebres ciprestes.” (Assis, 2019, p. 57). Uma vez em Montevideú, embora sentindo saudades do Rio de Janeiro, Azeredo retrata a cidade ao mestre:

Montevideú, 14 de fevereiro de 1895.

Meu querido mestre e amigo,

[...]

A cidade não é muito grande, nem um terço do Rio, supponho, nem tem movimento igual ao da capital brasileira, mas é realmente bela, com as suas largas e extensíssimas ruas, as suas praças amplas, prodigamente arborizadas, os seus jardins públicos, pequeninos, mas deliciosamente cultivados, os seus elegantes edifícios de fachadas e escadarias marmóreas, em que os telhados são substituídos pelas soteias. A natureza é paupérrima, e as paisagens bem monótonas para quem se acostumou já há muito aos esplendores da vegetação no Brasil. Mas esta gente tem a habilidade de fazer muito com pouco, e o carinho com que tratam das suas flores franzinas e dos seus arbustozinhos está muito

longe da nossa incúria desdenhosa para com as riquezas naturais que possuímos. Entretanto, parece-me que em todos os respeitos a vida aqui é mais brilhante que sólida, e há mais aparências que realidades. [...]. Muito luxo e pouco dinheiro; muitos jornais e medíocre imprensa; muitos *plumitivos* e poucos escritores; enfim, para reunir tudo numa expressão popular, muita palha e pouco trigo. [...]. (Assis, 1969, p. 35).

Em janeiro de 1897, uma carta de Magalhães expressa todo o seu descontentamento com Ferreira de Araújo: “Há seguramente três meses que mando com frequência escritos meus para a *Gazeta*, sem que um só fosse ainda publicado, salvo o soneto – “Numa vila romana” – que foi enviado por seu intermédio.” (Assis, 2019, tomo III, p. 206-207). Na correspondência de 23 de março do mesmo ano, além de lamentar os quatro meses de silêncio de Machado, informa ter sido demitido pelo Ministro das Relações Exteriores. Apesar da indignação e do abatimento, comunica que partirá com a família para Paris, onde aguardará os desdobramentos da situação. Acrescenta, ainda, que aproveitará a viagem para permanecer alguns dias em Florença, Veneza, Milão e Turim (Assis, 2019, tomo III). E é de Veneza que ele escreve ao mestre, descrevendo as belezas de Florença:

Veneza, 11 de abril de 1897.
 Meu querido Mestre e Amigo,
 Por jornais do Rio soube que tenho estado doente; a isto atribuo o seu longo silêncio, que nestas circunstâncias em que me acho seria inexplicável da sua parte. Estamos seguindo a minha viagem de Roma a Paris, detendo-me nas cidades mais interessantes. Passamos cinco dias em Florença - bem pode imaginar que cantos há em Florença, pelo muito que terá lido dessa, por excelência, pátria dos grandes italianos. Quando se vêem, por exemplo, na célebre *Loggia dei Lanzi*, estátuas como o Perseu de Benvenuto Cellini, a Sabina raptada de João de Bolonha, a Judith de Donatello, num pórtico da praça, ao ar livre, ao alcance de todos os que passam, é que se compreende o influxo direto e profundo que a arte deve exercer sobre o espírito deste povo, ainda grande apesar das suas desgraças. As galerias são tão ricas, os quadros de mestres de tal modo se aglomeram às dezenas, que é preciso um esforço quase penoso para fixar a atenção em cada um – e, contudo, muitos escapam forçosamente. [...] O que se vê é tão belo, que excede quase as forças do espírito desprevendo. [...] (Assis, 2019, p. 223-224).

Embora Azeredo frequentemente apresentasse queixas, é inegável que seus relatos se destacam pela vivacidade e pela força imagética, permitindo ao leitor imergir nos cenários por ele descritos. É possível que as constantes lamentações do jovem tenham exasperado Machado – hipótese sugerida por Rouanet (2019, tomo III) –, mas Azeredo possuía habilidade para tornar seus relatos interessantes e agradáveis.

Ainda no que se refere a Magalhães de Azeredo, Virgílio (1969) propõe que ele reconhecia em Machado, além do apoio intelectual, também uma referência afetiva capaz de

suprir a ausência paterna, uma vez que perdera o pai muito cedo. Se, por um lado, o jovem buscava em Machado um modelo e uma presença orientadora, por outro, necessitava do apoio do autor consagrado para direcionar sua trajetória literária. Machado, por sua vez, ofereceu-lhe respaldo concreto: apresentou-o a personalidades influentes, redigiu uma resenha elogiosa à sua obra de estreia e intercedeu junto a editores para facilitar a publicação de seus escritos.

Não podemos deixar de mencionar os dados trazidos por Rouanet (2019, tomo III) ao revelar que, a partir de 1892, as cartas de e para Azeredo constituem a maior parte da correspondência de Machado: “Até o final de 1900, são 58 cartas de Azeredo para Machado, e 32 deste para Azeredo” (2019, tomo III, p. X). Virgilio (1969) explica que, ao contrário de muitas cartas escritas e recebidas pelo famoso escritor que se perderam irremediavelmente, as trocadas entre Machado e Azeredo foram guardadas até o fim pelos correspondentes. Ao se sentir próximo da morte, Machado pediu a José Veríssimo que devolvesse ao jovem amigo os originais das cartas dele recebidas. Posteriormente, Magalhães de Azeredo doou esse acervo à Academia Brasileira de Letras.

Embora alguns estudiosos afirmem que Machado de Assis, em suas cartas, escrevia principalmente aquilo que seus interlocutores esperavam ler, Montello (1961) acrescenta a essa discussão uma nova perspectiva. Ele oferece outra leitura sobre a escrita epistolar de Machado a Azeredo:

O conselho, reflexo da experiência vivida, é uma forma de confissão indireta. Assim, cada conselho saído da pena de Machado de Assis correspondia a uma confidência que o mestre comunicava ao discípulo. A juventude de Magalhães de Azeredo justificava esse processo: tratava-se do escritor experiente **na condição de guia, indicando o caminho ao mais novo** (Montello, 1961, p. 130) (Grifo nosso).

Montello (1961) também observa que a projeção de Machado de Assis decorreu, principalmente, do prestígio conquistado nos círculos de intelectuais. Ainda que sua obra alcançasse sucessivas edições, sua recepção diferia da de José de Alencar. Enquanto Alencar enfrentava críticas de seus pares, apoiando-se no reconhecimento popular, Machado se amparava em seus confrades, confiando que, por meio deles, alcançaria a benevolência do público. O célebre autor percebeu que a consagração da sua obra dependia tanto da admiração de seu pequeno círculo de contemporâneos – que conseguia compreender seus textos, mais eruditos que os de Alencar –, quanto do aplauso dos jovens. Por essa razão, dedicou-se a assegurar a

estabilidade da Academia Brasileira de Letras e o respaldo das novas gerações, cuidando de sua memória literária por duas vias. Por meio da Academia Brasileira de Letras, sua permanência estaria vinculada à continuidade da instituição; por meio dos jovens escritores, garantia a compreensão e a empatia necessárias para que, ao menos por uma geração, sua obra fosse revisitada com atenção e acolhimento.

Apesar de os apontamentos de Montello (1961) oferecerem importantes contribuições para o estudo da correspondência entre Machado e Azeredo, o autor adota uma postura condescendente em relação aos interlocutores, abstendo-se de formular qualquer crítica ao comportamento de Machado, mesmo em episódios que poderiam suscitar questionamentos, como a indicação de Azeredo à Academia Brasileira de Letras. Além disso, Montello (1961) interpreta qualquer informação compartilhada por Machado, por mais irrelevante que seja, como uma forma de confidência:

Rio de Janeiro, 26 de maio de 1895.

Meu querido amigo e confrade,

Já não posso dizer a mesma coisa de mim. Cansado de longos trabalhos, não robusto, vejo irem-se os anos, mais depressa do que vieram, e não sei se, em breve, terei de parar à espera que passe o trem derradeiro, que me levará ao meu lugar eterno. *Reverte ad locum tuum*. [...].

Pelo que me toca, o livro em que trabalho é ainda um romance. Não estou certo do título que lhe darei; já lhe pus três, e eliminei-os. O que ora tem é provisório; ficará, se não achar melhor. (Assis, 1969, p. 46-47).

A referida confidência feita a Azeredo revela que o título do romance *Dom Casmurro* não surgiu no primeiro impulso da escrita, ao contrário do que o próprio texto sugere. Desse modo, o capítulo inicial, responsável por explicar a escolha do título, teria sido acrescentado quando o romance já se encontrava finalizado. No entanto, essas poucas informações não nos parecem tão reveladoras, mesmo para a personalidade reservada de Machado de Assis.

Conforme observa Rouanet (2019, tomo IV), a partir de 1901, embora Azeredo permanecesse como principal interlocutor epistolar de Machado, o ritmo das trocas de correspondência diminuiu de forma acentuada: “A cascata transformou-se num fio d’água.” (2019, tomo IV, p. IX). O tom de Azeredo é continuamente lamuriante, evidenciado pela constante indignação diante dos editores que não reconheciam seu talento, dos jornais que retardavam a publicação de seus textos e, inclusive, de Machado, quando este tardava em responder às cartas do jovem diplomata.

Outro aspecto que precisamos ressaltar é que, após o falecimento de sua esposa, Carolina, em outubro de 1904, Machado de Assis recebeu diversas cartas de condolências, entre as quais se destacam as de Jarbas Loreti, Júlio Moutinho, Ulisses Viana, Oliveira Lima, Miguel Couto e Joaquim Nabuco – que escreveu de Londres. A morte de Carolina foi tratada no âmbito privado e não recebeu anúncio na imprensa, exceto pelos avisos referentes à Missa de Sétimo Dia. Em resposta, Machado enviou cartas de agradecimento a amigos como Salvador de Mendonça, Rodrigo Octavio, Antônio Sales e Sara Braga da Costa. Não encontramos, porém, qualquer carta de Magalhães de Azeredo entre essas manifestações.

Rouanet (2019, tomo V) explica que houve um hiato comunicativo entre os amigos. A última mensagem de Machado, escrita em 13 de maio de 1904, marca um silêncio que se prolongaria por quase um ano. É claro que o agravamento da saúde de Carolina e, depois, a morte, pesaram nesse afastamento. Mas esse não foi o único motivo para esse distanciamento.

Para Magalhães Júnior (2008), a neurose de Carlos Magalhães de Azeredo parece ter se manifestado com maior intensidade entre abril de 1903 e setembro de 1904, período em que o jovem diplomata se encontrava em estado de tal abatimento que quase interrompeu por completo a correspondência com Machado. Ao longo de dezessete meses, enviou-lhe apenas três cartas, ainda que, nesse mesmo intervalo, tenha recebido nada menos que cinco de seu velho amigo. Diversamente de Mário de Alencar, Magalhães de Azeredo não fez a Machado confissões tão diretas e, em lugar de deixar claro seu estado debilitado, a angústia e a depressão, limitava-se a queixar-se do excesso de trabalho na legação e das sucessivas gripes que o acometiam com frequência. Mais de uma vez, nas poucas cartas então enviadas, referiu-se ao seu silêncio involuntário, assegurando que ele não decorria de esquecimento ou indiferença.

Rouanet (2019, tomo V), por sua vez, argumenta que, ao longo da correspondência, Azeredo sempre se mostrou muito melindroso. Qualquer demora, seja na leitura de um escrito ou mesmo em atender a uma solicitação, era motivo de queixumes. Até uma resposta mais curta já bastava para o deixar aborrecido. Quando a correspondência falhava em regularidade ou vinha enxuta demais, ele não escondia a decepção. Rouanet (2019, tomo V) acrescenta ainda que a relutância de Machado em repassar a Azeredo determinadas notas, destinadas à elaboração de uma biografia do escritor, pode ter magoado o amigo. E é possível acrescentar, também, o fato de que as demandas do cargo diplomático vinham, pouco a pouco, ocupando mais do tempo de Azeredo – tempo que, anteriormente, podia ser dedicado à correspondência.

Dessa forma, somente em abril de 1905 é que Machado volta a escrever a Azeredo, desculpando pela demora na leitura do novo trabalho do amigo:

Rio de Janeiro, 20 de abril de 1905.

Meu querido amigo, há de admirar-se desta carta, depois de tão longo silêncio, posto que mais fosse de admirar o silêncio, dada nossa correspondência de tantos anos. Meu querido, faltei a muitas outras obrigações de igual espécie, pela razão que sabe, razão tão grande que mais se pode crer que explicar. **Ainda agora padeço os efeitos do golpe que recebi há seis meses. Perdi uma companheira de trinta e cinco anos, a mais doce e carinhosa das criaturas, e perdi-a para ficar só, totalmente só na vida. Isso que lhe digo, assim rapidamente, para não aborrecê-lo (*sic*) com as minhas tristezas é a causa do meu longo silêncio, que espero me releve.** Começo a resgatar as dívidas, e a sua das maiores. [...]

Aqui tenho as suas *Odes e Elegias*. Traz a dedicatória datada de 9 de outubro, quer dizer, chegou depois do dia 20 do mesmo mês, daquele dia funesto para mim. **A turvação do meu espírito não me permitiu ler claramente e logo este seu novo trabalho. Só mais tarde o fiz, e só agora posso dizer que o pude reler com a atenção que ele merece.** Pelo que ouvi ao nosso Mário¹⁸, parece que o afligiu não corresponder o efeito da produção ao que dela esperava. Não há o que admirar; a própria escolha dos novos metros dá ao novo trabalho uma intenção e uma fatura literárias que o tornam menos fácil de apreender. A nota que acompanha o opúsculo explica esse efeito. A novidade do metro e a ausência de rima foram a causa direta da estranheza, porque não lhe faltam ideias, nem imagens, nem estilo. As locuções são verdadeiramente poéticas. Vem o costume e tudo se fará naturalmente (Assis, 1969, p. 261-262). (Grifo nosso).

Após esse hiato, a correspondência se restabeleceu, mas não no mesmo ritmo. De acordo com Rouanet (Assis, 2019, tomo V), entre janeiro de 1905 e setembro de 1908, há um aumento vertiginoso na quantidade de cartas trocadas com Mário de Alencar. O contrário ocorre na correspondência com outros amigos, especialmente Magalhães de Azeredo: seis cartas em 1905, uma em 1906, sete em 1907 e sete em 1908.

Em março de 1908, Azeredo enviou uma longa carta ao Mestre, talvez sua carta mais singular, por seu tom abertamente cômico. Ainda conforme Rouanet (2019, tomo V), as cartas de Azeredo, além de transmitirem notícias da Europa, abordavam uma ampla variedade de temas: literatura francesa, portuguesa e inglesa, arquitetura italiana, política europeia e brasileira, questões religiosas, conflitos, guerras, hábitos da *Belle Époque*, escândalos amorosos, crimes passionais e viagens a lugares da moda. Tratavam, em suma, de assuntos que despertavam o

¹⁸ Após o estreitamento da convivência entre Mário de Alencar e Machado de Assis, estabeleceram-se referências cruzadas entre os três interlocutores. Azeredo e Mário de Alencar cultivavam uma amizade antiga, tendo sido colegas na Faculdade de Direito de São Paulo. Concluídos os estudos e retornando ao Rio de Janeiro, consolidaram uma relação de grande proximidade. ROUANET, Sergio Paulo. Notas. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo V, p. 25. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

interesse imediato e que acreditava agradar a Machado. Embora outros correspondentes também tenham escrito da Europa com observações curiosas, Azeredo, por sua natureza prolixa, foi o mais dedicado a retratar o continente sob múltiplos aspectos. Por meio de sua pena, o mundo europeu chegava ao Cosme Velho. O que provavelmente divertia Machado nessas cartas era o tom espirituoso e, por vezes, ligeiramente malicioso dos comentários, visto que Azeredo demonstrava certa verve.

Na carta em questão, o humor é explícito e, provavelmente, deliberado. Informado por Mário de Alencar sobre o estado de ânimo de Machado, escreveu-lhe uma missiva abertamente divertida, chegando a fazer troça de si próprio.

Roma, 28 de março de 1908.

Meu querido Mestre e Amigo,

[...]

Não nego que essas maçadas famosas sejam compensadas de quando em quando por encontros e conversas, nos salões, nos passeios, com pessoas agradáveis de frequentar pela distinção, pelo espírito, pela bondade ou pela beleza...Mas a parte dos Cacetes é sempre incomparavelmente maior. À força de tratá-los, cheguei à conclusão de que eles estão constituídos tacitamente (tacitamente só de um ponto de vista, que de ordinário são loquacíssimos) numa espécie de Maçonaria Internacional cujo poder é muito mais vasto, muito mais sólido que o do Czar e o do próprio Papa. Desde criança que os conheci - e os abominei - no nosso Brasil; e na minha vida de "caminheiro de estradas infinitas" ainda não estive em parte alguma - cidade, vila, aldeia ou no raso campo - onde os não encontrasse, mais ou menos numerosos e obstinados. [...]

Aqui chegam também quase todos os dias, para nos consolarem do nosso exílio, compatriotas de várias idades, fisionomias e profissões; mas são tão raros entre eles os que realmente devem vir a Roma!A quantos tenho de ouvir que esta, como cidade, vale pouco e apenas possui umas antiguidades, que nem a todos agradam? Oh! por Júpiter e por Minerva! e direi ainda, pelos Apóstolos Pedro e Paulo!

[...]

Aí no Rio, entretanto, deve ferver agora a atividade nos preparativos da próxima exposição: pelos jornais tenho visto os grandiosos projetos que se vão executando. É certo que ao vasto certame internacional faltarão a *great attraction*, a mais significativa para a comemoração do centenário histórico que vai se celebrar: a presença de Dom Carlos. Pobre Dom Carlos! Eu desde que estive aí, receei que a sua viagem ao Brasil não se pudesse realizar. Via, como todos, muito grave e perigosa a situação política de Portugal, e o rei me fazia a impressão de um cavaleiro denodado, temerário, montado num animal difficilimo, talvez impossível de domar; temia que este o atirasse por terra, mas não pensava que ele fizesse perder a vida; o trono apenas, provavelmente. Que pena a de um fim tão trágico para um homem que tanto amava a vida, os seus gozos e os seus transe, para um artista fino e voluptuoso, constrangido pela fatalidade da sua missão histórica, a tornar-se um déspota revolucionário! (Assis, 2019, tomo V, p. 305-313).

Cinco meses depois, em 1º de agosto, Machado reuniu forças para responder, observando que, devido à saúde, já não podia escrever cartas longas. Acrescentou que a “grande carta” de Azeredo era “deliciosa em tudo o que dizia dos bárbaros e dos cacetes, e excelente e verdadeira

nas reflexões acerca do caso de Dom Carlos”. Concluiu mencionando que a lera duas vezes quando a recebeu e, de novo, ao respondê-la.

2.4 Machado de Assis e Mário de Alencar

De modo contrário ao que aconteceu na correspondência entre Machado de Assis e Mário de Azeredo, que foi se tornando mais espaçada nos últimos anos do Mestre, entre janeiro de 1905 e setembro de 1908, há um acréscimo significativo na correspondência com Mário. De acordo com Rouanet (2019, tomo V), em 1905, foram trocadas apenas duas cartas; e, em 1906, cinco. Em 1907, o volume de cartas quintuplicou, chegando a 25 cartas, e quase dobrou em 1908, aumentando para 46, num total de 78.

Segundo Montello (1961), a amizade um tanto improvável entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar manteve-se graças à harmonia de inclinações entre eles. A diferença de idade poderia ter dificultado a identificação entre eles, pois elogio de Machado corria o risco de parecer um incentivo calculado, enquanto o dos mais jovens poderia limitar-se ao entusiasmo típico da juventude, sujeito a arrefecer com o tempo. No entanto, a amizade entre os três se manteve até a morte do Mestre. Além de afinidades intelectuais, compartilhavam a mesma enfermidade, a epilepsia, ainda que nunca fosse mencionada explicitamente nas cartas.

Talvez por ser mais volumosa, já que Azeredo morava fora do país, a correspondência entre os dois missivistas trata de assuntos bastante variados, embora mostre um Mestre mais esquivo em revelações ou confidências: “[...] não temos diante de nós, nas cartas a Magalhães de Azeredo, a figura humana de Machado de Assis em transe de sofrimento, como nas cartas a Mário de Alencar” (Montello, 1961, p. 101).

A correspondência com Mário de Alencar, por sua vez, torna-se mais frequente a partir de 1901. Os assuntos predominantes são a Academia Brasileira de Letras e os problemas de saúde que ambos enfrentavam. Mário conviveu assiduamente com o Mestre, o que lhe permitiu apreender a essência humana e Machado na dimensão mais profunda, alcançando, assim, o privilégio de uma intimidade que, até então, fora reservada apenas a Carolina.

Candido (2009) sublinha a solicitude e o carinho com que o escritor, tantas vezes ácido e desencantado, manifesta profundo afeto por um correspondente cuja fragilidade psicológica fica

evidente. Essa amizade é amplamente correspondida por Mário de Alencar, com apego e dedicação ainda mais intensos, como se pode constatar pela leitura das cartas a Machado de Assis. Comove o tom afetuosos que reveste a veneração pelo amigo, expressa não apenas na admiração respeitosa por sua obra, mas também no constante interesse por sua saúde e bem-estar. Mário de Alencar não permite que os males de sua constituição delicada diminuam a atenção com que procura mitigar os sofrimentos do amigo. Colocadas lado a lado, as cartas de ambos configuram um diálogo marcado por uma amizade das mais edificantes.

Candido (2009) ainda enfatiza que o apoio afetivo e intelectual oferecido por Machado a Mário se intensifica, sobretudo, após a morte de Carolina, em 1904, o que evidencia que a dor que o atingiu não o levou ao recolhimento em si mesmo. Em carta particularmente comovente, dirigida a Joaquim Nabuco, em agradecimento aos pêsames, Machado afirma que, não tendo parentes, “os meus são os amigos, e verdadeiramente, são os melhores” (Assis, 2019, p. 311).

No mesmo sentido, Coutinho e Oliveira (2009) assinalam que a amizade que Machado de Assis nutria por Mário de Alencar derivava da profunda admiração daquele por José de Alencar, pai de Mário, cuja importância literária marcou decisivamente a formação intelectual de sua geração. O teor da correspondência revela um afeto sólido, permeado por camaradagem, desabafos e confiança mútua: duas almas que compartilham confidências, para as quais os nervos constituem um inimigo comum e a melancolia um incômodo a ser apaziguado.

Podemos verificar que, nas missivas, Mário é quem mais reclama de seus males e de seu constante desânimo. As reiteradas queixas acerca da saúde levam Machado a conclamar o amigo a enfrentar o mal que o acomete, aconselhando-o firmemente a buscar alento na literatura e na família. Como exemplo, há a carta de Machado para Mário, em março de 2007:

Rio de Janeiro, 28 de março de 1907.

Meu querido amigo

Anteontem lhe mandei uma carta, e ontem à tarde recebi outra sua; cruzaram-se. A sua foi-me entregue no Garnier, aonde foi levada em mão por um moço que o empregado não conhece. Li-a logo e entristeceu-me naturalmente. As notícias que eu tinha eram boas; estavam longe do desânimo que me manifesta agora. **Tudo o que eu lhe possa dizer contra esse desânimo sei que é inútil, mas o próprio texto me faz esperar que o remédio virá por si. Quando me diz que, já aborrecido da versão de Ésquilo, sente, contudo, o desejo de recomeçá-la, revela nisso um estado de espírito vacilante, mas não prostrado de todo; e para o mal do espírito basta que ele vislumbre alguma coisa.** A paisagem não dará tudo, o ar também não, e as musas (digo assim, pois que trato das antigas) fazem pagar caro os seus favores. Não importa; lá tem os filhos que lhe querem e merecem, a Esposa que não menos merece e quer, e a Mãe, que vale por todos e sente por todos (Assis, 2019, tomo V, p. 185-186). (Grifo nosso).

No entanto, à medida que a saúde de Machado se deteriora, não faltam a Mário cuidado e preocupação, com muitas indicações de remédios, principalmente os homeopáticos:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1908.

Meu querido amigo,

[...]

Anteontem tive notícias suas pelo Veríssimo, que o achou melhor. A sua ausência ontem deu-me cuidado e pensei em ir vê-lo ou escrever-lhe. Tem tomado a *Calcare acarbonica*?¹⁹ Não deixe de a tomar e verá o bem que lhe faz. Não tome o tribromureto enquanto sentir o mal dos intestinos, é um pedido de amigo, que tem interesse grande pela sua saúde. A *Calcare acarbonica* atua sobre os intestinos, dá-lhe força e, portanto, resistência contra **o outro mal**²⁰. Do *Sulphur*²¹ tomará uma pastilha por dia, entre o almoço e jantar; a *Calcarea* de manhã e à noite. Tinha muito o que falar entre as coisas sobre academia. Fica para amanhã. [...] (Assis, 2019, tomo V, p. 401) (Grifo nosso).

Montello (1961) comenta que Machado temia cair na rua, morrer subitamente ao desamparo ou cercado por curiosos mais atentos ao infortúnio do que comovidos. Nesses momentos, era Mário de Alencar quem o acompanhava ao Garnier, oferecendo-lhe o braço quando o fluxo de transeuntes tornava os passeios inseguros. Amparava-o e guiava-o com o cuidado de um homem forte diante de uma criança temerosa. Quando Machado não podia sair, Mário ia até sua casa para distraí-lo, trazer notícias das livrarias e do círculo de amigos, animá-lo com a promessa de breve restabelecimento e do retorno às leituras e passeios preferidos, insuflando-lhe, enfim, a coragem e a esperança que, sozinho, ele sentia escapar.

Ainda de acordo com Montello (1961) no gabinete de bibliotecário da Câmara dos Deputados, Mário de Alencar revelava como aquele “dever sagrado” assumido para com o mestre tinha para ele um valor profundo, chegando a ser providencial. “Não me sinto nada bem²²”, dizia, com expressão dolorida ou febril. Por mim, recolhia-me já à casa, deixava-me cair na cama, mas tenho que ir buscar o Machado no Ministério, acompanhá-lo numas voltas, contanto que eu possa”. E podia sempre. Na presença do amigo que necessitava de seu apoio, enchia-se de

¹⁹ *Calcarea carbonica* é um remédio homeopático. ROUANET, Sergio Paulo. Notas. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo V, p. 402. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

²⁰ O outro mal é a epilepsia. *Op. cit.*

²¹ *Sulphur* é enxofre, medicamento homeopático. *Op. cit.*

²² As palavras são de João Luso, pseudônimo de Armando Erse de Figueiredo, jornalista, contista e teatrólogo, membro da ABL. COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001. (Nosso exemplar não traz a fonte utilizada pelo autor.).

energia, serenidade e autoridade protetora. Os conselhos e estímulos que não conseguia aplicar a si mesmo eram ali inventados, oferecidos e sustentados, numa verdadeira conversão de fragilidades em força.

Machado de Assis entregava-se com absoluta confiança àquela superioridade afetuosa, agradecendo, comovido, tantos cuidados. Um consolava o outro na coincidência de seus males, o que explica as pequenas revelações pessoais presentes na correspondência entre ambos: o refrão da própria doença, mais prolongado em Mário de Alencar e quase sempre contido em Machado.

O velho amigo chega a confiar a Mário detalhes íntimos sobre os medicamentos que deveria tomar, as consultas a realizar e a debilidade crescente que sentia. À medida que se aproxima o fim da vida, o autor desculpa-se pela letra cada vez mais irregular e pela brevidade das cartas, sinais evidentes da piora de seu estado:

Rio de Janeiro, 18 de março de 1907.

Meu querido amigo,

Eu já não me sinto com vigor que possa transmitir a alguém, a não ser que a pessoa beneficiada não tenha em si mesma a disposição de me aceitar algumas velhas lembranças; em tal caso, a maior e melhor parte do remédio está no próprio enfermo. É o nosso caso.

Estou curado da gripe. A coriza vai a bom caminho, e posso crer que só me resta a parte que arrasto comigo há anos.

Esses meus últimos dias têm sido de enfado, e naturalmente não é assunto que procure o papel. Falaremos quando voltar. Contento-se por hora de ir lendo o que lhe mandar este pobre amigo. [...] **Vá relevando esta letra execrável, cada vez pior que de costume.**

Por que não escreve alguma coisa? Ideias fugitivas, quadros passageiros, emoções de qualquer espécie, tudo são coisas que o papel aceita, e é que mais tarde se dá método, se não lhes convier o próprio desalinho. Eu confesso-lhe que estou agora inteiramente parado no que quisera fazer andar. [...] (Assis, 2019, tomo V, p. 177). (Grifo nosso).

No início de 1908, a consciência da proximidade da morte torna-se explícita: em 23 de fevereiro, menciona a provável publicação póstuma de *Memorial de Aires*, cujos originais estavam com Mário e, em 25 de abril do mesmo ano, entrega-lhe a guarda de uma das melhores relíquias de sua vida literária:

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1908.

Meu querido Mário,

uma das melhores relíquias da minha vida literária é aquele galho de carvalho de Tasso que Joaquim Nabuco me mandou há três anos por intermédio do Graça Aranha, e este me entregou em sessão da nossa Academia Brasileira²³. O galho, a carta

²³ Além de confiar a própria correspondência ao amigo imortal José Veríssimo, Machado presentearia a Academia com o ramo de carvalho do poeta Tasso, recolhido em Roma por Joaquim Nabuco. ROUANET, Sergio Paulo.

ao Graça e o documento que os acompanhou conservam-nos na mesma caixa, em minha sala. [...]. Talvez a Academia consinta em recolher o galho como lembrança de três de seus membros e da sua própria bondade em se reunir para completar o obsequio de Nabuco e de Graça Aranha. Peço-lhe que se incumba de o saber oportunamente. [...]. Receba deste um apertado abraço, e **até breve** (Assis, 2019, tomo V, p. 330) (Grifo nosso).

Rouanet (2019, tomo V) observa que essa carta demonstra a consciência de Machado quanto ao fim que se avizinhava. Mário demorou a responder, tomado pela angústia: atender ao pedido significaria aceitar a iminente morte do amigo. Assim, somente no início de maio chega uma resposta:

Rio de Janeiro, 3 de maio de 1908.

Meu querido amigo Sr. Machado de Assis.

Relia sua carta e resenti a impressão que estive ouvindo. Com outro temperamento de alma, eu não acharia nela senão motivo para orgulhar-me, como prova que é da sua bondosa afeição e confiança; e atribuindo o triste pensamento que a inspirou a uma passageira doença do seu espírito, eu não teria de que entristecer-me, e o *até breve* com que a conclui cessaria, se acaso viesse, a previsão do fim de uma vida querida. Mas o Senhor sabe como eu trago este coração enfermo de pressentimentos dolorosos, que me perturbam a alegria das afeições de que vivo e para que vivo. **Lendo a sua carta não vi o que havia para mim e só me lembrei do que podia faltar-me; num momento afigurou-se-me tudo e houve em mim a impressão de um vazio irreparável.**[...]

Guardo a sua carta como uma relíquia, que vale a outra e de que eu espero, não terei que usar, mas só conservar. Se vier, porém, o que eu não desejo, farei o que a sua bondade me incumbe e a Academia receberá por meu intermédio o legado honroso daquele a quem ela deve todo o seu prestígio e terá na lembrança e guarda da oferta o estímulo para perseverar e a garantia de que não pode extinguir-se.

Seu do coração

Mário de Alencar (Assis, 2019, p. 333-334). (Grifo nosso).

Rouanet (2019, tomo V) ressalta, também, a notável percepção de Mário acerca do significado do ramo de carvalho como um legado e um estímulo à Academia Brasileira de Letras, para que ela persevere e não se extinga.

Quase dois anos após a morte de Machado, Mário publica *Alguns Escritos*, uma coletânea de textos sobre assuntos diversos, como seu discurso de posse na Academia e *Páginas de saudade*, sobre Machado de Assis:

Páginas de Saudade

Comecei a escrever essas páginas algumas horas antes de morrer Machado de Assis; retomei-as um mês depois, e pelo tempo adiante, sem outro pensamento que o de fazer

falar a saudade. Vão como saíram, um pouco desconexas, conforme é o caráter delas, de páginas soltas. Não cuidei de escrever sobre a obra do escritor, senão de homem, contando as impressões da nossa convivência de alguns anos. Era inevitável, por isso, falar também de mim; mas estou que o fiz o estritamente necessário, e ninguém achará que pretendi pôr-me em realce à conta da lembrança do meu grande amigo.

28 de setembro de 1908.

Venho da casa de Machado de Assis. Lá estive todo dia de sábado, ontem e hoje, e agora estou sem ânimo de continuar a ver-lhe o sofrimento; tenho receio de assistir ao fim que eu desejo não tarde. Eu, seu amigo e seu admirador grande, desejo que ele morra, mas não tenho coragem de o ver morrer. O meu pensamento está com ele, e escrever sobre ele agora é um modo de acompanhá-lo, de velar carinhosamente a seu lado nos últimos instantes em que possa ainda aquele nobre alto espírito pousar no frágil corpo trabalhado.

Ele ignora o horrível mal que o vai devastando; porém sofre; e o que ele temia era o sofrimento físico, que anula o valor moral, e afeia e entorpece a criatura. **Ouvi-lhe uma vez essas palavras acerca de Arthur de Oliveira: - Levou tempo a morrer de uma moléstia grave. Uma moléstia grave não se contenta de uma merenda ligeira, à ponta de uma mesa; não, ela quer comer sentada e a faltar, e devagarinho, saboreando...**

Não lhe perdoou essa ironia o acaso, mestre ou inimigo de ironias. Era fina e justa a imagem, e a sorte para mostrar que o era, deu-lhe uma moléstia grave por companhia inseparável dos seus últimos dias. Não bastava que ele sofresse na alma; e eu sei quanto ele sofreu, desde que ficou só no mundo, há cinco anos. [...].

Era essencialmente bom e puro, de uma delicadeza e sensibilidade que não podia, por mais que o quisesse, acomodar-se à rudeza das coisas e dos homens. Essa mesma delicadeza e sensibilidade o fez tímido e aparentemente fraco, a ele que foi um forte. Contradição da natureza, que tão bem se exprimiu no genial humor de toda sua obra. (Alencar, 1910, p. 28 -29, 43). (Grifo nosso).

Em *Páginas de Saudade*, Mário de Alencar, sempre tão modesto e tão inseguro, declara não desejar chamar a atenção para si amparado na memória do amigo. Sua tristeza se mostra quase palpável, assim como a profunda admiração que nutria por Machado. Introvertido, tímido e melancólico, apresentava uma personalidade próxima à do Mestre e bastante distinta da de Magalhães de Azeredo, marcada por maior expansividade. Como se observará adiante, embora a amizade de Machado de Assis tenha sido decisiva para a entrada na Academia, o jovem escritor demonstrou grande hesitação ao candidatar-se a uma vaga. É possível que Machado tenha encontrado em Mário a “amizade perfeita” descrita por Aristóteles, dado que o afeto do discípulo pelo Mestre se mostra genuíno e intenso.

2.5 A homossociabilidade na correspondência de Machado de Assis

Como já mencionado, a correspondência entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar abrange uma variedade de temas, como literatura, viagens e descrições de

lugares – no caso de Azeredo –, além de doenças e tratamentos. No entanto, outro aspecto digno de nota é a configuração, nesse conjunto temático, de um universo estritamente masculino. Todos os autores mencionados são homens, assim como os editores e proprietários de jornais a que se referem. As mulheres aparecem apenas de modo esporádico e quase sempre em papéis familiares: são esposas, mães, filhas ou sobrinhas. O universo feminino, portanto, não aparece como objeto de interesse desses interlocutores.

Diante desse cenário, decidiu-se abordar o tema da homossociabilidade – termo novo que designa um comportamento antigo –, por se tratar de um conceito que descreve os vínculos sociais entre pessoas do mesmo sexo, especialmente as formas de amizade masculina. O termo é amplamente empregado em estudos sobre homens e masculinidades, nos quais aparece como mecanismo e dinâmica social capazes de explicar a manutenção da masculinidade hegemônica. Seu uso também se difundiu em pesquisas sobre amizade masculina e associações fraternais, bem como em análises que buscam compreender de que modo os homens, por meio das relações de amizade e das colaborações íntimas com outros homens, sustentam e defendem a ordem de gênero e o patriarcado.

Jean Lipman-Blumen (1976) utilizou o termo para explicar como a preferência por indivíduos do mesmo sexo resultam na segregação de gênero em diversas instituições sociais, como no local de trabalho e em clubes exclusivos:

[...] definiremos “homossocial” como a busca, o apreço e/ou a preferência pela companhia de pessoas do mesmo sexo. **O termo se distingue de “homossexual” porque não envolve necessariamente (embora possa envolver, em determinadas circunstâncias) uma interação sexual explicitamente erótica entre indivíduos do mesmo sexo.** A premissa básica dessa perspectiva homossocial dos papéis sexuais sugere que os homens são atraídos, estimulados e interessados por outros homens. Trata-se de um processo perceptível desde a primeira infância e que é canalizado e incentivado pelo amplo conjunto de instituições sociais nas quais os homens vivem. [...] Os homens podem, e com frequência o fazem, buscar satisfazer a maior parte de suas necessidades por meio de outros homens. Eles podem obter satisfação para suas necessidades intelectuais, físicas, políticas, econômicas, ocupacionais, sociais, de poder e de status e, em algumas circunstâncias, até mesmo para suas necessidades sexuais junto a outros homens. A ordem de dominação entre os homens baseia-se no controle de recursos, incluindo terra, dinheiro, educação, ocupações, conexões políticas e vínculos familiares. (Lipman-Blumen, 1976, p. 16). (Tradução livre). (Grifo nosso).

A partir dessa definição, fica claro que o conceito de homossociabilidade masculina não se confunde com o de homossexualidade. A questão central do tema gira em torno das relações sociais estabelecidas apenas entre os homens, por meio das quais eles encontram satisfação para

as necessidades intelectuais, físicas, políticas, econômicas, profissionais, sociais e simbólicas, incluindo aquelas vinculadas ao poder e ao prestígio.

Outra estudiosa que se debruçou sobre o tema e tornou-se a responsável pela popularização foi Eve Sedgwick, em 1985. Em vez de utilizar o conceito apenas como instrumento para analisar vínculos sociais e relações de poder entre homens, Sedgwick discute a relação entre diferentes tipos de desejo e as formas de intimidade nas relações entre homens (Hammarén; Johansson, 2014). De acordo com Sedgwick (1985):

“Homossocial” é um termo que descreve os laços sociais entre pessoas do mesmo sexo; trata-se de um neologismo, obviamente formado por analogia com “homossexual”, e obviamente também criado para se distinguir de “homossexual”. Na verdade, essa palavra é aplicada a atividades com “vínculos masculinos” que podem, assim como em nossa sociedade, serem caracterizadas por intensa homofobia, medo e ódio à homossexualidade (Sedgwick, 1985, p.1). (Tradução livre).

A partir das ideias de Lipman-Blumen (1976) e Sedgwick (1985), podemos inferir que a homossociabilidade descreve uma rede de conexões entre homens que envolve laços afetivos, desejo de afirmação, lealdade e colaboração, articulados em estrutura mais ampla que assegura a dominação dos homens. Como consequência, a mulher torna-se dependente dessas relações de poder.

Nessa mesma direção, e em consonância com o pensamento de Sedgwick (1985), outros estudiosos afirmam que, embora a homossociabilidade possa manter alguma relação com a homossexualidade, essa ligação não é necessária. O traço recorrente do conceito reside, sobretudo, na construção de espaços e discursos que excluem as mulheres, constituindo essa a característica principal. No caso específico do contexto brasileiro, o cenário de homossociabilidade é a nossa própria sociedade (Lechakosky; Adelman, 2011). Assim, quando os homens escolhem privilegiar laços com outros homens, em detrimento de laços com mulheres, o que eles estão fazendo é escolhendo o patriarcado.

José Remon Tavares da Silva (2014) argumenta que as desigualdades de gênero ocorrem quando os homens ampliam as possibilidades de atender a seus interesses mediante práticas que colocam as mulheres e outros grupos em posição de desvantagem. Isso decorre de relações de poder assimétricas entre os gêneros. Tais dinâmicas estruturam a organização social conhecida como “patriarcado”, que não é fixa, mas continuamente sustentada e atualizada por aqueles que se beneficiam dessas assimetrias.

Ao analisamos a correspondência entre Machado, Azeredo e Mário, temos que levar em consideração que as cartas foram escritas entre os anos de 1889 e 1908, entre o final do século XIX e o início do século XX. Nesse período, o patriarcado – que não designa o poder do pai, mas o poder dos homens como categoria social – seguia funcionando com um discurso normativo que hierarquizava papéis familiares e atribuía à autoridade masculina o comando da casa e das decisões centrais, enquanto às mulheres cabia a obediência, a preservação da honra familiar e o trabalho doméstico (Narvaz; Koller, 2006).

Mesmo com a ampliação do acesso à leitura e à instrução para as mulheres ricas ou de classe média, o ideal da família patriarcal ainda definia a esposa burguesa como figura recatada, moralmente controlada e com circulação pública limitada, frequentemente educada para a docilidade e para a renúncia de desejos e projetos próprios (Boris; Cesidio, 2007). Estudos sobre a educação feminina no século XIX mostram que autoras como Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho já reivindicavam o direito das mulheres à escola e ao trabalho intelectual, mas que essa defesa se dava num contexto em que a palavra pública das mulheres ainda era excepcional e vigiada, tensionando as fronteiras entre lar e espaço público (Gusmão, 2012). Ao mesmo tempo, pesquisas sobre a *Belle Époque* carioca indicam que a modernização urbana criou novos espaços de sociabilidade – ruas iluminadas, cinemas, cafés, teatros –, nos quais se produziam sensibilidades e redes de convivência marcadas principalmente por homens, reforçando formas de homossociabilidade que mantinham a circulação de prestígio, poder e decisões políticas predominantemente no universo masculino (Figueiredo, 2020). Nesse quadro, mesmo onde havia brechas abertas pela escolarização e pela presença feminina em debates públicos, a estrutura patriarcal seguia organizando, de modo profundamente assimétrico, as possibilidades de ação de homens e mulheres.

Durante a leitura das cartas trocadas entre Machado e seus jovens correspondentes, há um aspecto que se destaca: a quase completa ausência de referências às mulheres. A homossociabilidade permeia toda a correspondência dos amigos. Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar pertenciam à elite brasileira, e, embora Machado revelasse genialidade singular, ele e os amigos eram, em grande medida, produtos de seu tempo. Nesse sentido, a trajetória dos três evidencia a pouca atenção dedicada ao universo feminino, assim como a ausência de referências a escritoras contemporâneas nas cartas e reflexões.

Magalhães de Azeredo, por exemplo, só comentou mais explicitamente sobre mulheres na carta em que comunica a intenção de pedir a filha de Madame Caymari, Maria Luiza, em noivado:

23 de dezembro de 1895.

Querido mestre e amigo,

[...]

A propósito dos versos franceses que lhe mandei, dir-lhe-ei que José Lúcio e Madeleine²⁴ são duas adoráveis crianças, sobrinhos de uma adorável senhora, um dos mais perfeitos modelos de distinção que ainda conheci. É ela uma argentina, que viveu muitos anos em Paris e chama-se Madame Ocampo de Heimendahl. **Foi, dizem, uma formosura, e ainda hoje, passada há muito a juventude, revela o que foi. Não digo que seja velha; está nessa idade, não ainda crepuscular, mas de ocaso incipiente, em que a mulher, conservando muitos traços de beleza antiga, tem já na fronte uma auréola venerável de santidade maternal.** Elegante, inteligente, instruída, rainha do *grand monde*, conheceu e tratou de perto os mais célebres representantes das letras e artes francesas, entre os quais alguns foram ou são seus amigos, como Barbey d'Aurevilly, Doreville, Bonnat e Paul Bourget, que ela viu ainda jovem e obscuro, e que a considera, como ela diz, *une bonne soeur aînée*. **No convívio desses ilustres engenhos, não adquiriu pedantismos nem impertinências de *bas-bleu*²⁵, pois o seu espírito fino e puro é o que há mais incompatível com qualquer espécie de pretensão tola.** Demais, como base das suas qualidades brilhantes, **possui ela virtudes ao mesmo tempo simpáticas e austeras, que a tornam realmente uma alma superior.** Essa senhora é uma grande amiga minha; diz que me adora e tem, para mim, carinhos quase maternos. [...] (Assis, 2019, tomo III, p. 135). (Grifo nosso).

No trecho em questão, um dos raros em que surge uma figura feminina, Azeredo detém-se nos detalhes da beleza e da idade da amiga, observando que, já não sendo jovem, seu rosto teria adquirido uma espécie de auréola venerável, associada a uma santidade maternal. A impressão resultante é a de que, transcorrida a juventude, a mulher respeitável do final do século XIX deveria apresentar uma postura austera e sóbria, marcada por traços maternos. Ademais, a mulher que manifestasse interesse em debater temas ligados à arte e à literatura era frequentemente percebida como impertinente, pedante ou tola, revelando os limites impostos à possibilidade de participação nas discussões culturais da época. Como Madame Ocampo, apesar

²⁴ José Lúcio de Ocampo e Madalena Ocampo são sobrinhos de Adela Ocampo de Heimendahl, uma nova amiga de Azeredo. *Op. cit.*

²⁵ *Bluestocking* ou *Bas-bleu* são termos usados para se referir a um grupo de mulheres que, em meados do século XVIII, na Inglaterra, promovia conversas para as quais convidavam homens de letras e membros da aristocracia, com interesses literários. A palavra passou a ser usada de forma pejorativa para designar uma mulher que demonstra interesse por literatura e erudição. Editores da Britannica. "*Bluestocking*". Enciclopédia Britânica. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Bluestocking-British-literary-society>. Acesso em: 28 nov. 2025.

de inteligente e de ter convivido com intelectuais franceses, parece não ter abordado esses assuntos, foi considerada uma “alma superior”.

Em outra passagem, Azeredo escreve:

Outra senhora, que vive conosco no mesmo hotel, e com cuja família, Mamãe e eu, temos a maior intimidade, é Madame Caymari, que o conheceu muito aí. É outro tipo de nobreza feminina; desses que nos fazem amar a humanidade, apesar dos muitos monstros que ela produz todos os dias. Lembra-se dela? Jovem e bela era quando residia no Brasil; bela é ainda, e seus cabelos branquíssimos, cercando um rosto sem rugas, animado por um meigo sorriso e dois grandes olhos negros, parecem dizer que o tempo, implacável para todos, foi para ela inofensivo. [...] Madame Caymari é filha de um dos heróis e mártires da primeira revolução Cubana, o General Goicouría, que morreu condenado ao garrote vil por uma crueldade selvagem que deve envergonhar eternamente a Espanha. [...] Dedicada ao marido e às filhas, empregou o talento que lhe dera posição brilhante na sociedade em fazer delas verdadeiros tesouros, cultivando-lhes os ricos dotes nativos por uma educação esmerada que ela pessoalmente inspecionou sempre. Não lhe posso dizer o que são essas moças, todas brasileiras, exceto a mais velha, norte-americana, mas que foi para o Rio com 11 meses de idade. A segunda, que já não encontrei aqui, fez-se freira, por uma vocação irresistível, e está hoje no Chile, no convento das Damas do Sagrado Coração. A terceira... não lho ocultarei, é quase minha noiva; para suprimir o – quase - faltam só as formalidades do pedido em regra. Não preciso dizer mais para mostrar-lhe que a adoro; conhece-me bem e sabe que eu não teria noiva em outras condições. [...].
Que lar feliz poderemos ter em Roma, se Deus quiser. Mamãe, ela e eu! Que atmosfera salutar para o meu coração, e propícia aos meus estudos e trabalhos!
 (Assis, 2019, tomo III, p. 136-137). (Grifo nosso).

Ao descrever outra figura feminina, Magalhães de Azeredo novamente enfatiza a aparência física. A mulher que recebe tantos elogios, no entanto, é sua sogra, apresentada como bela, com certo ar de nobreza, de sorriso meigo e rosto sem rugas. Apenas depois desse retrato lisonjeiro, o leitor descobre tratar-se da mãe da futura noiva. Entre as qualidades, ele destaca, sobretudo, a dedicação ao marido e às filhas, a quem proporcionou uma educação esmerada. Já sobre a noiva, Azeredo nada acrescenta: não comenta sua aparência, nem atribui qualquer traço distintivo à jovem. Ao final da carta, mostra-se plenamente satisfeito ao imaginar-se vivendo com a mãe e a esposa, convicto de que essa convivência formaria uma atmosfera propícia ao estudo e ao trabalho. Nada, porém, permite saber o que a futura esposa pensa sobre esse arranjo.

Machado de Assis, por sua vez, raramente escreve sobre Carolina, a não ser para mencionar brevemente sua doença e, mais tarde, lamentar a solidão que adveio da sua morte:

Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1904.
 Meu querido amigo,

Escrevo-lhe com o pé no estribo. **Penso em ir daqui a dias para Nova Friburgo, onde passarei algumas semanas. O motivo principal é a saúde de minha mulher.** Mas não é só por isso que a carta é breve. Há também uma razão de arrufo. Posto que demorasse a minha resposta à sua última carta, há muito que lha mandei, e já havia tempo de receber outra carta sua, amiga como são todas; nada, porém, me chegou até agora. Tenho que há de haver explicação fora de esquecimento.

Além de minha mulher, que está enfraquecida e precisa de outro ar, sinto-me eu próprio assaz cansado, e conto criar forças lá em cima. Eu só engordei uma vez na vida, foi quando fui convalescer em Nova Friburgo da moléstia que me reteve por meses na cama (Assis, 2019, tomo IV, p. 231) (Grifo nosso).

Em relação à fundação da Academia Brasileira de Letras, a homossociabilidade fica ainda mais evidente. O grupo de escritores costumava se encontrar no salão da *Revista Brasileira*, fundada e organizada por José Veríssimo:

A Revista vinha de 1895, quando o país apenas se pacificara da guerra civil. José Veríssimo, o seu fundador, não era somente um magnífico homem de letras, era também organizador arguto, enérgico, devotado às suas criações. Os espíritos estavam fatigados da política. Os homens feitos, desiludidos; os homens novos, enojados. Deu-se um nefasto absenteísmo da inteligência e da cultura na política brasileira e as letras apresentaram-se como o único refúgio ao talento. **A Revista Brasileira teve o dom da tolerância e da concórdia. Nas suas páginas e nas suas salas, uma verdadeira confraternidade espiritual entre os homens mais divergentes floresceu docemente.** Era um encanto encontrarem-se ali monarquistas militantes como o Barão de Loreto, Taunay, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, republicanos destemidos como Lúcio de Mendonça, socialistas como o dono da casa, anarquista como o que foi por algum tempo sectário de Kropotkine e Elysée Reclus. **A política não turbava aquele remanso literário.** O que ali interessava era a literatura e a esta Machado de Assis dava o mais expressivo cunho. **Parece que nunca houve no Brasil até hoje um salão tão intelectual, como o da Revista Brasileira. Era uma recepção permanente todas as tardes, e cada um entregava-se livremente, segundo o seu temperamento, aos jogos da inteligência.** (Aranha, 1923, p. 26). (Grifo nosso.)

Ainda nas palavras de Graça Aranha (1923), a Academia adveio da própria Revista. Era previsível que aquela reunião contínua de intelectos, animada pela mútua simpatia, despertasse a ideia de uma “fundação” literária que atendesse ao antigo impulso organizador da tradição latina. Contudo, para os colaboradores mais independentes, a criação de uma Academia parecia um contrassenso em um país cuja literatura ainda não se consolidara e em meio a um período de intensa transformação social, no qual qualquer tentativa de estratificação das letras soaria prematura e até prejudicial. Apesar dessas reservas, a oposição não prosperou e a Academia foi finalmente estruturada.

Durante décadas, a Academia manteve-se como um espaço marcadamente homossocial. Uma evidência disso é que somente em 1977 ocorreu a admissão da primeira integrante, Rachel

de Queiroz. Essa configuração não se deve apenas à ausência formal de mulheres, mas da própria dinâmica da homossociabilidade, compreendida como uma rede de vínculos afetivos e intelectuais que sustenta a autoridade de um grupo masculino e orienta os mecanismos de consagração cultural.

Nesse cenário, a Associação Brasileira de Letras operava como um circuito de reconhecimento recíproco, no qual os próprios pares – exclusivamente homens – legitimavam obras, trajetórias e posições no campo literário. O ingresso na instituição dependia tanto do prestígio intelectual quanto da inserção em redes de amizade, patronagem e cooperação, elementos característicos de ambientes homossociais. Esses laços, mais do que relações pessoais, traduziam-se em práticas institucionais que perpetuavam a exclusão feminina, cuja ausência era frequentemente naturalizada como indício de inadequação ao cânone ou às “grandes letras”.

Um exemplo da importância dessa rede de amizade é a inclusão de Magalhães de Azeredo entre os membros fundadores da Academia. Pouco antes da fundação, Azeredo, que morava em Roma, escreveu a Machado de Assis, para dar apoio à instituição:

Roma, 4 de janeiro de 1897.

Meu querido Mestre e Amigo,

Li nos jornais ultimamente vindo daí que grande número de escritores brasileiros se reuniu para fundar a academia de letras, aclamando-o presidente, como era de justiça. Aplaudindo a ideia e achando-a capaz de produzir benéficos e brilhantes resultados, peço-lhe que na primeira reunião que houver depois de recebidas estas linhas, declare aos sócios em meu nome que, embora de longe, me identifico com eles no mesmo intuito, e me ofereço para prestar à nova Academia todos os serviços que eu possa prestar daqui (Assis, 2019, p. 201).

Rouanet (2019) aponta para o fato de que, ainda que não haja indícios diretos de sua intervenção, é certo que Machado fez ecoar entre seus pares o desejo de Azeredo. Quando a Academia foi instalada, na sétima reunião preparatória, de 28 de janeiro de 1897, os trinta fundadores elegeram os dez membros que completariam o quadro, e Azeredo obteve quase a unanimidade dos votos.

Em julho de 1897, Machado de Assis comunica ao jovem diplomata sua eleição para a Academia:

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1897.

Meu querido amigo e poeta.

[...]

Vindo à Academia, fez-se ontem a inauguração, no *Pedagogium*, e correu bem. Nem todos os membros aqui residentes compareceram à sessão, e grande parte, como sabe, reside no exterior. A sessão inaugural constou de quatro palavras minhas abrindo a sessão, do relatório dos trabalhos preliminares, redigido pelo Rodrigo Octavio, e de um discurso do Joaquim Nabuco. (...). A sessão pouco mais durou de uma hora. Agora vamos ter as sessões ordinárias. **Está, pois, acadêmico de verdade.** Chegou a tempo a escolha de Magalhães para patrono da sua cadeira, escolha necessária pelo valor do homem e pela ação que teve nos dias da sua mocidade (Assis, 2019, p.252). (Grifo nosso).

Dessa forma, Magalhães de Azeredo, aos 25 anos, sem residir no Brasil e com escassa produção literária, tornou-se membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

Ainda em 1897, Magalhães de Azeredo pode devolver a gentileza. Silvio Romero, crítico literário, lançou um livro com o título *Machado de Assis*, no qual tecia críticas pesadas ao Mestre. A esse respeito, Machado escreveu:

Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1897.

Meu querido amigo,

[...]

Ao mesmo tempo que a *Revista Moderna*, aparece aqui um livro do Sílvio Romero, com o meu nome por título. **É um estudo ou ataque**, como dizem pessoas que ouço. **De notícias publicadas vejo que o autor foi injusto comigo. A afirmação do livro é que nada valho.** Dizendo que foi injusto comigo não exprimo conclusão minha, mas a própria afirmação dos outros; eu sou suspeito. **O que parece é que me espanta.** Enfim, é preciso que quando os amigos fazem um triunfo à gente (leia esta palavra em sentido modesto) haja alguém que nos ensine a virtude da humildade (Assis, 2019, tomo III, p. 273). (Grifo nosso).

Em outubro de 1897, em Paris, Magalhães de Azeredo redigiu seu primeiro grande estudo sobre o Mestre e o publicou nas páginas da *Revista Moderna*. Esse trabalho deu a Machado de Assis a certeza de que, na devoção do jovem discípulo, seu nome chegaria a outras gerações:

Celebrar a Machado de Assis é propriamente celebrar a dignidade e a elevação da obra literária. Grande coisa é a unidade de uma vida, a convergência invariável de todos os seus dias e de todas as suas horas para um só e mesmo ideal, sobretudo quando este é um dos que, com mais pureza, resumem o que de divino ainda guarda a humanidade, em meio às suas mil misérias... Machado de Assis, tendo-se votado à sua Arte desde a adolescência, conservou-se-lhe fiel, sem hesitações nem desfalecimentos, até hoje, quando já lhe branquejam os cabelos sobre a fronte ainda jovem, porque ele, como me dizia numa carta, não é ‘dos que dão para octogenários’. Intacto, o fervor dos vinte anos o alenta no labor literário; mestre consagrado, não entende que tal qualificação lhe seja uma aposentadoria. Não lhe falem de dormir à sombra dos louros conquistados ou de pousar, sobre os muitos livros superiormente escritos, a forte e nobre pena, ativa como a enxada do camponês madrugador, fina como o buril do escultor que sonha com deuses e Galatéas. Sempre moço, ele deseja estar à frente dos moços, combater com eles e com

eles jornadaear pelo futuro adiante. [...]. Outra glória não pede e não quer senão a que lhe vem da sua própria obra (Azeredo, 1897, p. 269).

O louvor do jovem chegava a um bom momento. O livro de Sílvio Romero contra Machado acabara de ser publicado, e o artigo de Magalhães de Azeredo atendia prontamente à necessidade de consolo do escritor injustamente atacado. Embora se recolhesse à habitual reserva, Machado certamente sentiu, no íntimo, o peso das críticas dirigidas à sua obra e à sua pessoa. Assim, a intervenção de Azeredo veio na hora exata: era o futuro que se antecipava pela voz do moço (Montello, 1961).

Não satisfeito com o estudo sobre Machado de Assis publicado na *Revista Moderna*, Magalhães de Azeredo encaminhou ao *Jornal do Commercio* um texto crítico sobre o livro de Sílvio Romero, no qual refuta as críticas dirigidas a Machado:

Paris, 11 de março de 1898.

Meu querido mestre e amigo,

[...]

Pelo correio passado, mandei para o *Jornal do Commercio* o meu estudo sobre o livro de Sylvio Romero a seu respeito. Acho que refutei completamente os pontos principais da crítica, e, se não combati algumas asserções secundárias, foi só para não alargar demasiado o meu trabalho. Este está feito com grande serenidade, com extrema delicadeza, e não há ali uma só palavra que possa ofender a Sylvio Romero; trato-o com a consideração que se deve ter para com um escritor de mais idade, que, além disso, no próprio livro se refere a mim amavelmente. Mas esse tom respeitoso só poderá dar mais força aos meus argumentos; o essencial é provar que o autor não tem razão, e eu creio que o consegui cabalmente. [...] O meu estudo, porém, muito mais extenso de resto, entra em outras particularidades, e analisa quase capítulo por capítulo todo o livro de Sylvio Romero.

[...]

Eu de coração o abraço. Seu,

Magalhães de Azeredo (Assis, 2019, tomo III, p. 299 – 304).

Em um momento anterior, Machado de Assis já havia impulsionado a carreira literária de Magalhães de Azeredo. Em 1895, quando da publicação de seu primeiro livro, *Alma Primitiva*, ele escreve ao Mestre, apontando o silêncio da imprensa e agradecendo a crítica generosa:

Montevideo, 2 de setembro de 1895.

Meu querido Mestre e Amigo,

Pelo último vapor, enviei um exemplar da *Alma Primitiva*, e a propósito desta, apreço-me em dar-lhe os meus mais sinceros e fervorosos agradecimentos. Devo-lhe demais uma explicação pelo meu telegrama que o foi surpreender. Bem sabe as apreensões que eu já tinha sobre a sorte do meu livro antes de sair ele do prelo; confiei-lhe os meus receios e desânimos. [...]. Chegam, dias depois, os jornais do Rio; **silêncio, silêncio absoluto, ou quando muito, referências breves, superficialíssimas. Quanto à *Gazeta*,**

nem notícia dava do aparecimento do livro... Considerei-o perdido, naufragado irremissivelmente; [...] enfim, não sei dizer-lhe quantas coisas me passaram pela cabeça e em que estado a puseram. Até doente fiquei, doente de veras, de não poder fazer outra coisa mais que ir-me deitar. [...] Tão débil está o meu organismo, tão delicados tenham agora os meus nervos, que não posso sentir uma comoção forte sem que a saúde pague as custas. Em tais circunstâncias, a primeira ideia que tive foi telegrafar-lhe, certo de que acharia de sua parte, ao menos, o apoio preciso. Vi, porém, pela sua resposta e depois pela *Gazeta* de 25 de agosto, que o meu desejo fora satisfeito antes mesmo de formulado, que a sua amizade fora mais pronta que a minha necessidade de recorrer a ela. **As suas belas e afetuosas expressões, com a autoridade literária e moral que as reveste, consagraram meu trabalho.** E bastariam elas sós para compensar-me de qualquer esquecimento ou de qualquer injustiça (Assis, 2019, p. 108-109).

Estando em Montevideu e enfrentando a demora com que cartas e jornais brasileiros lhe chegavam à mão, Azeredo passou a supor que seu livro não teria alcançado as redações dos periódicos ou, ainda, que a crítica o houvesse recebido com indiferença. Machado de Assis, porém, antecipando-se às inquietações do jovem diplomata, apressou-se em redigir uma resenha amplamente elogiosa, tanto ao volume recém-publicado quanto ao seu autor. A gratidão de Azeredo demonstra a relevância desse gesto: uma crítica elogiosa assinada por Machado, figura de reconhecido prestígio no campo literário, dificilmente passaria despercebida:

Este outro Magalhães – **Magalhães de Azeredo, é dos que nasceram para as letras, governando Deodoro; pertence à geração que mal chegou à maioridade, e toda de desfaz em versos e contos. Compõe-se destes o livro que acaba de publicar com o título de *Alma Primitiva* [...].** Não te enganes; não suponhas que é um estudo — por meio de histórias imaginadas — da alma humana em flor. Nem serás tão esquecido que te não lembre a novela aqui publicada; história de amor, de ciúme e de vingança, um quadro da roça, o contraste da alma de um professor com a de um tropeiro. Tal é o primeiro conto; o último, *Uma escrava*, é também um quadro da roça, e a meu ver ainda melhor que o primeiro. É menos um quadro da roça que da escravidão. [...]. Creio que a melhor página de todas é a do *Ashavero*, quadro terrível de um navio levando o *cholera-morbus*, pelo oceano afora, rejeitado dos portos, rejeitado da vida. É daqueles em que o estilo é mais condensado e vibrante. [...]. O que se pode notar em quase todos os seus contos, é um ar de família, uma feição mesclada de ingenuidade e melancolia. A melancolia corrige a ingenuidade, dando-lhe a intuição do mal mundano; a ingenuidade tempera a melancolia, tirando-lhe o que possa haver nela de triste ou pesado. **Não é só fisicamente que o Dr. Magalhães de Azeredo é simpático; moralmente atrai. A educação mental que lhe deram auxiliou uma natureza dócil. Os seus hábitos de trabalho são, como suponho, austeros e pacientes. Duvidará algumas vezes de si? O trabalho dar-lhe-á a mesma fé que tenho no seu futuro** (Assis, 1895). (Grifo nosso)

Diante desse cenário, não é difícil perceber que a trajetória de Magalhães de Azeredo como escritor foi favorecida pelo apoio de Machado de Assis, que desde o início se manifestou de forma benevolente sobre os livros do jovem amigo, contribuindo para sua projeção no meio literário. Esses gestos de generosidade puderam ser retribuídos quando Azeredo se posicionou

publicamente em defesa de Machado diante dos ataques de Sílvio Romero, levando para o espaço da crítica impressa uma relação até então circunscrita à escrita.

A amizade entre Mário de Alencar e Machado de Assis manifestou-se de outras formas, principalmente nos momentos em que o escritor se encontrava enfermo, quando o apoio pessoal assumiu especial relevância. Esse acompanhamento, no entanto, não esgota a dimensão da contribuição de Mário, pois ele desempenhou papel decisivo no fortalecimento institucional da Academia Brasileira de Letras ao empenhar-se na obtenção de uma sede estável para a instituição.

Em fragmento de carta já citado anteriormente, mas em outro contexto, Machado de Assis escreve:

Novo Friburgo, 10 de fevereiro de 1904.

Meu caro Mário,

[...]

Escrevo-lhe especialmente para que me diga se é possível o que há relativamente à Casa da Academia Brasileira. O Jornal do Comércio, referindo-se anteontem, creio eu, ao complemento do Edifício da Lapa, diz que se não sabe ainda o destino que ele terá. Penso que sobre isto haja já a decisão do Sr. Ministro do Interior. Houve acaso alteração excluindo a Academia? Confie-me o que há, se não ao Presidente da instituição, ao seu amigo particular e grato. [...]

Os nossos respeitos à sua família e um abraço apertado,
do velho amigo,

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo IV, p. 249).

Conforme esclarece Rouanet (2019, tomo IV), a partir de 15 de novembro de 1902, com a posse do governo Rodrigues Alves, Mário passou a exercer o cargo de oficial de gabinete do ministro da Justiça e Negócios Interiores, José Joaquim Seabra. Nessa função, empenhou-se de modo contínuo na obtenção de uma sede definitiva para a Academia Brasileira de Letras, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 1º, da Lei n.º 726. Ao contar com a receptividade do ministro, dedicou-se à busca de diferentes alternativas, até que se viabilizou a instalação oficial da Academia na ala esquerda do edifício situado entre a praia da Lapa e o Passeio Público, posteriormente denominado Silogeu Brasileiro. O atendimento ao art. 1º, da Lei n.º 726, deve-se, assim, em grande medida, ao empenho de Mário de Alencar.

Montello (1961) registra que apenas em 1905, por incentivo de Machado de Assis, Mário se candidatou à Academia Brasileira de Letras, apesar de sua produção literária se restringir a um pequeno volume de versos. Filho de José de Alencar, distinguia-se do pai tanto pelo estilo quanto pela produtividade, circunstância que motivou ironias nos círculos literários. A disputa mostrava-

se desfavorável ao jovem candidato, uma vez que seus concorrentes – o romancista Domingos Olímpio e o publicista José Severiano de Rezende – apresentavam obra mais extensa. Ainda assim, Mário foi eleito no primeiro escrutínio, com 17 votos, superando Olímpio, que obteve 10, e Rezende, que não recebeu votos. Machado de Assis, embora impedido de atuar publicamente, na condição de presidente da Academia, acompanhou o pleito com intenso envolvimento pessoal, suportando em silêncio os ataques dirigidos ao amigo.

Um indício desse ressentimento aparece no veto firme ao nome de Emílio de Menezes quando se cogitou sua candidatura a uma vaga na Academia, gesto incomum em Machado. A negativa, pouco justificável pelo simples temperamento boêmio do poeta – traço compartilhado por outros acadêmicos –, sugere que foi uma reação de Machado às críticas severas de Emílio dirigidas a Mário durante a campanha de 1905, entre elas o soneto satírico que o poeta publicou no dia da eleição.

Para compreender o quanto a zombaria dirigida a Mário atingia o amigo, é preciso lembrar que, solitário após a viuvez, Machado encontrava no discípulo uma dedicação quase filial. Por isso, anos depois e ainda marcado por aquela ferida, vetou de modo contundente a candidatura inicial de Emílio de Menezes, oferecendo apenas uma justificativa pública baseada no decoro da instituição. Mário, ainda jovem, aproximara-se da Academia motivado pela amizade e pelo gosto literário compartilhado com o Mestre, embora não tivesse coragem de pleitear uma vaga. Nada impediria que tivesse integrado o grupo de fundadores da Academia – sua admissão talvez fosse natural, como ocorreu com Pedro Rabelo e Magalhães de Azeredo, ambos apoiados por Machado –, mas sua timidez o reteve. Foi preciso que o próprio Machado o incentivasse para que finalmente se candidatasse, superando o receio que o afastava da vida pública. Mesmo eleito, seu retraimento não desapareceu: manteve, ao longo da vida, uma humildade autêntica, expressa no discurso de posse, no qual atribuiu a escolha a uma homenagem da Academia a José de Alencar. Essa explicação correspondia ao seu temperamento, mas a eleição se deveu menos ao peso do nome paterno e mais à afinidade intelectual e afetiva que o ligava ao presidente da instituição.

Diante desse cenário, não é difícil constatar que a homossociabilidade perpassa as relações entre Machado, Azeredo e Mário. Não apenas as atitudes revelam um constante movimento de proteção, de cuidado e de apoio mútuos, como também as cartas reforçam essa dinâmica ao silenciar, de modo quase absoluto, qualquer referência ao universo feminino. Essa

ausência não é casual: ela evidencia a construção de um espaço de interlocução essencialmente masculino, no qual os laços afetivos, intelectuais e profissionais se consolidam e se reafirmam em uma rede de sociabilidade que privilegia, antes de tudo, a experiência e a perspectiva dos próprios pares.

CAPÍTULO 3 – DOENÇA: O PECADO ORIGINAL

A doença de Machado de Assis é uma evidência histórica, não uma hipótese interpretativa. O diagnóstico nunca foi um mistério: alguns de seus contemporâneos já tinham conhecimento de que Machado de Assis era portador de epilepsia. Ainda assim, o escritor adotou a postura de não abordar o assunto: ao longo de toda a sua correspondência, jamais empregou a palavra “epilepsia”, nem mesmo nas cartas dirigidas a Mário de Alencar, que sofria do mesmo mal, recorrendo sempre a referências indiretas e cuidadosamente veladas. Contudo, para além dos estudos de seus biógrafos, há ainda a fotografia de Augusto Malta²⁶, que conseguiu registrar uma crise do autor. A imagem torna visível aquilo que Machado silenciou na escrita epistolar, mas que circulava de forma restrita no interior do grupo social que ele frequentava (Peregrino Júnior, 1976).

Sua discrição era tanta que se casou com Carolina sem lhe revelar a moléstia. Lúcia Miguel Pereira (2017) relata que, alguns meses após o casamento, durante uma viagem a Petrópolis, Machado sofreu uma crise a bordo da embarcação. Ao interrogá-lo após o incidente, obteve apenas uma resposta vaga e evasiva: “Tivera, em menino, umas coisas esquisitas”, que não haviam se repetido até aquele dia. Carolina, entretanto, longe de manifestar ressentimento por ter sido mantida na ignorância da doença que acometia o marido, passou a dedicar-lhe atenção redobrada, assumindo, discretamente, a função de cuidadora. Empenhou-se em mitigar, tanto quanto possível, os efeitos da enfermidade no cotidiano de Machado. Em casa, tudo se orientava para assegurar-lhe maior conforto. Colocado de modo a estar sempre à mão, embora resguardado do olhar imediato, mantinha-se um frasco da solução *La Royenne*, medicamento antiepilético de que ele fazia uso.

O cuidado de Machado de Assis em manter a enfermidade fora da exposição pública revela um acentuado pudor diante da doença, que ele procura ocultar e nomear apenas de modo indireto. Em carta de janeiro de 1908, a Mário de Alencar, chega a referir-se a ela como um

²⁶ Augusto Malta foi contratado pelo prefeito Pereira Passos, em 1903, para fotografar o gigantesco projeto urbanístico que visava redefinir a estrutura urbana do Rio de Janeiro, livrando-a da pecha de cidade insalubre, assolada por epidemias de febre amarela, varíola e malária, com prejuízos para a atividade comercial do país. Sua missão inicial era registrar imagens das ruas que teriam seu traçado modificado pela reforma. Malta conservou-se no posto por mais 30 anos, registrando desde grandes eventos, como a inauguração da estátua do Cristo Redentor, até aspectos da vida cotidiana da cidade. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-augusto-malta>. Acesso em: 29 dez. 2025.

“pecado original”, expressão que sugere uma marca íntima e permanente, mas deliberadamente afastada da nomeação explícita:

Cosme Velho, 21 de janeiro de 1908.

Meu querido amigo,

[...]

Não cuidei que a causa da ausência destes dias fossem nervos. Agora o sei e creio. **Já nos habitou²⁷ a esses sujeitos, maus inquilinos, que quando se metem a proprietários efetivos, abusam desapiedadamente da casa.** Felizmente, parece que estes vão cedendo. Apesar disso, a sua resolução de obter descanso ou licença para se tratar de vez e seguidamente é boa. Por mais que me custe a ausência, estimo saber que caminha para o total restabelecimento. Lá tem consigo, na família, o melhor viático do coração. Agora, ao levantar-me, apesar do cansaço de ontem, meti-me a reler algumas páginas do Prometeu de Ésquilo, através de Leconte de Lisle; ontem entretive-me com o Fedon, de Platão, também de manhã; veja como ando grego, meu amigo. Oxalá possa chegar a ver, parte que seja do seu trabalho. E folgo muito que ponha nele a paciência das obras perfeitas. [...] **Há algumas outras notícias que interessariam contadas, mas não dão para escritas. De mim vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas suportando, sem novidade, o pecado original, deixe-me chamar-lhe assim.** Creio que o Miguel Couto me trouxe a graça. [...]

Adeus, meu querido amigo. Recomende-me a Dona Helena, a Mamãe e a todos os seus meninos. Creia-me sempre, seu do coração, Machado de Assis (Assis, 2019, tomo V, p. 280- 281). (Grifo nosso).

Que razões levaram o escritor a tratar a própria moléstia com tamanha reserva e a recorrer a metáforas dessa natureza é uma questão que se impõe e que será examinada.

3.1 Mal sagrado, mal secreto

De acordo com Sebastião Moreira (2004), ao longo da história, a literatura médica formulou diferentes concepções de epilepsia, refletindo não apenas os limites do conhecimento científico de cada época, mas também os valores simbólicos e culturais associados à doença. Embora ainda não exista uma definição absolutamente consensual, tanto no âmbito da produção médica nacional quanto internacional, é possível identificar recorrências e aproximações entre os diversos conceitos historicamente construídos.

Moreira (2004) observa que as doenças não se restringem às alterações anatômicas e funcionais do organismo, pois são também investidas de significados simbólicos. Desde as

²⁷ A frase “Já nos habitou a esses sujeitos” deveria ter sido “Já nos habituou a esses sujeitos”, ou seja, os nervos. A causa do erro pode ter sido o fato de Machado estar antecipando, mentalmente, a frase seguinte, em que compararia os nervos a inquilinos. ROUANET, Paulo Sergio. Notas. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V – 1905 – 1908. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019

sociedades antigas, a enfermidade foi interpretada como portadora de sentidos morais, religiosos ou metafóricos. Na Antiguidade Clássica, a epilepsia era compreendida como uma enfermidade de natureza sagrada, sendo designada como “doença sagrada” ou *morbus sacer*.

O mais antigo registro detalhado da epilepsia encontra-se em um manuscrito preservado no Museu Britânico, correspondente a um capítulo de um tratado babilônico de medicina que compila cerca de quarenta textos, datados de aproximadamente 2000 a.C. Nesse documento, descrevem-se diferentes tipos de crises que ainda hoje são reconhecidas pela medicina contemporânea. Essas manifestações, porém, eram interpretadas à luz de concepções sobrenaturais, sendo associadas à ação de espíritos ou divindades, em geral de caráter maléfico. Nesse contexto, o tratamento da epilepsia situava-se no domínio do ritual e da espiritualidade.

Na Grécia Antiga, surgiram explicações mais sistemáticas acerca da doença. Hipócrates, por volta de 400 a.C., em um texto médico destinado a leitores leigos, afirmou que a epilepsia não tinha origem divina, mas decorria de um distúrbio do cérebro, admitindo inclusive a possibilidade de transmissão hereditária. Ainda assim, mesmo diante dessa mudança de perspectiva, as interpretações místicas não foram plenamente abandonadas, coexistindo com explicações de caráter natural e terreno.

Até a Renascença, os avanços no pensamento médico acerca da epilepsia permaneceram limitados. Tal estagnação é frequentemente atribuída à influência da tradição grega sobre os escolásticos romanos, pensadores que buscavam conciliar a filosofia antiga com a doutrina cristã. Segundo Moreira (2004), a partir do século IX, o centro do saber médico deslocou-se para o mundo árabe, onde se preservaram e sistematizaram conhecimentos herdados da Antiguidade. Ainda assim, poucas mudanças relevantes foram incorporadas ao diagnóstico da epilepsia, uma vez que o contexto social e religioso da época restringia o desenvolvimento de abordagens médicas desvinculadas da explicação teológica.

Durante a Idade Média, a epilepsia passou a integrar o conjunto de condições associadas à heresia e à feitiçaria. Em 1484, no contexto da Santa Inquisição, indivíduos considerados loucos ou acometidos por crises epilépticas tornaram-se alvos de perseguição, sendo interpretados como portadores de manifestações demoníacas. Convém observar que, nesse período, a medicina ainda não dispunha de explicações claras sobre as causas da doença, nem de tratamentos eficazes, o que contribuiu para a persistência dessas interpretações.

Em contraste com as interpretações predominantes na Idade Média, no século XVIII, começaram a se delinear concepções que se afastavam progressivamente das explicações sobrenaturais. Apesar da mudança de perspectiva, a epilepsia permaneceu fortemente associada à magia e à possessão, e o estigma que a cercava continuou a marcar a experiência social dos indivíduos acometidos.

O século XIX caracterizou-se por importantes transformações no campo das ciências biológicas. Sob a influência do positivismo – corrente filosófica que defendia a primazia do conhecimento científico fundado na observação e na experimentação –, consolidaram-se estudos em fisiologia e neurologia, com impacto direto na compreensão das patologias cerebrais. Nesse contexto, destaca-se a contribuição do neurologista inglês John Hughlings Jackson²⁸, cujas investigações sobre a epilepsia articularam-se a uma teoria mais ampla do funcionamento cerebral. Esse estudioso concebia o cérebro como uma estrutura dinâmica, organizada hierarquicamente e sujeita a processos evolutivos. Em sua formulação, as lesões cerebrais produziam tanto sintomas negativos, decorrentes da perda funcional, quanto sintomas positivos, resultantes da liberação de atividades de áreas preservadas.

As reflexões do neurologista inserem-se em um momento de expansão do sistema hospitalar psiquiátrico, quando a epilepsia passou a ser frequentemente associada às doenças mentais. O estigma atribuído aos epiléticos era tão intenso que muitos asilos recusavam a admissão sob o argumento de prognósticos desfavoráveis.

Ainda no século XIX, autores como Pinel, Esquirol, Morel e Lombroso contribuíram para os estudos médicos da epilepsia e da loucura. Ainda que tenham ampliado o conhecimento clínico sobre essas condições, as abordagens reforçaram, em muitos casos, a associação entre epilepsia e insanidade, sedimentando concepções estigmatizantes no imaginário social.

No século XX, a definição da epilepsia passou a se apoiar em bases neurofisiológicas mais precisas. Dreifuss²⁹ (1996 *apud* Moreira 2004) definiu a doença como uma condição caracterizada por descargas elétricas recorrentes no cérebro, capazes de produzir alterações transitórias da consciência ou do comportamento, conforme as áreas cerebrais envolvidas. Esse

²⁸John Hughlings Jackson (1835-1911), nascido em Yorkshire, Inglaterra, foi um neurologista britânico cujos estudos sobre epilepsia, distúrbios da fala e doenças do sistema nervoso decorrentes de lesões no cérebro e na medula espinhal ajudaram a definir a neurologia moderna. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/John-Hughlings-Jackson>. Acesso em: 3 jan. 2026.

²⁹DREIFUSS, F.E. O que é a epilepsia. In: REISNER, Helen (org.). *Crianças com epilepsia*. Campinas: Papirus Editora, 1996.

período foi marcado por avanços significativos nos métodos diagnósticos, como a introdução do eletroencefalograma, em 1933, e, posteriormente, da ressonância magnética, a partir de 1986, que permitiram uma investigação mais acurada das patologias do sistema nervoso central.

A história do tratamento medicamentoso da epilepsia remonta ao século XIX, a partir da identificação da ação anticonvulsiva do bromo por Locock³⁰, em 1857, e, posteriormente, do fenobarbital por Hauptmann³¹, em 1912. A partir de então, o tratamento farmacológico consolidou-se como o principal recurso terapêutico para a maioria dos quadros epiléticos, embora os efeitos colaterais associados ao uso dessas substâncias tenham permanecido como um aspecto recorrente da experiência clínica e da vivência dos pacientes. O fenobarbital, em particular, manteve-se amplamente empregado ao longo do tempo, em razão de seu baixo custo, ampla disponibilidade e relativa facilidade de administração.

No caso de Machado de Assis, a documentação biográfica e epistolar indica que o tratamento se deu de acordo com os recursos terapêuticos disponíveis no século XIX, com o uso de tribrometo, medicamento então prescrito para o controle das crises e receitado por Miguel Couto, médico que o acompanhou nos últimos anos de vida. Em carta a Mário de Alencar, Machado escreve:

Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1908.

Meu querido amigo,

Agradeço-lhe a visita e restituo-lhe o abraço que me mandou. Passei pouco melhor, mas enfim melhor. **Antes da carta tinha já resolvido aqui em casa, ontem não tomar o triborumeto (sic).** [...] Desculpe o desalinho da carta. Não sei se irei amanhã à cidade; se for, até amanhã.

Adeus.

Do seu

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo V, p. 397).

O excerto evidencia não apenas a consciência do autor em relação à medicação em uso, mas também sua decisão de suspendê-la, momentaneamente, gesto que sugere os limites do tratamento e os efeitos indesejáveis associados ao tribrometo.

³⁰Sir Charles Locock (1799-1875) foi um médico inglês do século XIX e obstetra da rainha Vitória. Seu nome é mencionado na história da epilepsia em razão de observações, feitas em 1857, sobre o uso do brometo de potássio no controle de crises. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22953325/>. Acesso em: 30 dez. 2025.

³¹Alfred Hauptmann (1881-1948) foi um psiquiatra e neurologista alemão, de origem judaica, forçado a emigrar para os EUA durante o regime nazista. É lembrado, sobretudo, por seu artigo de 1912 sobre a eficácia do fenobarbital no tratamento da epilepsia, além de contribuições à neurologia. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11948435/>. Acesso em: 30 dez. 2025.

A persistência histórica do estigma associado à epilepsia ajuda a compreender o silêncio rigoroso de Machado de Assis em relação à própria doença. No século XIX, quando os discursos médicos passaram a se afastar das explicações sobrenaturais, a epilepsia continuava socialmente vinculada à loucura e à suspeita de incapacidade intelectual, mesmo nos espaços de sociabilidade letrada.

Um exemplo de que o preconceito estava presente até no discurso médico do período pode ser reconhecido na tese de Pedro Sanches de Lemos, defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que afirma que a epilepsia pode ter causas predisponentes e ocasionais:

As causas predisponentes seriam a hereditariedade, motivo pelo qual nunca aconselharíamos que um epilético se casasse; ao contrário, opor-nos-íamos seriamente a que desse semelhante passo. Esta convicção enraizou-se ainda mais em nosso espírito após a abalizada opinião do Dr. Ferreira de Abreu (Lemos, 1872, p. 13).

Ainda que o conhecimento médico sobre a epilepsia tenha avançado de forma significativa, as representações sociais associadas à doença transformaram-se de maneira mais lenta. Em consequência, a epilepsia permanece, ainda hoje, envolta por preconceitos que comprometem a compreensão e favorecem processos de exclusão social dos indivíduos acometidos, levando muitos deles a ocultar a condição por receio de discriminação.

Para um escritor nascido pobre, pardo, marcado por uma gagueira e integrado a uma elite cultural que valorizava o decoro, a contenção e a respeitabilidade pública, nomear a doença significaria correr o risco de ver a imagem intelectual eclipsada por um estigma historicamente consolidado. Nesse sentido, o silêncio epistolar não se confunde com ignorância ou negação, mas constitui uma estratégia de autopreservação simbólica, compatível com uma trajetória de ascensão social construída sob permanente vigilância de si.

3.2 A doença nas cartas dos três amigos

A doença constitui um dos temas recorrentes na correspondência entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, surgindo tanto como dado concreto da experiência cotidiana quanto como motivo de reflexão e troca entre os interlocutores. Queixas físicas, referências a tratamentos, menções ao cansaço, à idade ou à fragilidade do corpo aparecem com frequência nessas cartas, não apenas como informação, mas como parte de uma dinâmica que

reforça vínculos, solicita atenção e legitima silêncios ou ausências. Mesmo quando aborda enfermidades reais e persistentes, a correspondência entre esses amigos tende a evitar descrições detalhadas ou nomeações diretas, optando por alusões discretas e comentários contidos.

Ribas (2008), amparando-se nas ideias de Michel Foucault³², explica que essa forma particular de se referir à doença pode ser compreendida como “cuidado de si”, um conjunto de práticas por meio das quais o sujeito observa, regula e governa a própria conduta em relação aos outros. Desse modo, escrever sobre si não significa expor-se integralmente, mas exercer um controle atento sobre o quanto se revela, a quem se revela e de que modo. A carta, espaço de interlocução privilegiada, permite ao missivista organizar a própria experiência, disciplinar o discurso sobre o corpo e manter certa medida entre confiança e reserva.

Nas cartas de Machado, essa atitude se manifesta de modo particularmente expressivo. Ao mencionar seus males, o escritor raramente transforma a doença em tema central: ele aproveita a experiência dolorosa para aconselhar e orientar os amigos. Esses conselhos aparecem tanto em momentos de desalento, angústia, melancolia quanto em ocasiões de êxito, como publicações, promoções, viagens ou casamentos. As orientações adquirem um caráter quase pedagógico, reforçando a ideia do cuidado de si, frequentemente associada às virtudes curadoras da poesia e da prática literária:

Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1895.

Meu querido amigo e poeta,

Já lá há de ter, desde quarta-feira da semana passada, um telegrama em resposta ao seu de segunda-feira relativamente à *Alma Primitiva*. [...] A *Alma Primitiva* ficou um bom livro. Já no meu artigo notei as qualidades gerais da obra e do autor. Citei alguns dos cantos, e aqui lhe repito a impressão que todos me deixaram. Também falei dos seus hábitos de austeridade e paciência.

A carta que me mandou, e a que ora respondo, com algum atraso, trouxe algumas palavras de tristeza, que não fazem mal. As de desespero, porém, são muitas e afligem. Um pouco de melancolia, ou muito que seja, traz inspiração: veja Lamartine e Musset. Mas “essa melancolia profunda, angustiosa, infernal, que ultimamente o oprime, e para tudo o inutiliza”, isso não pode ser senão doença, contra a qual vale mais a higiene que os medicamentos. Não se importe de não ser alegre; também eu o não sou, ainda que pareça menos triste. Mas há em tudo um limite. Sacuda de si esse mal. **A arte é um bom refúgio; perdoe a banalidade do dito em favor da verdade eterna.**

Velho amigo e admirador, Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 111-113). (Grifo nosso).

³² FOUCAULT, Michel. A cultura de si. In: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 57.

Essa estratégia sugere que a escrita epistolar funciona como um exercício de moderação, no qual o sofrimento físico é reconhecido, mas não amplificado discursivamente. Não se pode esquecer que Machado talvez fosse um missivista performático, que cuidava atentamente da imagem que construía para si.

Desse modo, as referências à doença na correspondência machadiana podem ser compreendidas não apenas como indícios biográficos, mas como parte de um modo de escrever atento à forma, ao tom e aos efeitos produzidos pelo discurso.

Ainda conforme as reflexões de Michel Foucault, Ribas (2008) observa que os relatos frequentes e semelhantes sobre enfermidades, recorrentes nas cartas trocadas entre esses autores, acabam por aproximá-los, configurando quase uma “confraria de queixosos”. Ainda que compartilhassem males semelhantes, o interesse da análise não reside na verificação da veracidade dos sofrimentos narrados, mas na compreensão de seu valor simbólico e dos efeitos produzidos quando os missivistas se unem discursivamente em torno da experiência da dor.

Nas cartas, a doença é sempre mediada pelo relato escrito, não se apresentando de modo visível no corpo. Os missivistas falam de si, mas raramente têm acesso direto ao corpo fisicamente marcado pela dor do outro, o que faz da escrita o principal lugar de elaboração da experiência do sofrimento. Nesse conjunto, Machado de Assis, apesar de a conhecida descrição, não consegue – ou não deseja – ocultar completamente, em seus textos, os efeitos do próprio corpo adoecido. Assim, as dissimulações, os silêncios, as negativas e as repetições constituem estratégias da escrita, e não do corpo em si, que escapa ao controle pleno da linguagem.

No entanto, a doença, tal como aparece na correspondência machadiana, não está restrita ao plano discursivo. Trata-se de uma condição concreta, que acompanhou o escritor ao longo da vida e lhe impôs limites reais à experiência. Ainda assim, a enfermidade não o afastou de modo absoluto da circulação social, permitindo-lhe, na medida do possível, manter-se presente nos espaços de sociabilidade intelectual e cultural de sua época.

Na medida do possível, Machado frequentou os espaços da elite intelectual e política da época, participando de debates culturais e instituições do meio letrado carioca. O corpo adoecido exigia cautela, mas não o confinou à reclusão. A restrição mais evidente foi a impossibilidade das viagens: ao contrário de muitos dos contemporâneos, Machado jamais deixou o Rio de Janeiro. Esse dado concreto permite articular a doença construída na escrita com a doença vivida no

corpo, indicando que, se a linguagem possibilitava administrar simbolicamente o sofrimento, o corpo ainda impunha limites que não podiam ser transpostos:

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1897.

Meu caro amigo e poeta,

Respondo a sua carta de 23 de mês passado. [...]

Cá o invejo de longe. Eu, meu caro amigo, pelo avanço dos anos, **e por outras razões não menos melancólicas, creio que irei deste mundo sem ver essa outra parte dele**, que atraiu os jovens do meu tempo e continua a atrair os de hoje. Não sei o que serão hoje essa Veneza e essa Verona, que trouxeram para o finado romantismo a imortalidade de Shylock e de Julieta e Romeu. Sei o que Byron ainda pôde achar nas águas do Lido e o que Stendhal contou de Milão, sem esquecer os versos de Musset e de tantos outros. A poesia faz-nos mal até certo ponto, mas tem essa vantagem grande que aos que acharem uma Itália demasiado administrativa e parlamentar, dá as ruínas e pinturas. Amigo velho e certo

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 226- 229). (Grifo nosso).

Como já mencionado, a doença e os tratamentos figuram entre os temas mais recorrentes na correspondência trocada entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar. Ainda que o termo “epilepsia” não seja claramente empregado, a enfermidade perpassa as cartas sob outras denominações médicas em circulação no período. Azeredo, também epilético, detém-se longamente sobre a condição física e intelectual, ao longo de quase vinte anos de correspondência. Em carta dirigida a Machado de Assis, em janeiro de 1894, escreve:

São João d’El Rey, 22 de janeiro de 1894.

Meu querido Mestre e Amigo,

Quando, outro dia, reconheci no sobrescrito a sua letra, o meu coração vibrou todo num júbilo extraordinário; e apressei-me em abrir a carta, para gozar logo o prazer da sua conversa, tão elevada e conceituosa, tão rica de espírito e de bondade.

[...] mas, **quanto a mim, acresce a propensão evidente que tenho para a neurastenia. Empenhado em estudar a minha moléstia, tenho lido um sem número de teses e tratados que delas se ocupam.** E já não me resta dúvida alguma sobre a natureza do meu mal. **Um dos sintomas é precisamente essa inaptidão para o trabalho de que me queixo tantas vezes**, e contra a qual, em momentos de crise, é nulo todo o esforço de vontade. Aqueles formosos versos em que Olavo Bilac se lastima de sentir ‘asas nos ombros e grilhões nos pulsos’ exprime bem um dos piores tormentos da neurastenia nos homens de letras. Reconhecer a ideia que se elabora no cérebro, o prurido de produção que agita o organismo todo com o poder da forma literária, as concepções da fantasia, não é um suplício mais doloroso ainda que o de Tântalo?(Assis, 2019, tomo III, p. 35 - 38) (Grifo nosso).

A partir desse relato, observa-se que a experiência da doença é elaborada não apenas como padecimento físico, mas como entrave específico à atividade intelectual, marcado pela tensão entre o impulso criador e a impossibilidade de realização.

A epilepsia também é registrada por Azeredo em suas *Memórias*³³, mostrando como a doença teve um papel importante na sua história:

[...] Mais me convinha o clima das colinas e, na verdade, veraneando muitas vezes em outros "castelos romanos", como Frascati, Albano, Genzano, Ariccia ou a beira-mar, em Anzio, em Sorrento, na riviera ligure, nunca padeci incômodo algum. Ao contrário, naquelas alturas comecei a sentir um **recrudescimento das desordens nervosas, que pela primeira vez me haviam atacado em São Paulo quando estudante** e desde então se me tinham aninhado no organismo em forma potencial ou larvada, prontas a emergir em assaltos ligeiros ou rudes, curtos ou longos, como me aconteceu em várias quadras da minha vida. Era um mal-estar vago, mas que logo se tornava terrivelmente angustioso, como soem ser as perturbações desse gênero. **Caracterizava-se por tonturas, sufocações, vapores quentes no rosto e na cabeça, extremidades frias, náuseas que com frequência arrematavam em vômitos.** Com isso tudo, um terror estranho, excitado por apreensão de males graves ou gravíssimos - apoplexia fulminante a aneurisma, angina de peito - e até nos acessos mais agudos, de morte iminente. **Não era raro que, estando a palestrar despreocupadamente, caísse de súbito no chão, reerguendo-me logo, porém, sem ter perdido os sentidos nem o fio das ideias e continuado a conversar.** [...] Porém, o mestre Machado de Assis, a quem contei um dia as minhas vertigens, pondo em relevo a circunstância que nem passageiramente se me obliterava a consciência, respondeu-me em tom de desolada melancolia: **"Isso ainda se pode suportar. O pior é quando se fica à mercê da piedade dos outros..."** Como se sabe, ele evitava com o máximo rigor toda alusão à terrível doença de que sofria; diante de mim só, entretanto, em duas ou três ocasiões falou dela sem mistério; prova da confiança excepcional com que me honrava (Azeredo, 2003, p. 236). (Grifo nosso).

É digno de nota que, mesmo no livro de memórias, redigido muitos anos mais tarde, Magalhães de Azeredo ainda não mencione expressamente o nome da enfermidade, referindo-se a ela como neurastenia³⁴.

Em relação à correspondência de Magalhães de Azeredo, cumpre destacar que é ele quem mais se detém na tematização da própria doença. Desde as primeiras cartas dirigidas a Machado de Assis, ainda no início da formação, por volta dos 19 anos de idade, Magalhães de Azeredo faz alusão recorrente a algum tipo de enfermidade ou à fragilidade da saúde, convertendo esse aspecto em elemento constante da escrita epistolar. Em julho de 1889, por exemplo, relata ter

³³ Magalhães de Azeredo iniciou a redação de suas *Memórias* em 1942, quando se aproximava dos 70 anos de idade. Em 1960, já aos 87, ainda se dedicava a registrar acontecimentos referentes ao ano de 1903. A obra, contudo, encerra-se em 1928, contemplando apenas os primeiros 25 anos de vida do autor, que viria a falecer aos 91 anos. AFONSO ARINOS, Filho. Introdução. In: AZEREDO, Carlos Magalhães. *Memórias*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

³⁴ A neurastenia remonta a outras categorias diagnósticas que lhe são anteriores como a de nervosismo, neurospasmo e irritabilidade espinhal. George Miller Beard (1839-1883), neurologista nova-iorquino, definiu a neurastenia no artigo *Neurasthenia, or nervous exhaustion* (Neurastenia, ou exaustão nervosa), publicado em 1869, no *Boston Medical and Surgical Journal*. ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. Neurastenia. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, dez. 2010. p. 431-446.

passado algum tempo com “forte constipação, dores de cabeça e febre intermitente” (Assis, 2019, tomo II, p. 349). Em novembro do mesmo ano, menciona que está prostrado com uma “terrível febre palustre, que me teve preso no leito por seis dias” (Assis, 2019, tomo III, p. 19).

Suas cartas registram manifestações recorrentes de mal-estar físico e nervoso, frequentemente associadas ao excesso de trabalho:

Montevideu, 22 de março de 1895.

Meu querido Mestre e Amigo,

Não sei se chegou a receber a minha segunda carta, escrita já de Montevideu. [...] Por minha parte, passei todo este tempo sem lhe escrever mais porque **estive bastante doente, ainda que não de cama. A dispepsia nervosa agravou-se-me, em consequência talvez do excessivo trabalho a que me entreguei desde a minha chegada;**vieram-me tais perturbações que o médico chamado entendeu ser necessário submeter-me a rigoroso regime calmante e tônico, e começou por impor meu absoluto repouso intelectual e grande exercício físico... [...] Fiz de pronto uma alteração radical em meus hábitos; durante cerca de duas semanas, nada escrevi e quase nada li – imagine que sacrificio isso me custou. [...]

Eu tinha grandes projetos literários para este ano e já me estava lisonjeando com a satisfação de consagrar-lhes o melhor do meu tempo. Infelizmente, julgo que não poderei realizar nem a metade. **A minha anemia, acompanhada de debilidade nervosa, impede-me de trabalhar como eu desejaria e, por ordem rigorosa e inflexível do médico, vejo-me obrigado a repousar por alguns meses,**sob pena de perder sem remédio a saúde. [...]

Magalhães de Azeredo (Assis, 2019, tomo III, p. 67 - 71). (Grifo nosso)

Na carta de resposta, possivelmente para consolar o amigo, Machado de Assis faz uma rara confidência acerca de sua escrita e da relação com Carolina, além de pontuar uma de suas moléstias:

Rio de Janeiro, 2 de abril de 1895.

Meu querido amigo e poeta,

[...] A segunda carta dá-me notícia da moléstia que teve, ou antes da agravação que lhe trouxe o excesso de trabalho à sua dispepsia nervosa, e assim também dos trabalhos de cura. Eu não sei se teria agora tanta paciência; e, contudo, **já fui doente exemplar, quando padeci de uma renite e me proibiram ler.** Estive assim longas semanas. **Era minha mulher que me lia tudo. Para o fim serviu-me de secretária.***As Memórias Póstumas de Brás Cubas* foram começadas por esse tempo; **ditei-lhe, creio que meia dúzia de capítulos.** [...] A segunda carta, porém, traz já a liberdade do espírito repousado, conquanto a tristeza não perca os seus direitos. Desta vez tem a causa na necessidade de refrear o trabalho, como higiene, e não cumprir o programa literário que formulara. **É de lastimar que assim seja, mas o melhor conselho, é que se poupe.** Na idade em que está, não lhe falta tempo de produzir, e se for menos, por alguns meses, basta que seja sempre bom. Há de custar-lhe a limitação; desforrar-se-á depois.

Velho amigo,

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 72-74). (Grifo nosso)

Em janeiro de 1898, Machado escreve a Azeredo para lhe dar os parabéns pela reintegração à Legação do Brasil junto à Santa Sé, em Roma, após uma exoneração injusta. Na mesma correspondência, ele comenta:

Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1898.

Meu querido amigo,

[...]

Venho até aqui, meu querido, (com) um pouco de atropelo. **Estive enfermo de 6 para 7, e todo o dia 7; só a 8 e 9 (ontem), melhorei, mas ainda me sinto abatido.** Não atribua a isso a alegação de velhice que lhe tenho feito. Não é só a enfermidade, são também os anos; creia que o seu jovem amigo, que por tanto tempo conservou um pouco do vigor de antanho, descamba na invalidez. Tenho um trabalho literário entre mãos; não sei se o darei pronto; isto lhe dirá o meu desânimo físico. Emagreci muito nos últimos meses. Mas, enfim, **são coisas confiadas a um amigo sério e calado.**

Adeus, meu querido, ainda uma vez o abraço pela volta ao posto; foi um bom ato do governo. [...]

Velho amigo, admirador e obrigado

Machado de Assis (Assis, 2019, tomo III, p. 286 – 288).

Nesse trecho, é possível perceber a discrição de Machado de Assis ao mencionar a própria enfermidade, limitando-se a breves referências. A menção ao próprio emagrecimento, bem como o fato de comentá-lo com Azeredo, evidencia o grau de confiança que Machado depositava no amigo.

No mesmo ano de 1898, então com 26 anos, Magalhães de Azeredo recusa um posto de confiança do presidente Campos Salles, justificando a decisão pelo receio de que as exigências do cargo se revelassem excessivas e pouco compatíveis com aquilo que ele próprio definia como seu “organismo delicado”.

Roma, 9 de outubro de 1898.

Legação do Brasil junto à Santa Sé.

Meu querido Mestre e Amigo,

[...]

Ainda não lhe contei que quase voltei a morar aí. O presidente eleito, senhor Campos Salles, honrou-me com um instante convite para o lugar de secretário da presidência durante o seu governo. [...] **Infelizmente, motivos de saúde me impediram de aceitar o posto.** Motivos de saúde não só nem tanto por mim, **mas que não poderia resistir muito tempo ao labor pesadíssimo daquele lugar, com o organismo delicado que tenho**, mas principalmente por minha mulher, que desabituada há tantos anos do clima do Rio, não poderia residir aí sem perigo.

[...]

Abraça-o de coração o sempre seu,

Magalhães de Azeredo (Assis, 2019, tomo III, p. 325-331)

Como anteriormente mencionado, a doença perpassa toda a correspondência entre Machado de Assis e Magalhães de Azeredo, bem como as cartas trocadas entre Machado e Mário de Alencar.

Apesar das queixas e dos sintomas, é só em 1906 que Mário de Alencar afirma ter alcançado a certeza do diagnóstico, quando escreve, desolado, a Machado de Assis:

Tijuca, 26 de fevereiro de 1906.

Meu prezado e ilustre amigo senhor Machado de Assis,

não fui o outro dia ao Garnier, depois da consulta do médico, porque achei no consultório a convicção que eu receava e me fez triste e incapaz de conversa nenhuma. O médico procurou iludir-me, mas a fisionomia dele e a indicação dos remédios disseram a verdade. Vim para a Tijuca com grande desalento, que ainda tenho hoje e agora terei sempre até o último dia. Momentos de prazer e de esquecimento de mim mesmo, devo-os ao seu livro, que trouxe e tenho lido com amor. Se o coração me permitir, escreverei alguma coisa sobre ele e que eu desejaria pudesse exprimir dignamente, superiormente a minha admiração por esse e por todos os livros seus (Assis, 2019, tomo V, p. 97-98).

Apesar da desolação provocada pela confirmação da doença, Mário de Alencar manteve-se constantemente atento ao estado de saúde do velho amigo, demonstrando cuidado e preocupação que ultrapassam a formalidade epistolar. Entre as diversas cartas trocadas entre 1906 até 1908, optamos por apresentar a de dezembro de 1906, que mostra, a um só tempo, o carinho de Mário e seu próprio estado de espírito:

Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1906.

Meu bom e prezado amigo senhor Machado de Assis,

Peço que me mande dizer como chegou ontem e se dormiu bem. Apesar da ansiedade que eu sentia e me absorvia quase toda a atenção, fiquei com cuidado sobre a sua saúde e o acompanhei mentalmente até a sua casa. Eu passei como tenho passado estes últimos dias, nem muito bem, nem muito mal quanto ao corpo. Quanto ao espírito, em penumbra, que é mais triste que a sombra. Não desespero de reaver a luz, mas sinto que ela vai tardando muito.

Adeus. Creia no meu grande reconhecimento pela sua bondade e na minha sincera amizade

Mário de Alencar.

De acordo com Rouanet (2019, tomo V), essa é a primeira carta em que Mário manifesta de forma explícita a preocupação com o estado de saúde de Machado de Assis. A partir desse momento, esse cuidado passa a surgir de maneira recorrente na correspondência. Em contraste, trata-se também de uma das cartas em que Mário se mostra mais abatido em relação à própria condição, marcada por um tom de desalento, à qual Machado responde no mesmo dia com as

palavras: “tenha ânimo”. É significativo, ainda, que tenha sido Mário o interlocutor mais próximo nessa fase final da vida de Machado, aquele diante de quem o escritor se permitia falar com maior franqueza sobre as fragilidades do corpo e sobre a própria doença.

3.3 A doença e a literatura machadiana

Não se pretende, nesta pesquisa, esgotar a discussão acerca da presença da doença na obra de Machado de Assis, tema reconhecidamente amplo e complexo. Para além das doenças mentais frequentemente mencionadas pela crítica, a ficção machadiana inclui personagens acometidos por enfermidades, como varíola, cólera-morbo, lepra, febre tifoide, tuberculose e febre amarela. As doenças presentes nos livros não servem apenas para remeter à realidade histórica do período, mas participam ativamente da construção das narrativas e da caracterização das personagens, influenciando os percursos, os sofrimentos e as relações que estabelecem entre si.

Como exemplo, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a deficiência física da personagem Eugênia aparece como um dos motivos que levam Brás Cubas a desistir do casamento. “Essa voz saía de mim mesmo, e tinha duas origens: a piedade, que me desarmava ante a candura da pequena, e o terror de vir a amar deveras, e desposá-la. Uma mulher coxa!” (Assis, 1979, v. 1, p. 555). E continua: “Enquanto esta ideia me trabalhava no famoso trapézio, lançava eu os olhos para a Tijuca, e via a aleijadinha perder-se no horizonte do pretérito, e sentia que o meu coração não tardaria também a descalçar as suas botas.” (Assis, 1979, v. 1, p. 556). Esse episódio permite supor que o autor utiliza essa deficiência não apenas como um traço individual, mas como um recurso para evidenciar a deficiência de caráter de Brás Cubas, personagem marcado pela ausência de empatia e pela preocupação com as aparências sociais.

Outro exemplo desse recurso narrativo é a morte de Nhã-loló, de quem Brás se aproxima por terem as mesmas inclinações, especialmente a valorização da aparência e da conveniência social. No entanto, Brás demora a se decidir e a personagem morre de febre amarela, cujos surtos eram comuns no Rio de Janeiro do final do século XIX. A tristeza do pai da personagem é o fato de que, das oitenta pessoas convidadas para a missa de sétimo dia, apenas doze tenham comparecido (Assis, 1979, p. 621). Brás, por sua vez, parece não se importar muito com o falecimento da jovem, encarando sua morte quase como um fato corriqueiro.

Como se observa, o tema da doença na obra machadiana exige uma análise específica e mais aprofundada. Por essa razão, e considerando que, na correspondência entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, predominam referências às chamadas “doenças dos nervos”, optou-se por privilegiar, neste capítulo, o exame das doenças mentais na literatura machadiana.

A história das ciências da saúde mostra, de forma consistente, a difusão de conhecimentos originalmente vinculados ao campo da psiquiatria para além das fronteiras disciplinares, produzindo impactos variados em outros domínios do saber. Alexandre de Carvalho Castro (2019) explica que esse processo foi recorrente no que se refere à utilização de conceitos e noções da psicologia para fundamentar interpretações literárias e culturais, sobretudo aquelas interessadas em aproximar a criação artística da psicopatologia. Na virada dos séculos XIX e XX, por exemplo, tornou-se comum, no contexto europeu, atribuir a autores como Fiódor Dostoiévski e Gustave Flaubert uma suposta criatividade decorrente de quadros como a epilepsia ou a histeria, sob a hipótese de que essas condições exerciam influência decisiva tanto na gênese quanto no conteúdo das obras literárias.

Mesmo quando se considera apenas o contexto brasileiro, as relações entre literatura e conhecimentos médico-psicológicos constituem um campo marcado por ampla produção historiográfica. A circulação, no Brasil, de obras que associavam doença psiquiátrica e criação literária contribuiu para a consolidação de modos de leitura que tendiam a interpretar a obra a partir da vida do autor. Nesse quadro, o caso de Machado de Assis insere-se em dinâmicas culturais difundidas desde o final do século XIX, nas quais o discurso das ciências médicas passou a ser empregado nas leituras da produção literária, favorecendo leituras centradas na experiência pessoal do autor.

Ainda de acordo com Castro (2019), o fato de muitos biógrafos machadianos terem formulado explicações para a obra de Machado de Assis a partir de uma leitura supostamente ancorada nas experiências individuais decorre, especialmente, de dois fatores. O primeiro refere-se ao modo como, nas críticas literárias, autores como Alfredo Pujol, Lúcia Miguel Pereira, Peregrino Júnior, Afrânio Coutinho e José Leme Lopes se apropriaram dos discursos psiquiátricos vigentes. Assim, consolidou-se a ideia de que a expressão literária exterior revelaria um comprometimento psicopatológico interior, reiterada como verdade científica em diferentes momentos dessa tradição interpretativa. O segundo fator relaciona-se às particularidades da

trajetória de vida do escritor, frequentemente convertidas em princípio interpretativo da produção literária.

Ao longo de todo o século XX, a obra machadiana foi reiteradamente lida segundo critérios que privilegiaram interpretações centradas em dinâmicas psíquicas. Essas leituras são especialmente relevantes para a história das ciências e da saúde, pois evidenciam formas específicas de apropriação sociocultural do discurso psiquiátrico. Ao que tudo indica, para além do quadro neurológico da epilepsia, a própria biografia de Machado mostrou-se particularmente favorável a tais interpretações. A desconsideração de que a ascensão social de indivíduos mestiços constituiu um fenômeno característico dos centros urbanos oitocentistas levou muitos intérpretes a tratar sua trajetória como excepcional. Como se sabe, Machado, homem pardo, partiu do Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, e construiu uma carreira que o levou a atuar como tipógrafo, jornalista, poeta, dramaturgo, crítico literário e romancista, tornando-se, já na maturidade, presidente da Academia Brasileira de Letras. Diante desse percurso, consolidou-se a suposição de que os contos e romances seriam mais bem compreendidos à luz da superação da pobreza e das marcas da negritude, ou ainda de que os temas recorrentes da ficção decorreriam diretamente de aspectos reiterados da vida pessoal.

No entanto, Candido (1977) contesta a leitura segundo a qual Machado de Assis teria sido um exemplo de superação individual. Para o crítico, os estudiosos da obra desse autor frequentemente se empenharam em inventariar e enfatizar supostas causas de sofrimento social e pessoal – a cor da pele, a origem humilde, as dificuldades iniciais da carreira, as humilhações e a chamada doença nervosa –, convertendo tais elementos biográficos em chaves privilegiadas de interpretação literária. Candido (1977) ainda observa que essas experiências adversas não parecem ter excedido aquelas enfrentadas pela maioria das pessoas, nem a trajetória pode ser considerada particularmente árdua. Como lembra, no contexto do Império liberal brasileiro, não foram poucos os homens mestiços de origem modesta que alcançaram posições de destaque, chegando inclusive a receber títulos de nobreza e a ocupar cargos ministeriais.

Nesse sentido, Candido (1977, p. 15) adverte: “Não exageremos, portanto, o tema do gênio *versus* destino”. Tipógrafo, repórter, funcionário público de escalão modesto e, por fim, alto funcionário, Machado construiu uma carreira relativamente plácida. Sua cor, segundo essa interpretação, não teria sido motivo de descrédito social, funcionando, no máximo, como um contratempo momentâneo, logo superado, à época do casamento com Carolina Novais. Do

mesmo modo, a condição social não o impediu de manter, desde jovem, relações de intimidade com Sizenando e Joaquim Nabuco, filhos do conselheiro Nabuco, reconhecidos pela formação refinada e talento intelectual. Ao examinar a trajetória intelectual, verifica-se ainda que Machado foi admirado e apoiado desde cedo e que, aos cinquenta anos, já era amplamente reconhecido como o maior escritor do país, alvo de uma reverência e admiração que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida.

Talvez, em razão de certa timidez, inclinou-se desde jovem ao convívio em círculos restritos e, sem negligenciar relações sociais mais amplas, parecia sentir-se mais à vontade entre um grupo seleto de interlocutores. A Academia Brasileira de Letras surgiu, na etapa final da vida, como uma dessas instâncias fechadas, nas quais sua personalidade encontrava respaldo. Como dele dependia, em grande medida, o beneplácito concedido aos novos membros, Machado atuou ali com uma combinação singular de conformismo social e espírito de grupo, admitindo entre os fundadores um jovem ainda sem expressão literária, como Carlos Magalhães de Azeredo, por lhe ser dedicado e estimado – critérios que também explicariam, alguns anos depois, a admissão de Mário de Alencar, considerado por Candido (1977) ainda mais medíocre.

Assim como a biografia, a fortuna crítica dedicada a Machado de Assis também contribuiu para a construção paulatina de uma tradição crítica marcada pelo estereótipo de que ele teria sido um absenteísta – um escritor supostamente alheio e distante da realidade sociopolítica que o cercava. A tese do absenteísmo machadiano foi formulada inicialmente por Romero, que, em 1897, publicou o já mencionado livro de crítica no qual censurava Machado, entre outros aspectos, por não ter se engajado nas principais lutas do final do século XIX, em especial, nos embates entre abolicionistas e republicanos.

Segundo o crítico sergipano, em tom abertamente mordaz, Machado de Assis teria sido, de fato, um representante do espírito brasileiro, porém “num momento mórbido, indeciso, anuviado, e por um modo incompleto, indireto, e como que a medo” (Romero, 1936, p. 71). Com o tempo, essa orientação interpretativa, fundada na ideia de que Machado teria vivido uma experiência estritamente individual, desvinculada das condições sociais brasileiras, acabou por se consolidar. Muitos estudiosos passaram, então, a empreender incursões ao centro do psiquismo do célebre autor, partindo do pressuposto de que, nas camadas mais profundas da subjetividade interior, residiria a causa última da expressão literária exterior.

Pereira (2017), por exemplo, registra que, em 1878, Machado de Assis encerrou as colaborações regulares com a imprensa, em razão do fim ou da suspensão de periódicos com os quais mantinha vínculos. O período tinha sido particularmente cansativo: além das atividades literárias e das funções na Secretaria, integrou a Comissão de Reforma da Legislação das Terras, cujos trabalhos resultaram, em 1886, na publicação de *Terras: Compilação para Estudo*, da Secretaria de Agricultura, provavelmente redigida por ele. O acúmulo de encargos agravou o estado de saúde. Aos distúrbios nervosos, somou-se uma afecção intestinal que o levou a acreditar que ia caminhando para uma tísica mesentérica³⁵. A moléstia obrigou-o a interromper também os trabalhos na Secretaria e a solicitar licença de três meses. Machado e Carolina seguiram então para Nova Friburgo, experiência inédita de afastamento e repouso, que deixaria impressão duradoura.

De acordo com as ideias de Pereira (2017), esse período de recolhimento forçado coincide com um momento decisivo da trajetória literária de Machado. Como observa a crítica:

Esse retiro forçado parece ter sido de grande importância na sua vida. Entre *Yayá Garcia* e as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, entre o romancista medíocre e o grande romancista, existiu apenas isso. Seis meses de doença, de outubro de 1878 a março de 1879, três dos quais passados na roça (Pereira, 2017, p. 170).

Castro (2019) menciona, ainda, que as linhas mestras dessa interpretação apoiada no psicologismo foram estabelecidas pelas conferências promovidas pela Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, entre novembro de 1915 e março de 1917. Ministradas por Alfredo Pujol, essas sete conferências foram posteriormente reunidas no livro *Machado de Assis*, considerado a primeira biografia do escritor. Nessa obra, Pujol desenvolveu um viés interpretativo que, em certa medida, exerceu influência duradoura sobre outros estudiosos de Machado.

Ao tratar mais diretamente do romantismo, Pujol (1934) sustentou que, em razão da originalidade, Machado não teria sofrido a ação do ambiente da época e, por ter sido superior ao

³⁵ A tuberculose pulmonar é a principal manifestação da infecção tuberculosa e constitui o foco da estratégia da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o controle dessa doença. No entanto, a tuberculose extrapulmonar vem sendo cada vez mais reconhecida, sendo a tuberculose abdominal uma de suas apresentações mais comuns. A tuberculose abdominal inclui, de modo amplo, a infecção do trato gastrointestinal, do peritônio, dos órgãos sólidos abdominais e dos linfonodos abdominais. Entre todas as infecções tuberculosas do abdome, a tuberculose gastrointestinal é o local de acometimento mais frequente. Al-ZANBAGI, Adnan B.; SHARIFF, M. K. Gastrointestinal tuberculosis: a systematic review of epidemiology, presentation, diagnosis and treatment. *Saudi Journal of Gastroenterology*, v. 27, n. 5, p. 261-274, set./out. 2021. Disponível em: https://journals.lww.com/sjga/fulltext/2021/27050/gastrointestinal_tuberculosis__a_systematic_review.2.aspx. Acesso em: 14 jan. 2026.

seu tempo, teria se dedicado à vida interior do pensamento. Sua análise estabelece um paralelo entre o romancista brasileiro e Flaubert, também epilético e que também não escrevia o nome da doença.

Peregrino Júnior (1976), ao abordar o pudor de Machado em relação à sua “nevrose”, recorre a um dado documental sugestivo: na primeira edição das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o autor empregara a palavra “epilética”, mas, a partir da segunda edição, optou por substituí-la por “convulsa”. Ao descrever o sofrimento de Virgília diante da morte do antigo amante, Machado escrevera: “Não digo que se carpissem, não digo que se deixasse rolar pelo chão, epilética”. Nas edições posteriores da obra, a palavra epilética foi substituída, passando o trecho a figurar como: “Não digo que se carpissem, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa” (Peregrino Júnior, 1976, p. 20).

Nos anos 1930, intensificou-se uma tendência já presente em parte da crítica machadiana: a de recorrer à vida do autor como referência para a interpretação da obra. Muitos estudiosos do período passaram a buscar, na trajetória pessoal de Machado de Assis, fundamentos capazes de esclarecer escolhas temáticas e formais dos romances.

Em 1936, Lúcia Miguel Pereira publicou *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, obra em que defende a ideia de ascensão social, vinculada à condição racial, e do afastamento em relação ao morro como fatores centrais na formação do escritor, com reflexos diretos na produção literária. Alguns críticos acolhem essa interpretação com certa reserva, especialmente no que se refere às explicações científicas associadas à epilepsia, que poderiam estar vinculadas à influência intelectual de seu pai, o médico Miguel Pereira, então presidente da Academia Nacional de Medicina.

Essa tendência alcança o ponto mais representativo em *Doença e Constituição de Machado de Assis*, de Peregrino Júnior. Na obra, publicada em 1938 e reeditada em 1976, o autor adota perspectiva semelhante, caracterizando Machado como portador de uma “perversidade geral, uma audácia íntima que, receosa de transparecer, desfaz-se em cinismo e hipocrisia” (Peregrino Júnior, 1976, p.125). Além disso, afirma que o escritor revelaria “a preocupação de deslocar para as personagens femininas os seus dramas e os seus problemas pessoais” (Peregrino Júnior, 1976, p. 125) e destaca “a ironia que tanta vez chegava a ser agressiva, que era uma simples evasão da sua introversão e do seu complexo de inferioridade” (Peregrino Júnior, 1976, p. 125).

Baseando-se nas teorias de Kretschmer³⁶ e de Pende³⁷, nas informações dos contemporâneos de Machado, em uma “atenta observação da sua estátua do Petit Trianon” e no “exame dos seus melhores retratos”, o autor conseguiu diagnosticar Machado como um “leptossômico de Kretschmer ou um longilíneo astênico de Pende, pois, embora de pequena estatura, nele predominava o valor dos membros sobre o do tronco. Além disto, apresentava certo grau bem nítido de displasia” (Peregrino Júnior, 1976, p. 46).

O autor recorre ainda a exames grafopsicológicos dos lapsos e correções presentes nos manuscritos dos romances e estabelece uma relação entre o ritmo ternário, observado na disposição dos vocábulos, na acentuação e na organização lógica dos períodos dos últimos romances, e as supostas fases ternárias da epilepsia. Dessa forma, a doença é tomada não apenas como explicação para os temas abordados por Machado, mas também como fundamento do próprio estilo do escritor, em uma leitura que reduz a complexidade literária da obra a um quadro clínico previamente delineado.

Embora os anos 1930 tenham constituído um período fortemente marcado por interpretações psicológicas dos textos machadianos, essa abordagem não foi consensual. Uma prova disso é que, em 1939, Modesto de Abreu publicou *Biógrafos e críticos de Machado de Assis*, obra na qual adota uma postura crítica em relação a Peregrino Júnior e a outros biógrafos que se apoiavam no chamado psicologismo.

A metodologia de análise literária de viés psicopatológico, bastante característica das décadas de 1930 e 1950, reaparece em 1974 com a publicação de *Psiquiatria de Machado de*

³⁶ Ernst Kretschmer, psiquiatra alemão (1888-1964), relacionou aspectos psicológicos aos morfológicos para estabelecer três tipos classificatórios principais: pínicos (de corpos rechonchudos, feição arredondada e tendência a ser maníaco-depressivos, leptossômicos (magros e com tendência a desenvolver esquizofrenia) e atléticos (robustos e também com tendência à esquizofrenia). CASTRO, Alexandre de Carvalho. Memórias póstumas da loucura mulata: as apropriações de Machado de Assis sob o corte patológico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, jul-set. 2019, p. 863-877. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/dK34GGndFdK7b99Z8z99TKx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2026.

³⁷ Nicola Pende (1880-1970), médico italiano, cunhou o termo "biotipologia" para caracterizar a ciência dos biotipos humanos somáticos e psíquicos, longilíneos ou brevilineos, estênicos ou astênicos. Esses teóricos fundamentaram concepções científicas no Brasil, principalmente na década de 1930, influenciando estudos focados na "constituição", ou seja, nas particularidades biológicas de cada pessoa, a fim de definir a caracterização das doenças. CASTRO, Alexandre de Carvalho. Memórias póstumas da loucura mulata: as apropriações de Machado de Assis sob o corte patológico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, jul-set. 2019, p. 863-877. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/dK34GGndFdK7b99Z8z99TKx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2026.

Assis, de José Leme Lopes, e se consolida novamente em 1981, na edição ampliada da obra, que inclui o capítulo “A Doença de Machado de Assis”. No livro, Lopes (1974) propõe uma releitura da obra de Machado, buscando aplicar aos textos do escritor procedimentos da análise psicológica e psicopatológica. Segundo o autor, “há, na obra de Machado, sonhos e delírios, doenças mentais e personalidades anormais, toda a gama da variação humana, tal como a estudou nesta nossa cidade, na segunda metade do século passado, o seu maior escritor” (Lopes, 1974, p. 13-14).

Em contraste com esse tipo de leitura psicopatológica, o ensaio de Ivo Barbieri (2008), intitulado “O lapso ou uma psicoterapia de humor”, incluído em *A biblioteca de Machado de Assis*, propõe uma abordagem cautelosa da relação de Machado de Assis com os saberes psicológicos e psiquiátricos de seu tempo. Ao examinar os livros de cunho científico identificados na biblioteca do escritor, Barbieri observa que se trata de um conjunto reduzido, composto por poucas obras, todas em francês, entre as quais se destacam *Le Philosophie de l'inconscient*, de Édouard von Hartmann, *Lesmaladies de lamémoire*, de Théodule Ribot, além de textos de divulgação científica de autores como Louis Büchner. O crítico ressalta ainda que esse acervo deve ser entendido como incompleto, uma vez que parte dos livros de Machado pode ter se perdido ao longo do tempo, o que inviabiliza conclusões definitivas sobre a extensão de suas leituras nesses campos.

A partir desse levantamento, Barbieri (2008) argumenta que a presença desses títulos não autoriza afirmar que Machado tenha adotado ou empregado de modo sistemático conceitos da psicologia ou da psiquiatria na sua obra literária. Ao contrário, segundo o ensaísta, o escritor demonstra, acima de tudo, uma percepção aguda do prestígio social e discursivo das ciências da mente no século XIX. Esse conhecimento aparece na literatura não como teoria, mas como material de criação estética, frequentemente submetida ao crivo do humor e da ironia. Para Barbieri (2008), Machado satiriza o discurso científico, expondo as pretensões de explicar integralmente o sujeito humano e revelando os limites quando transposto para o campo da experiência moral e social. Nesse sentido, a ficção machadiana não ratifica os conceitos científicos então vigentes, mas os reinterpreta e os examina criticamente, transformando-os em objeto de observação crítica e literária.

Castro (2019) sublinha que, à luz do dialogismo de Bakhtin, a leitura da obra de Machado de Assis não pode ser reduzida a uma explicação causal fundada exclusivamente na condição

física ou em aspectos da biografia. Não se trata de negar a doença, mas de recusar que ela funcione como elemento único de interpretação da escrita. A partir de uma perspectiva dialógica, como a formulada por Mikhail Bakhtin, o sentido do texto literário se constitui na relação com outros discursos, gêneros e interlocutores historicamente situados, e não como expressão direta de um estado individual do autor: “A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. A consciência individual é um fato sócio-ideológico” (Bakhtin, 2006, p. 33). E o autor complementa: “A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos” (Bakhtin, 2006, p. 34). Essa abordagem permite reconhecer a presença da experiência corporal e existencial na escrita machadiana sem convertê-la em eixo exclusivo de leitura, evitando, assim, interpretações de cunho psicológico que tendem a obscurecer a complexidade formal, discursiva e histórica de sua obra.

Ademais, Castro (2019) ainda enfatiza que o dialogismo formulado por Bakhtin introduz uma mudança importante na tradição crítica que costuma interpretar a obra de Machado de Assis como resultado de um ato estritamente individual, entendido como expressão direta da consciência, dos desejos, gostos, intenções e impulsos criadores. Essa leitura pode ser questionada por duas razões principais. Em primeiro lugar, ao tratar o autor como pleno responsável por todos os sentidos do texto, supõe-se que os temas presentes na obra machadiana teriam se formado inteiramente no interior do psiquismo do escritor, sendo apenas exteriorizados por meio da linguagem.

No entanto, romances como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* apresentam narradores que se constroem a partir do confronto entre diferentes modos de pensar e falar que circulavam na sociedade de seu tempo, como ideias sobre moral, ciência, direito e comportamento social. Isso torna insuficiente a leitura do texto como simples projeção da interioridade do autor. Em segundo lugar, essa abordagem pressupõe uma separação rígida entre o que seria interior e exterior, atribuindo maior importância ao conteúdo interno do autor. A perspectiva bakhtiniana, ao contrário, permite compreender que tanto os temas quanto as formas narrativas empregadas por Machado se formam nas relações sociais e nos debates no seu contexto histórico, e não como reflexo direto da experiência psíquica. Desse modo, ainda que a obra machadiana trate de questões existenciais, corporais ou morais, essas dimensões aparecem sempre ancoradas em tradições literárias, gêneros narrativos e discussões sociais concretas, o que

afasta leituras de viés exclusivamente psicológico e recoloca o texto no horizonte histórico de sua produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral analisar a correspondência entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar, investigando de que modo a escrita epistolar constrói relações de amizade e homossociabilidade masculina e elabora, de forma indireta e controlada, o discurso da doença no contexto da cultura letrada brasileira do final do século XIX e início do século XX. Ao longo do trabalho, consideramos a carta não como simples registro factual ou apêndice biográfico, mas como prática discursiva orientada por convenções, expectativas e escolhas conscientes do remetente.

Os objetivos específicos propostos foram alcançados ao longo da análise de maneira integrada. Em primeiro lugar, situamos a correspondência machadiana no âmbito dos estudos literários e epistolares, discutindo o lugar historicamente ambíguo da carta no campo da literatura. Esse percurso permitiu compreender que a escrita epistolar não se caracteriza pela espontaneidade absoluta, mas por procedimentos formais, escolhas retóricas e atenção constante ao destinatário, o que justifica sua leitura como objeto legítimo de análise literária.

Em seguida, examinamos as formas discursivas por meio das quais a amizade se manifesta nas cartas. Observamos que os vínculos entre os correspondentes se afirmam e se mantêm por meio de gestos reiterados de atenção, pedidos, conselhos, demonstrações de cuidado e confiança. Tanto na relação entre Machado de Assis e Magalhães de Azeredo quanto na relação entre Machado e Mário de Alencar, não se identificam normas rígidas de hierarquia, apesar da posição central ocupada por Machado no campo literário. Nessas relações, a amizade se estabelece em um registro de relativa horizontalidade, sustentada pela afinidade intelectual, pela troca constante de correspondência e pela partilha de inquietações pessoais.

Outro objetivo específico consistiu em analisar os modos pelos quais o discurso da doença aparece nas cartas, considerando tanto as menções quanto os silêncios que as cercam. O recorte adotado concentrou-se na doença na literatura de Machado de Assis, tal como ela é elaborada na correspondência, evitando abordagens de cunho explicativo ou determinista. A enfermidade ocupa, nas cartas, um lugar de destaque, embora nunca seja nomeada de maneira direta. O que se observa é um dizer contido, indireto e cuidadosamente regulado, que varia conforme o interlocutor e o grau de proximidade existente. Nesse sentido, os silêncios integram o próprio modo de elaboração discursiva da experiência do adoecimento, e não ausência de sentido.

A análise permitiu ainda compreender o papel dessas trocas epistolares na configuração de redes intelectuais masculinas no período. As cartas revelam uma forma de convivência sustentada pela solidariedade, pelo aconselhamento mútuo e pela atenção às fragilidades do outro. A homossociabilidade que se constrói nesse contexto não se limita aos espaços institucionais, como a Academia Brasileira de Letras, mas se estende ao plano afetivo, no qual a escrita funciona como meio de aproximação, apoio e reconhecimento entre homens letrados.

No conjunto da correspondência analisada, as cartas de Machado de Assis assumem papel central. Elas permitem compreender o autor como um missivista performático, consciente dos efeitos da escrita e atento à imagem que projeta de si. Machado evita discutir política e se afasta deliberadamente de polêmicas, adotando uma postura marcada pela moderação, pela reserva e pelo controle do discurso. Por meio dessa escrita contida, consolida a imagem de homem sábio, experiente e, ao mesmo tempo, de doente digno, que enfrenta os limites do corpo sem dramatização excessiva e sem exposição direta da intimidade.

Ao cumprir os objetivos, esta dissertação buscou demonstrar que a correspondência entre Machado de Assis, Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar constitui um espaço privilegiado para observar a construção discursiva da amizade, da homossociabilidade masculina e do adoecimento. Ao reconhecer a carta como forma legítima de elaboração literária e baseada na relação entre interlocutores, o trabalho contribui para ampliar o campo dos estudos literários brasileiros e reforça a importância da epistolografia como via de acesso a dimensões centrais da vida intelectual, dos afetos e das experiências compartilhadas no período estudado.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mário de. Páginas de saudade. *In*: ALENCAR, Mário de. *Alguns Escritos*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910, p. 28 – 53. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/72/Alguns_Escritos_%281910%29.pdf. Acesso em: 24 nov. 2025.

AMARAL, Glória Carneiro do. *In*: GALVÃO, Walnice N.; GOTLIB, Nádia B. (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 19-33.

ARANHA, José Pereira da Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*: comentários e notas à correspondência entre esses dois escritores. São Paulo: Monteiro Lobato & C. Editores, 1923. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/3932/1/001036_COMPLETO.pdf. Acesso em: 30 nov. 2025.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Maria Stephania da Costa Flores. Jandira, SP: Principis, 2021.

ASSIS, Machado de. A semana. *Gazeta de notícias*. Rio de Janeiro, n. 237, ago., 1895. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/103730/per103730_1895_00237.pdf. Acesso em: 30 nov. 2025.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo I – 1860-1869. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II – 1870-1889. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo III – 1890-1900. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo IV – 1901-1904. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V – 1905-1908. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Empréstimo de ouro: cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Nota inicial de Antonio Cândido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho e Teresa Cristina M. de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009.

ASSIS, Machado de. Memorial de Aires. In: *Obra completa: contos*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, v. 1, p. 1168.

ASSIS, Machado de. *Obra completa: crítica*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, v. III, p. 679-940.

ASSIS, Machado de. *Obra completa: crônica*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, v. III, p. 325-775.

ASSIS, Machado de. *Obra completa: epistolário*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, v. III, p. 1027-1094.

AZEREDO, Carlos Magalhães de; ASSIS, Machado de. *Revista Moderna*, Rio de Janeiro, 9.ed., p. 269-271, 1897. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/282383/per282383_1897_00009.pdf. Acesso em: 16 dez 2025.

AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. São Paulo: 2006. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Bakhtin-Marxismo_filosofia_linguagem.pdf. Acesso em: 30 dez. 2025.

BARBIERI, Ivo. O lapso ou uma psicoterapia de humor. In: JOBIM, José Luís. Org. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/803622493/Jornal-e-Literatura-A-Imprensa-Brasileira-No-Seculo-XIX-Z-lib-io>. Acesso em: 17 jul. 2025.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 57-64.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012. Acesso em: 28 nov. 2025.

CANDIDO, Antonio. Nota inicial. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Empréstimo de ouro: cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho e Teresa Cristina M. de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

CASTRO, Alexandre de Carvalho. Memórias póstumas da loucura mulata: as apropriações de Machado de Assis sob o corte patológico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, jul-set. 2019, p. 863-877. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/dK34GGndFdK7b99Z8z99TKx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2026.

CÍCERO, Marco Túlio. *Da amizade*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza; notas de Homero Santiago. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COUTINHO, Afrânio. Um Machado diferente. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, v. 3, p. 1027-1028.

COUTINHO, Eduardo F.; OLIVEIRA, Teresa Cristina Meireles. “Empréstimo de ouro”: cartas de um “velho amigo”. In: COUTINHO, Eduardo F.; OLIVEIRA, Teresa Cristina Meireles. *Empréstimo de ouro: cartas de Machado de Assis a Mário de Alencar*. Nota inicial de Antonio Cândido. Organização, introdução e notas de Eduardo F. Coutinho e Teresa Cristina M. de Oliveira. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009.

CRISTIANINI, Maria Carolina. O que há de tão importante no urinol de Duchamp? *Aventuras na História*. São Paulo, 31 ago. 2018. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-urinol- Duchamp.phtml>. Acesso em: 4 jun. 2025.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

EULALIO, Alexandre. Em torno de uma carta de Machado de Assis. *Revista Novos Estudos*, n. 23, p. 188 – 195, mar. 1989. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/produto/edicao-23/#58db3331c73fb>. Acesso em: 8 jul. 2025.

FANINI, Michele A. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022010-173143/publico/MICHELE_ASMAR_FANINI.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Rio de imagens: cultura midiática na Belle Époque. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 205-224, 2020. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/47718/33872>. Acesso em: 28 nov. 2025.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-24.

GRIECO, Agrippino. *Viagem em torno a Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.

GUSMÃO, Emery Marques. Debates sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p. 269-289, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/3816/6575>. Acesso em: 28 nov. 2025.

HAMMARÉN, N.; JOHANSSON, T. Homosociality: in between power and intimacy. *SAGE Open*, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2158244013518057>. Acesso em: 27 nov. 2025.

JESUS, Christianne Theodoro de. *Memórias da repressão política na primeira República: relatos jornalísticos, memorialísticos e literários da repressão florianista durante a revolta da armada (1893-1894)*. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/25762/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20CPDOC%20Christianne%20Theodoro%20de%20Jesus.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 out. 2023.

LECHAKOSKI, Leandro; ADELMAN, Miriam. *O homem cordial: modernização do Brasil e homosociabilidade*. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/snpgecs/issue/view/131>. Acesso em: 18 jul. 2023.

LEMONS, Pedro Sanches de. *These*. Rio de Janeiro, 1872. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/teses/TM-0125.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

LIPMAN-BLUMEN, Jean. Toward a homosocial theory of sex roles: an explanation of the sex segregation of social institutions. *Signs*, v. 1, n. 3, 1976, p. 15-31. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3172990>. Acesso em: 27 nov. 2025.

LOPES, José Leme. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1974.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis: vida e obra*. v. 4. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. 2. ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis (1935 – 1958): ensaios*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice N.; GOTLIB, Nádia B. (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 41-54.

MONTELLO, Josué. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

MOREIRA, Sebastião Rogério Góis. Epilepsia: concepção histórica, aspectos conceituais, diagnóstico e tratamento. *Mental*, Barbacena, v. 2, n. 3, p. 107-122, nov. 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jul. 2023.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 49-55, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkBBDpL4Xn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 28 nov. 2025.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PEREGRINO JÚNIOR. *Doença e constituição de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

PIRES, Vera Lucia. Dialogismo e alteridade ou A teoria da enunciação em Bakhtin. *Organon*, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782>. Acesso em: 10 jan. 2026.

PLATÃO. *Diálogos IV: Parmênides (ou das formas); Político (ou da realeza); Filebo (ou do prazer); Lísias (ou da amizade)*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2015.

PLATÃO. *Banquete*. Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Martin Claret, 2015.

RAMOS, Manuel. Teoria clássica e medieval da composição epistolar: entre epistolografia e retórica. *Revista CEM - Cultura, Espaço e Memória*, Porto, n. 8, p. 25 – 42. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4658/4346>. Acesso em 10 jun. 2025.

RIBAS, Maria Cristina C. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: 7 Letras, 2008.

ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro em si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. *Psyche (São Paulo)*. São Paulo, v. 10, n. 17, p. 65-86, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 mar. 2024.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Cartas que falam: ensaios sobre epistolografia*. Belo Horizonte: Relicário, 2023.

ROMERO, Sylvio. *Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936.

ROUANET, Sergio Paulo. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo II – 1870-1889. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

ROUANET, Sergio Paulo. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo III – 1890-1900. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

ROUANET, Sergio Paulo. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*: tomo V – 1905 – 1908. Coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Global. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2019.

SEDGWICK, Eve Kosofski. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York. Columbia University Press, 1985. Disponível em: http://users.uoa.gr/~cdokou/TheoryCriticismTexts/Sedgwick--Between_Men.pdf. Acesso em: 2 jul. 2023.

SILVA, Hebe Cristina. *A busca da moral: considerações acerca da crítica de romances na imprensa brasileira oitocentista*. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/100.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

SILVA, José Remon T. *Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem*. In: 18º REDOR. Recife, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/686/808>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SILVA, Otoniel Machado da. *Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice: o Machado de Assis das cartas*. João Pessoa: Editora IFPB, 2015. Disponível em: <http://editora.ifpb.edu.br/ifpb/catalog/view/448/247/1453-1>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Teoria da literatura. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 368-389.

TIN, Emerson (Org.). *A arte de escrever cartas*: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. Disponível em: <https://editoraunicamp.com.br/catalogo/?id=1706>. Acesso em: 10 out. 2024.